

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA
MESTRADO

Silvio Luiz Wolitz de Almeida Junior

HOLISMO E ESPIRITUALIDADE CRISTÃ

Prof. Dr. Luiz Carlos Susin
Orientador

Porto Alegre
2010

Silvio Luiz Wolitz de Almeida Junior

HOLISMO E ESPIRITUALIDADE CRISTÃ

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Teologia da Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul como requisito para obtenção do grau de Mestre em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Susin

Porto Alegre
2010

GRATIDÃO

Agradeço:

- ao Deus-Trindade, o Deus da vida, que sustenta tudo o que existe com seu amor e inspira meu coração a querer ser melhor no serviço aos irmãos.

- a Fernanda, minha esposa, pelo testemunho de amor, incentivo e fé durante todo o processo desse trabalho.

- a todos os professores e funcionários da Faculdade de Teologia da PUCRS que colaboram com meu aprendizado e crescimento acadêmico.

- a minha família que sempre acreditou em mim e lutou ao meu lado, em especial Neusa a minha querida mãe.

- ao meu orientador, Prof. Dr. Luiz Carlos Susin, pela dedicação, firmeza, persistência, e o cuidado na minha caminhada de produção deste trabalho.

- ao Pe. Pedro Kunrath, Pe. Rubens do Santos, Pe. Eduardo Santos, Pe. Leomar Brustolin, Pe. Érico Hammes, Pe. Sérgio Marucci, Ir. Veroni de Medeiros, Augusto Teixeira, Fátima Ali, Mateus Silveira e Fabiano Vian, são grandes amigos que acompanham a minha caminhada pessoal e profissional, sempre torcendo pelo meu sucesso.

Cântico das criaturas

Louvado seja Deus na natureza,
Mãe gloriosa e bela da Beleza,
E com todas as suas criaturas;

Pelo irmão Sol, o mais bondoso
E glorioso irmão pelas alturas,
O verdadeiro, o belo, que ilumina
Criando a pura glória - a luz do dia!

Louvado seja pelas irmãs Estrelas,
Pela irmã Lua que derrama o luar,
Belas, claras irmãs silenciosas
E luminosas, suspensas no ar.

Louvado seja pela irmã Nuvem que há-de
Dar-nos a fina chuva que consola;
Pelo Céu azul e pela Tempestade;
Pelo irmão Vento, que rebrama e rola.

Louvado seja pela preciosa,
Bondosa água, irmã útil e bela,
Que brota humilde. É casta e se oferece
A todo o que apetece o gosto dela.

Louvado seja pela maravilha
Que rebrilha no Lume, o irmão ardente,
Tão forte, que amanhece a noite escura,
E tão amável, que alumia a gente.

Louvado seja pelos seus amores,
Pela irmã madre Terra e seus primores,
Que nos ampara e oferta seus produtos,
Árvores, frutos, ervas, pão e flores.
Louvado seja pelos que passaram
Os tormentos do mundo dolorosos,
E, contentes, sorrindo, perdoaram;
Pela alegria dos que trabalham,
Pela morte serena dos bondosos.

Louvado seja Deus na mãe querida,
A natureza que fez bela e forte:
Louvado seja pela irmã Vida
Louvado seja pela irmã Morte.
Amém

(Inspirado no cântico das criaturas de São
Francisco de Assis)

RESUMO

A presente Dissertação apresentada para o Mestrado em Teologia discorre em duas áreas: a espiritualidade cristã e o paradigma ecológico-holístico. O Paradigma Moderno, a tecnologia e a ciência e a globalização conduziram o homem a uma condição de conhecimento e desenvolvimento maravilhosos. A racionalidade do paradigma dominante com sua marca racionalista-mecanicista-reducionista instituiu o conceito de progresso como desenvolvimento econômico, levando ao ápice capitalista e o homem a uma derradeira situação. A vida nunca esteve tão ameaçada na história da humanidade. Diante das crises ecológicas e sociais do século XXI o ser humano se encontra perplexo. A racionalidade dominante não oferece soluções capazes de resolver as problemáticas modernas. Então emerge o Paradigma Ecológico-Holístico, manifestando novas: consciência, ética e pensamento. A humanidade percebe-se como uma única comunidade que habita a mesma casa: o planeta Terra. A ecologia, a física quântica e a espiritualidade constroem novas pontes entre a ciência e a realidade e provocam uma transformação nas perspectivas da humanidade. Nesse contexto o Cristianismo, com sua espiritualidade histórica e encarnada, expressa a fé na boa notícia de Jesus Cristo e entra em diálogo com a macrotransição. A espiritualidade cristã, sem deixar de manifestar a sua identidade no seguimento de Jesus Cristo e na missão pelo Reino de Deus, procura promover a plenitude da comunidade humana na inculturação do Evangelho, na defesa a todas as formas e expressões da vida e no reencantamento frente ao mistério do universo.

Palavras-chave: Espiritualidade Cristã, Holismo, Paradigma emergente, Macrotransição, Ecologia.

ABSTRACT

This Thesis submitted for Master of Theology discourse about two areas: Christian spirituality and eco-holistic paradigm. The Modern Paradigm, the science, the technology and the globalization have led the man to a wonderful condition of development and knowledge. The rationality of the dominant paradigm, with its brand rationalist-mechanist-reductionist, introduced the concept of progress as economic development, leading capitalism to the summit and man to a final situation. Life has never been so threatened in humanity's history. Considering the XXI century ecological and social crisis, human being is perplexed. The dominant rationality does not offer solutions that address the modern issues. Then emerges the Eco-Holistic Paradigm expressing new: consciousness, ethics and thought. Humanity sees itself as a unique community that inhabits the same house: the planet Earth. The ecology, quantum physics and spirituality build new bridges between science and reality and it arouses to a transformation in humanity's perspective. In this context, Christianity, with its historical and embodied spirituality, express the faith in Jesus Christ good news and get in dialogue with macroshift. The Christian spirituality, while expressing its identity with Jesus Christ good news and with the Kingdom of God mission, seek to promote the fullness of the human community in the inculturation of Gospel, in defense of all forms and expressions of life and re-enchantment in front the mystery of the universe.

Key-words: Christian Spirituality, Holism, Paradigm emerging, Macroshift, Ecology.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1. HOLISMO E ESPIRITUALIDADE HOLÍSTICA.....	12
1.1. Sobre Paradigmas.....	12
1.1.1. Conceito.....	13
1.1.2. Paradigma Moderno e suas Consequências.....	15
1.2. Emergência do Paradigma Holístico.....	21
1.2.1. Aspecto científico.....	22
1.2.2. Aspectos culturais, filosóficos e éticos.....	27
1.2.3. Desenho de uma Espiritualidade Holística.....	31
2. ESPIRITUALIDADE DA ESPIRITUALIDADE CRISTÃ.....	35
2.1. Fundamentos Bíblicos da Espiritualidade Cristã.....	37
2.1.1. Espiritualidade Encarnada.....	46
2.1.2. Espiritualidade do seguimento e da missão pelo Reino.....	50
2.1.3. Espiritualidade Pascal.....	57
2.1.4. Espiritualidade Trinitária.....	62
2.1.5. Elementos históricos da espiritualidade cristã - <i>Caro cardo Salutis</i>	66
3. ESPIRITUALIDADE CRISTÃ E HOLÍSMO – CONFRONTO, SIMILARIDADES E DIFERENÇAS.....	78
3.1. Inculturação e Encarnação.....	80
3.2. Holismo Trinitário.....	88
3.3. Ecologia e espiritualidade escatológica da criação.....	95
CONCLUSÃO.....	102
REFERÊNCIAS.....	106

INTRODUÇÃO

O planeta Terra e a humanidade demonstram claramente as consequências dos atuais paradigmas e visões de mundo. O paradigma moderno, como grande poder explicativo, sustentou o marcante progresso tecnológico, com ênfase no racionalismo empírico e no controle da natureza, expressando a atitude geral do homem frente ao mundo. Uma visão racionalista-mecanicista-reducionista da realidade, originária da filosofia de Descartes e da física de Newton, justificaram o progresso como desenvolvimento econômico, chegando ao ápice capitalista e às leis do mercado, e levando o homem a uma derradeira situação¹: a separação de objeto e sujeito, entre consciência e mundo, entre alma e corpo, indivíduo e comunidade, homem e natureza, os grandes ideais de igualdade e liberdade. O Homem habita o grandioso Universo-máquina, regido por leis matemáticas perfeitas. Desmorona-se a visão orgânica do mundo, cálida e misteriosa, estabelece-se a fria e estreita visão reducionista e racionalista².

Nas últimas décadas, ocorreram transformações que atingiram todos os níveis da vida. A crise ecológica, social, e da civilização, a perplexidade diante dos complexos problemas da atualidade têm provocado a aproximação de diferentes áreas do conhecimento, procurando respostas, ações cooperativas, movimentos interdisciplinares. Nesta perspectiva, o paradigma ecológico-holístico emerge cada vez mais como uma nova forma de compreender o mundo, uma nova realidade científica e social. O holismo postula que há uma tendência, que se supõe seja própria do Universo, a sintetizar unidades em totalidades organizadas. O homem é um todo indivisível, que não pode ser explicado pelos seus distintos componentes (físico, psicológico ou psíquico) considerados separadamente. O objetivo é um entendimento de conjunto, uma visão do todo que possui as características próprias e independentes das características de suas partes³. A física quântica, os princípios de indeterminação de Heisenberg e de complementaridade de Niels Bohr, o desenvolvimento da ética ecológica e da educação

¹ CREMA, Roberto. *Introdução a visão holística: breve relato de viagem do velho para o novo paradigma*. São Paulo: Sumus, 1980, p. 27.

² *Ibidem*, p. 33.

³ *Ibidem*, p. 59-72.

ambiental, como também os conhecimentos de diferentes áreas abrem uma nova perspectiva para a ciência⁴.

O século XXI é o da consolidação da globalização. A terra é um superorganismo, em que terra, vida e humanidade não são realidades justapostas, mas formam um todo orgânico, um superorganismo vivo que tem bilhões de anos de evolução e de história. Cosmos, terra, vida e humanidade formam um todo. Somos a própria terra que chegou ao seu momento de consciência, de sentimento, de liberdade e de responsabilidade. Os seres humanos que estavam dispersos em suas culturas, confinados em suas línguas e estados-nações, agora estão voltando do seu exílio rumo à casa comum que é o planeta terra. A globalização representa este novo momento da terra e da espécie humana. Todos se encontram como num único lugar: no Planeta Terra. A partir de agora só haverá a história da humanidade unificada e globalizada, unida com a história da terra⁵.

A teologia deve tomar a posição de Paulo em Atenas ao usar o verbo traduzido do grego por “dialogar” (At 17,17): o diálogo entre a visão de mundo que surge da ciência e a proveniente da revelação. O diálogo remete a convicções diferentes: a da complementaridade, da interação ou da colaboração. Posições diferentes que podem admitir uma convergência ou complementaridade. Podemos falar aqui de valores complementares. No nível existencial: a fé dá as respostas que a ciência ignora, pode-se dizer: “a ciência diz o como; a fé, o porquê”. no nível ético: a ciência carece de religião para lhe apresentar uma escala de valores que ordene o seu desenvolvimento, evitando uma ciência sem limites⁶.

O Cristianismo é encarnado, se manifesta na história e através dela; é Deus que vem ao nosso encontro. A espiritualidade cristã não pode ser pensada, muito menos vivida fora do coração do mundo, ela está fundamentalmente enraizada com a realidade. Hoje tornou-se imprescindível um diálogo profundo com as teorias científicas modernas na busca de respostas e de uma compreensão global da natureza, do homem e da experiência religiosa. Há uma imperiosa exigência de se repensar nossa relação com o meio ambiente, com as manifestações da vida e o cosmo.

⁴ GIMARÃES, Carlos Antonio Fragas. *O Novo Paradigma Ecológico-Holístico*, 2006. Disponível em: <<http://br.geocities.com/carlos.guimaraes/holistica.html>> Acesso em: 10 de abril de 2009.

⁵ BOFF, Leonardo. *Século XXI, Século da Espiritualidade?* 2001. Disponível em: <<http://www.leonardoboff.com/site/lboff.htm>>;. Acesso em: 06 de maio de 2009.

⁶ MALDAMÉ, Jean-Michel. *Cristo para o Universo: Fé cristã e cosmologia moderna*. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 44.

A espiritualidade é atribuída a todo homem que está aberto ao mistério. Algumas dimensões da espiritualidade cristã merecem destaque. A Dimensão Trinitária: a vida do cristão procede e tende à comunhão com Deus Trino; na relação com o Pai, com uma experiência filial e de disponibilidade ao plano salvífico; na relação com o Filho que transmite verdadeira vida. No seu seguimento e na inserção no seu Corpo místico somos introduzidos na vida de Deus. Assim, a experiência pascal é central, pois é pela encarnação, morte e ressurreição que o gênero humano recebe a graça e participa da vida divina. No Espírito, relação traduzida em um caminho de espiritualidade que conduz à maturidade e à renovação. Dimensão Eclesial: a salvação tem um caráter comunitário; deve realizar-se na comunidade dos fiéis, na Igreja, assembleia onde Cristo está presente sacramentalmente em seus mistérios fazendo-os comunidade de vida, concreta na promoção da fraternidade, da solidariedade, na caridade, na amizade e no apostolado marcadamente testemunhado no amor⁷.

Podem-se traduzir o intuito e o esforço desejado por esta Dissertação na visão do astronauta John W. Yong, por ocasião da quinta viagem à Lua, em 1972. Sua visão é paradigmática: “Lá embaixo está a Terra, esse planeta branco-azul, belíssimo, resplandecente, nossa pátria humana. Desta perspectiva, não há nele brancos e negros, divisões entre leste e oeste, norte e sul. Todos formamos uma única Terra. Como uma bola de natal dependurada no fundo negro do universo. Temos um destino comum, devemos aprender a amar a terra como nossa casa comum. Somos cidadãos do mundo e não deste ou daquele país”⁸.

Cada vez mais nos sentiremos como uma sociedade mundial: uma pelas convergências comuns, e diversas pelas expressões culturais diferentes de realizar unidade. Formaremos e nos sentiremos como uma única família.

Num retorno à mística, buscamos os pilares e as raízes da experiência cristã, na procura de responder à pergunta: como propor uma espiritualidade sem fundamentalismo, e sim com fundamentos que possam corresponder aos conhecimentos científicos modernos, dialogal, que vai ao encontro do outro? Isso sem perder a própria identidade da espiritualidade cristã, trinitária, cristocêntrica, com dimensões eclesiológicas e, portanto, com expressão comunitária e social.

⁷ Características específicas da espiritualidade cristã. (Cf. LOIS, Julio. Espiritualidade. In: SAMANES, Cassiano Floristán; TAMAYO-ACOSTA, Juan-José. *Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 1999, p. 243-241)
DICIONÁRIO DE ESPIRITUALIDADE. p. 347.

⁸ BRIGUENTI, Agenor. *A Igreja Perplexa: a novas perguntas, novas respostas*. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 77.

Não há mais como estar fechada em si mesma, a espiritualidade cristã deve conseguir realizar pontes com os conhecimentos do nosso tempo. A física moderna, a biologia, a química, a história, a sociologia e todas as outras áreas do conhecimento seguem à procura de respostas sobre quem é o homem no universo, sobre seu lugar no cosmos. É preciso articular esses saberes se nossa pretensão é anunciar uma boa notícia, dizer algo sobre e para o homem do mundo globalizado, pluricultural e dito pós-moderno.

Essa Dissertação tem o objetivo de apresentar a identidade da Espiritualidade cristã e estabelecer um diálogo com o Holismo. No confronto com a macrotransição aprofundar similaridades e diferenças. No primeiro capítulo apresenta o conceito de paradigma e uma contextualização do paradigma moderno. A emergência do holismo e seus aspectos científicos, culturais e éticos, para desenhar um esboço da espiritualidade holística.

O segundo capítulo discorre sobre a identidade e os fundamentos da espiritualidade cristã. Define características fundamentais da experiência de Jesus Cristo e da vida espiritual do cristão. Uma espiritualidade de seguimento e missão pelo Reino de Deus, encarnada, histórica, trinitária e pascal. Completa apresentando um panorama histórico e do desenvolvimento e inculturação dessa espiritualidade.

O terceiro capítulo procura pontos e convergência entre a Espiritualidade Cristã e o Holismo. Ao beber na fonte da experiência cristã procura estabelecer pontes de diálogo com a macrotransição e o novo paradigma ecológico. Na inculturação, no holismo trinitário e na espiritualidade escatológica da criação, vê possibilidades de aprofundar a boa notícia de Jesus Cristo e revelar o amor de Deus que convida os homens e mulheres a formarem uma só família reunida em torno do amor.

1. PARADIGMA HOLÍSTICO E ESPIRITUALIDADE HOLÍSTICA

No instante ou período em que as problemáticas enfrentadas perdem a condição de ser resolvidas dentro de um determinado sistema racional; no momento em que entram em conflito com os eixos fundamentais responsáveis de avaliar a unidade, a consistência e a coerência de determinada concepção de mundo, então as plausíveis repostas dentro de um determinado *logos* sequer se aproximam ou tangenciam algum caminho de resolução para o problema estabelecido, insurrecionam então as crises. O pensamento humano, a filosofia, a ciência, a teologia e a espiritualidade podem mostrar a sua maior importância e desafiar as capacidades do intelecto humano. Para Maurício Abdalla, vivemos um momento assim, em que os sábios se tornam insensatos, e os loucos adquirem bom senso⁹.

Longe de alimentar um pessimismo sem saída, é hora de rever os pilares da nossa racionalidade, rever os fundamentos de nossos paradigmas e analisar a macrotransição eminente. Com as descobertas cada vez mais incríveis na ciência, o despertar da sensibilidade e da solidariedade, a ampliação da visão e da consciência de nosso lugar no mundo e da rede que interliga a única e complexa “comunidade” de seres vivos do planeta, é inegável a necessidade de reconstruir nossas relações para garantir a dignidade da vida na Terra.

1.1. Sobre Paradigmas

Paradigmas são realizações científicas reconhecidas universalmente que, durante um período, fornecem soluções modelares e interpretação da realidade para uma comunidade humana, seus pensadores e cientistas¹⁰. Engloba o conjunto de crenças, valores, técnicas e procedimentos compartilhados por uma determinada comunidade. Segundo Thomas Kuhn, as revoluções científicas são episódios de desenvolvimento não-cumulativo, nos quais um paradigma mais antigo é total ou parcialmente superado e

⁹ABDALLA, Maurício. *O Princípio da cooperação: em busca de uma nova racionalidade*. São Paulo: Paulus, 2002, p. 25.

¹⁰ KUHN, Thomas. *A Estrutura das Revoluções Científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1987, p. 18.

até substituído por aquele que surge demonstrando ser o mais adequado à construção científica. Já o surgimento de um novo paradigma não se dá pelo processo de acúmulo linear de conhecimentos, de interpretação, mas de um acontecimento abrupto, ou seja, sem estrutura definida.

1.1.1 Conceito

Uma mudança profunda e irreversível, para as ciências naturais, se denomina “evolução”. A Teoria do Caos e dos sistemas dinâmicos a chamará de “bifurcação” se ela caracterizar rapidez e uma indeterminação intrínseca. A “macrotransição” é o equivalente social das “bifurcações”. Por não ser local e limitada, mas grande e geral, é compreendida por “macro”. Várias gerações passaram, nos povos e sociedades, para criar uma cultura capaz de engrenar com as mudanças produzidas por elas mesmas no modo e nas condições de vida. Agora, durante um período curto, na mesma geração, em diferentes momentos, cria-se a cultura necessária para sobreviver e prosperar no mundo.

Uma macrotransição é determinada pela consciência dos membros do sistema. Isso ocorre porque, como em todo o processo de bifurcação, uma bifurcação na esfera social inicialmente é indecisa quanto à conclusão para a qual se orienta. Seu resultado é decidido por flutuações aleatórias dentro do sistema ou em seu ambiente. Ao contrário dos sistemas naturais, nos quais o sistema não controla as suas flutuações – elas não são influenciadas pela vontade consciente de seus membros – as sociedades humanas estão sujeitas aos valores e às vontades dos seres humanos. Inevitavelmente, a consciência daqueles que participam de uma macrotransição age de maneira decisiva e determinante no seu resultado¹¹.

A macrotransição que estamos vivendo não é a primeira da História. Quando nossos antepassados desenvolveram algumas formas de cultura e de organização social, ocorreram mudanças nas relações dos indivíduos entre si e com a natureza, o que levou a transformações nas suas crenças, suas cosmovisões e seus valores. O ritmo das mudanças tem acelerado ao longo da história da vida e da história humana. Podemos caracterizar três eras importantes: *Mythos*, *Theos* e *Logos*. Da era do *Mythos* para a era do *Theos* foram aproximadamente mil anos, e para mudar da era do *Theos* para a

¹¹ LASZLO, Ervin. *Macrotransição: o desafio para terceiro milênio*. São Paulo: Axis Mundi: Antakarana/Willis Harman House, 2001, p. 24.

variante clássica do *Logos*, muitos séculos se passaram. Apesar de os seguidores de Jesus levarem séculos até o cristianismo atingir sua ascensão na Europa, a conversão de Constantino representou uma solidificação rápida. O que compreendemos como *Logos* da era moderna nasceu dentro do *Logos medieval*, em um período de cerca de um século. E no século XX, seu colapso ocorreu em décadas. O ritmo acelerado pode ser compreendido ao voltarmos nosso olhar para a história da vida na terra. São aproximadamente quatro bilhões de anos desde o aparecimento das primeiras formas de vida; espécies cada vez mais complexas apareceram na biosfera, evoluindo em um ritmo sempre mais acelerado.

Com o *Homo sapiens sapiens*, o processo evolutivo dos hominídeos se transformou de genético para sociocultural, o que o levou seu ritmo para outra ordem de magnitude. Há cerca de 50 mil anos, temos registros de civilizações organizadas, com ritos de passagem, escrita e práticas socioculturais. De oito a dez mil anos antes do nosso tempo, o homem domesticou as primeiras variedades de animais e passou a cultivar plantas. Surgiram, alguns milhares de anos mais tarde, os impérios arcaicos do Oriente Médio e do Extremo Oriente. Para ilustrar, é possível comprimir o tempo da vida no planeta, o qual é estimado em cinco bilhões de anos, em um único ano. Nessa perspectiva, os mamíferos só surgiriam em dezembro, e o *Homo erectus* nos últimos 100 minutos, na noite de 31 de dezembro entre dez e onze da noite, e mais de 90 % desses 100 minutos gastos com a busca de alimentação e produção de instrumentos de pedra lascada. E, somente no último minuto, teríamos a aurora das descobertas do *sapiens*: o uso dos metais, o domínio das oceanos e da atmosfera, a utilização da energia dos combustíveis fósseis e do átomo. E, assim, da macrotransição do *Mythos* dos pastores neolíticos, dos homens da terra e agricultores para o *Theos* das grandes civilizações da História ocorreu nos últimos 30 segundos. A macrotransição de *Theos* para *Logos* do mundo clássico teria lugar nos últimos 12 segundos, e, por fim, a macrotransição do nosso tempo começaria no último segundo antes de o relógio marcar meio-noite.

A humanidade construiu uma série de cosmovisões e paradigmas no decorrer da sua história. Para compreender melhor o momento em que chegamos, podemos retornar aos séculos XVI e XVII. A cosmovisão escolástica aristotélica-tomista, a qual mesclava razão e fé, dominante em toda a Idade Média, é abalada de forma profunda e irreparável pelo Renascimento e, finalmente, pelo Iluminismo. Inicia-se então a Revolução científica, responsável por desvincular profano e sagrado. Como afirma Frijof Capra:

No século XVII, René Descartes baseou a sua concepção da natureza numa visão fundamental entre dois domínios independentes e separados – o da mente, a ‘coisa pensante’ (res cogitans), e o da matéria, a ‘coisa extensa’ (res extensa). Essa cisão conceitual entre mente e matéria tem assombrado a ciência e a filosofia ocidentais há mais de trezentos anos.¹²

A concepção racionalista-mecanicista-reducionista, fruto do trabalho de Descartes em seu pensamento, de Bacon no método empírico indutivo, e da física Newtoniana, norteou a ciência moderna e a guiou a previsibilidade, a quantificação e o controle da natureza, do ambiente e da vida. O desenvolvimento econômico tornou-se sinônimo de progresso e conduziu ao apogeu das leis do mercado, e a humanidade a uma situação extrema¹³.

A simbiose entre religião e ciência, determinante no aprisionamento do fator objetivo pelo subjetivo e do profano pelo sagrado, passou por um rompimento, que de certa forma revelou-se como pervertido, dando lugar a outro equivocado extremismo.

1.1.2 Paradigma Moderno e suas consequências

A consciência mítica da era do *Mythos*, a consciência teísta da era *Theos* e a consciência racional da era *Logos*, cada um em seu tempo, apresentaram utilidade e funcionalidade. Pode-se afirmar que as civilizações humanas e a cultura mantiveram-se vivas e em desenvolvimento devido às formas de consciência mais adaptadas emergentes com o desenrolar do tempo. Isso que não aconteceu por toda a parte, pois são inúmeras as sociedades e civilizações vítimas das circunstâncias cambiantes para as quais não estavam prontas, não se adaptaram, não foram capazes de sobreviver¹⁴.

No final do século XX e início século XXI, observamos que os problemas e as crises enfrentados estão ultrapassando o limiar da tolerância; os sinais do colapso da sociedade industrializada clássica estão a nossa volta¹⁵. Nas últimas décadas, ocorreram transformações que atingiram todos os níveis da vida. A crise ecológica, social, e da civilização, a perplexidade diante dos complexos problemas da atualidade têm levado a

¹² CAPRA, Fritjof. *As conexões ocultas. Ciência para uma vida sustentável*, p. 62-66.

¹³ CREMA, Roberto. *Introdução a visão holística: breve relato de viagem do velho para o novo paradigma*, p. 27.

¹⁴ LASZLO, Ervin. *Macrotransição: o desafio para terceiro milênio*, p. 37.

¹⁵ *Ibidem*. p. 21.

aproximação de diferentes áreas do conhecimento, procurando respostas, ações cooperativas, movimentos interdisciplinares. Vivemos os momentos mais intensos de transformação na história:

Poucas décadas trouxeram as maiores transformações em todos os níveis da vida humana na face da terra. Nunca as mudanças foram tão velozes e nunca as transformações socioeconômicas afetaram tanto o equilíbrio do socioambiental.¹⁶

É a visão e o paradigma deste mundo dominante em crise; mundo determinado por uma forma de relação com a vida baseada num poder *tourt cort* antiética e excludente, mesmo com a reflexão das religiões no sentido oposto. É uma postura antropocêntrica que se potencializou na revolução científica/industrial e com o capitalismo avançado. Com uma filosofia, marcada pela liberdade/liberalismo, de um homem pretensamente apenas *homo hominis lupus*, ou como “contratante social”, seja materialista, mecanicista, reducionista, desespirtualizadora, seja nos mitos da razão instrumental, apreensão do natural pela razão/tecnologia/artificialização. São prismas que refletem uma coloração homogênea na procura de uma totalização do sentido e da realidade grande modelo hoje em ruptura¹⁷.

Enfim, o paradigma moderno, como grande poder explicativo, sustentou o marcante progresso tecnológico, com ênfase no racionalismo empírico e no controle da natureza, expressando a atitude geral do homem frente ao mundo.

O que despontou com clareza meridiana foi um misto de desagregação fragmentadora geral, de sentido, da base, dos valores e da cultura, das certezas, ao mesmo tempo que posturas teóricas orientadoras; abalo das instituições. E tudo isso em conjunção com uma obcecada busca de liberdade egoica e afirmação do poder individual a partir da transformação e posse material de coisas e pessoas através do mercado¹⁸.

A conquista do Outro, no domínio, na afirmação do ego instrumentalizado com saber e poder em vez da solidariedade, do respeito e da doação ao Outro e pela integração com a natureza e vida. Vivemos um momento impar; nunca as promessas

¹⁶ PELIZZOLI, M. L. *A emergência do paradigma ecológico: reflexões ético-filosóficas para o século XXI*. Petrópolis,: Vozes, 1999, p. 13.

¹⁷ Ibidem, p. 14.

¹⁸ Ibidem, p 13.

foram tão altas, nunca experimentamos um desenvolvimento tecnológico tão avançado, e jamais as condições foram tão reclamantes e evidentes. Já faz algum tempo que é possível ouvir o soar do alarme. A crise das relações humanas é evidente:

Atualmente, o grande crime da humanidade é o da exclusão social. Por todos os lados reinam fome crônica, aumento das doenças antes erradicadas, depredação dos recursos limitados da natureza e um ambiente geral de violência, de opressão e de guerra.¹⁹

A natureza reflete as consequências nefastas da postura predadora, utilitarista e irresponsável da humanidade.

A forma depredatória e irracional com a qual as grandes empresas vêm explorando os recursos naturais e agredindo a natureza através da emissão de poluentes e dejetos industriais no ar, na terra, nos rios e nos mares coloca em risco o ecossistema e já está tornando a natureza insuficiente para o número de habitantes do planeta. A emissão anual de cerca de 7 bilhões de toneladas de dióxido de carbono (CO₂) e de outros gases causadores do “efeito estufa” na atmosfera faz com que a temperatura do planeta se eleve em proporções alarmantes. De 1,4 °C até 2050, e 5 °C até 2100, porém estudos mais recentes chegam a prever um aumento de 6 °C já nas próximas décadas.²⁰

O Aquecimento Global, um fato inegável, pode gerar irrespirabilidade do ar, o crescimento do número de infecções e doenças transmitidas por insetos, o derretimento das calotas polares e geleiras – com isso, o aumento dos níveis dos mares, em distintas localidades do globo grandes secas e enchentes catastróficas, que já têm comprometido o abastecimento de alimentos²¹. A mudança na precipitação e nos níveis pluviométricos nos últimos 20 anos tem levado ao aumento das chuvas, alagamentos e deslizamentos de terras, comprometendo a vida de muitas populações. Países como Samoa, na Oceania, já estão comprando áreas de terra em outros continentes para transferir suas populações no futuro. Alguns ecossistemas estão profundamente ameaçados pelo aumento da temperatura dos Oceanos e pelo desaparecimento de espécies. As consequências vão desde a perda da biodiversidade, do equilíbrio dos sistemas vivos até atingir as populações humanas direta ou indiretamente dependentes desses biomas.

¹⁹ ABDALLA, Maurício. *O Princípio da cooperação: em busca de uma nova racionalidade..* p. 14.

²⁰ *Ibidem.* p. 27.

²¹ Os “gases-estufa” geram o aquecimento global, impedem a saída total da radiação e do calor que incidem sobre o planeta. Estão entre eles o metano e o CO₂ gases fundamentais para equilíbrio climático responsável por viabilizar o ambiente necessário para o surgimento da vida. Porém, os mesmos gases em grandes quantidades na atmosfera podem afetar e comprometer o equilíbrio ambiental e inviabilizar a vida.

Observam-se o desequilíbrio climático, as chuvas ácidas, a salinização e o ressecamento do solo, a extinção de espécies da fauna e flora, a perspectiva do esgotamento do petróleo – recurso não renovável e principal fonte de energia na sociedade – e a progressiva escassez de água potável. Atualmente, aproximadamente 1,2 bilhões de pessoas não têm acesso à água potável, dado que não revela somente a degradação dos mananciais, mas a má distribuição do acesso aos recursos hídricos. Por ano, 7 milhões de pessoas morrem pela falta do recurso mais abundante e característico do planeta Terra²². Muitas vezes denominado de “planeta água”, sem este bem natural não existiria vida na Terra; entretanto, nossa organização exclui grande parte da população do acesso a um recurso que não deveria ter “dono”.

Segundo a ONU, já em 1999, a população mundial atingiu os 6 bilhões de habitantes, número não tão expressivo se considerarmos os estudos da Professora Shelagh Ogilvie, da Universidade de Cambridge. Para essa pesquisadora, os recursos do planeta são capazes de comportar a existência de 10 bilhões de pessoas²³. A concentração dos recursos e a desigualdade na distribuição da população e das respectivas riquezas transformam esse número em preocupante e demasiadamente elevado. Seria necessário quatro vezes mais recursos se o modelo dominante fosse vivenciado por todos os habitantes da terra²⁴.

A crise não está somente nos acontecimentos que levam a destruição da natureza, ela está também no fato de não haver possibilidade alguma de resolver as problemáticas da nossa realidade baseado na lógica do desenvolvimento tomada como padrão para a maioria das nações do mundo e pela globalização, processo caracterizado pela competição totalmente desregrada. Qualquer solução possível inevitavelmente em choque com a racionalidade dominante criando uma indelével contradição. O paradoxo parece estar entre duas escolhas: abandonar as propostas de soluções ou destruir a concepção de mundo predominante. Segundo Maurício Abdala, as potências mundiais não estão propensas à segunda alternativa, justamente porque essa concepção de mundo sustenta a sua existência, uma vez que o poder está cristalizado nas megacorporações donas do controle do mercado e do capital e não nos Estados Nacionais²⁵.

²² ABDALLA, Maurício. *O Princípio da cooperação: em busca de uma nova racionalidade*. p. 14.

²³ Folha de S. Paulo, 12/10/99, p. 1-8.

²⁴ Se todos os habitantes do planeta estabelecessem como padrão o modo de vida e consumo de bens materiais, serviços, tecnologia e alimentos de um cidadão americano seriam necessários quatro planetas como a Terra para suprir as necessidades de todos os habitantes da terra.

²⁵ ABDALLA, Maurício. *O Princípio da cooperação: em busca de uma nova racionalidade*. p. 14.

O Greenpeace, depois de tantas conferências intergovernamentais tratando de questões do Meio Ambiente e Mudanças Climáticas, atestou o que nosso momento histórico traduz: “os governos abandonaram a promessa de cooperar em escala mundial para proteger a terra”.

O capital é, cada vez mais, o motor e o principal eixo de todo o sistema econômico mundial. Os mercados financeiros mundiais negociam US\$ 1,5 trilhões em negócios por dia. A produção, responsável pela geração dos meios de subsistência humana, há muito tempo já não é valorizada tanto quanto a especulação, que apresenta como resultado o surgimento de dinheiro sobre o dinheiro. A economia está direcionada ao seu aspecto financeiro e não produtivo. O dinheiro, enquanto entidade abstrata, é o principal eixo e o motor de toda organização econômica mundial²⁶. Calcula-se em US\$ 30 trilhões a riqueza real existente; entretanto, chega a aproximadamente US\$ 100 trilhões a quantidade de dinheiro existente em bônus, títulos, ações e espécie²⁷.

O paradigma vigente denomina desenvolvimento como crescimento econômico e tecnológico capaz de gerar acúmulo de riquezas. Assim, é desumanizado e desumanizador da existência humana porque o trabalho – essência humanizadora do ser humano – e a produção – uma condição de sua existência básica – não estão à disposição de todos²⁸. É deficiente enquanto houver uma só pessoa privada de trabalhar criativamente pelo bem estar próprio e coletivo²⁹, já que sua configuração faz com que seja necessário apenas um terço da população³⁰. Nossa condição pode ser resumida no seguinte dado: três bilionários do mundo têm em suas mãos um valor superior ao PIB dos 48 países menos desenvolvidos somados; nessas nações, vivem 600 milhões de pessoas³¹. Os mais ricos, que compreendem um quinto da população, consomem 45% da carne e do peixe; já os mais pobres consomem menos de 5%. A mesma quinta parcela mais rica consome 58% dos recursos energéticos, em contraste com os mais pobres, com 4%. Em 1998, por exemplo, somente 20% das pessoas tiveram acesso a

²⁶ Ibidem, p. 35.

²⁷ ARRUDA, Marcos. *Globalização financeira e neoliberalismo: grave enfermidade do capitalismo*, p. 36.

²⁸ Idem. *Globalização desafios socioeconômicos, éticos e educativos: uma visão a partir do sul*. p. 25-26.

²⁹ Ibidem, p. 27-28.

³⁰ Segundo o Relatório de Desenvolvimento Humano do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) de 2000, o número de pessoas capazes de trabalhar em condições de desemprego ou subempregadas e sem expectativa de melhora supera os 2,5 bilhões de cidadãos. São cerca de 1,2 bilhões as pessoas que vivem com menos de um dólar por dia. Número que após a última crise econômica devem ter sofrido algumas flutuações.

³¹ Relatório do PNUD de 1999.

86% do consumo de bens de serviço, o que revela a forte concentração em uma pequena fatia da população.

A situação progressiva de pobreza e as sequelas decorrentes, como fome, doença, violência, deteriorização do ser humano e degradação da sociedade atestam:

Consequências do modelo econômico desregulado e baseado nas forças do mercado. É o capitalismo atingindo sua face mais pura e mais avançada.³²

Na realidade brasileira, aproximadamente 50 milhões de pessoas vivem abaixo da linha da pobreza. Segundo o IBGE, 13,8% da renda está concentrada em 1% da população, os mais ricos; em contrapartida, apenas 13,5% da riqueza está na mãos de 50% da população, são os mais pobres³³.

O modelo conquista vítimas em toda a parte; nos países mais ricos, estima-se que 5 milhões de pessoas estejam desabrigadas, e 100 milhões localizam-se abaixo da linha da pobreza. O PNUD de 1998 afirma que 1,3 bilhões de pessoas estão abaixo do limite mínimo para a sobrevivência³⁴.

O eixo central da racionalidade burguesa, das relações entre os seres humanos e com a natureza, é a troca. Entretanto, não é uma troca complementar e fraterna, mas a troca interesseira e individualista, processo que tem a finalidade, não de satisfazer os dois lados envolvidos do processo, mas adquirir vantagens para um deles. Maurício Abdalla denominou esse processo de troca competitiva. Essa forma de troca fundamenta o mercado e não é um resultado das relações, mas um princípio: tudo é pensado a partir desse fundamento e referencial.

A ciência e a tecnologia contemporâneas estão subjugadas à mesma racionalidade e por isso são destrutivas da natureza e desumanizadoras do ser humano. A economia, a sociologia, a política e as demais áreas do conhecimento também não conseguem libertar-se dos limites impostos pela lógica do mercado; assim, sua produção aumenta o desempenho do sistema, ou procura evitar seu desenvolvimento selvagem. Para reconquistarem sua habilidade de propor caminhos e soluções para as problemáticas que enfrentam, as ciências humanas devem firmar-se em outra racionalidade, o que pouco a pouco começa a surgir no trabalho de muitos pensadores e

³² ABDALLA, Maurício. *O Princípio da cooperação: em busca de uma nova racionalidade*. p. 38.

³³ *Ibidem*, p.38.

³⁴ *Ibidem*, p.40.

da comunidade científica. Nessa relação, evidenciam-se a acumulação e a posse do máximo daquilo sob o qual pode-se manifestar poder, o resultado máximo de retorno em qualquer que seja o empreendimento. Em uma troca competitiva, existe o lado que obtém o retorno em detrimento do outro lado, do qual é retirado o que foi conquistado. Certa forma de relação é absolutizada, autônoma e tem existência própria, é a hipostasia do mercado, responsável pela construção de relações de exploração³⁵. A ontologia do mercado burguês considera somente “ser” aquele *que possui*; significa que quem não possui o que trocar não tem essência; é como se simplesmente não existisse. Por isso, a vida e o ser humano ocupam um valor inferior na escala axiológica dominante³⁶.

O momento é muito preocupante e esboça traços catastróficos, apesar da espécie humana já ter sobrevivido e continuar sobrevivendo às adversidades da natureza, considerando a sensibilidade do seu organismo, justamente por ter capacidade de sociabilizar-se³⁷ e transmitir cada uma de suas experiências às gerações posteriores. Estas as aperfeiçoavam e criavam sobre o já criado³⁸. Hoje o cenário contemplado é a civilização que vive na era da Globalização; as realidades estão intimamente interligadas, são interdependentes de uma maneira nunca antes vista na história humana. Nesse cenário, a pergunta central é: qual será o rumo da humanidade?

1.2 Emergência do Paradigma Holístico

Ao perceber a possibilidade de fracasso da nossa racionalidade, nossa forma de vida e organização, nosso sistema econômico e científico, nosso paradigma civilizacional nos conduz a repensar nossos fundamentos. Nossa civilização tem alcance global, uma estrutura interdependente; por isso, a humanidade como um todo se depara

³⁵ Ibidem. p. 50-56.

³⁶ Explorar, palavra do latim: *ex-plorare*. Significa: lançar gritos de dor, chorar gemendo. Segundo Francis Bacon os segredos da natureza são extraídos quando a submetemos a tortura. Exploração dá ideia de retirada, de obter ou arrancar algo a partir da força e do sofrimento de quem recebe a ação.

³⁷ Uma história muito usada em treinamento, cursos de capacitação profissional e reciclagem de trabalhadores com o foco de qualidade total traduz, de maneira um tanto cruel e ao mesmo tempo clara e lúcida, o espírito e a lógica da nossa racionalidade. Conta-se que dois amigos faziam um safári na África. Eles se perderam e ficaram sem gasolina, comida e munição. Então apareceu um leão faminto. Um deles fica desesperado, e o outro calmamente abre sua mochila, retira e calça um tênis de corrida. O amigo lhe pergunta: “O que está fazendo? Você realmente está convencido de que irá correr mais rápido que o leão com esse tênis?” Prontamente o amigo responde: “Quem disse que eu preciso correr mais que o leão? Basta correr mais rápido que vocês”. Para muitos, é ainda considerada uma história inteligente apesar de ser é uma história que reflete a total carência da perspectiva ética da vida.

³⁸ ABDALLA, Maurício. *O Princípio da cooperação: em busca de uma nova racionalidade*. p. 38.

diante da afronta de constituir uma nova racionalidade, reformular aquela incorporada no *Logos* da era moderna.

1.2.1 Aspectos Científicos

Uma macrotransição ocorre com a evolução da consciência. Observamos a passagem das sociedades industriais clássicas para um mundo interdependente e repleto de ambientes e culturas locais extremamente diversificadas e multifacetadas ao contextualizar e se perceber as fases descritas por Laszlo. Na 1ª fase, denominada de *fase precursora*, as inovações das ferramentas, máquinas e dos sistemas operacionais compõem as tecnológicas *hard* responsáveis por aumentar a eficácia na manipulação da natureza de acordo com os interesses humanos³⁹. A 2ª fase é definida como *transformação*; aqui as tecnologias *hard* inovadoras geraram uma mutação irreversível nas formas de relações sociais e ambientais. Isso levou a um nível muito maior de produção de recursos, ao crescimento mais rápido da população, a um cenário de alta complexidade social e, conseqüentemente, a um impacto no âmbito social natural em constante crescimento. Atingindo uma fase denominada *crítica*, as relações sociais e ambientais, frutos dessa transformação, exercem uma pressão sob a cultura dominante e hegemônica e, assim, os seus valores, as cosmovisões, a ética e a estética, as aspirações e os desejos das pessoas, são questionados; enfim, a sua consciência é colocada em julgamento. Nesse patamar, a cultura dominante, sua capacidade criativa e sua flexibilidade julgam qual dos rumos alternativos de desenvolvimento a macrotransição irá assumir⁴⁰.

Aqui está a encruzilhada, o lugar da escolha. Duas realidades, a fase de *colapso*, na qual as grandes instituições, pilares da sociedade, são demasiadamente pesadas e rígidas para catalisar ou consentir a transformação necessária. Os modelos, princípios e valores das pessoas da sociedade resistem à mudança, ou mudam com excessiva vagarosidade e fleuma. As tensões criadas em um ambiente complexo e em degeneração expõem a ordem social a situações de crise. Depois de um período de alguns anos de

³⁹ LASZLO, Ervin. *Macrotransição: o desafio para terceiro milênio*, p. 38.

⁴⁰ Na história, a fase precursora, período de grande construção, durou de 1860 a 1960. A fase de transformação, de 1960 até 2001, marcada pela consolidação da “globalização” mundial. A fase crítica se desenrola na primeira década do novo milênio, um tempo decisivo. Já o momento da escolha, ou fase de colapso ou a fase de irrupção, terá seus desdobramentos e será testemunhada na segunda década do século XXI.

inseguranças, vicissitude e descontentamento, o embate irrompe em violência e colapso da ordem social. A outra possibilidade é a fase de *irruptura*, na qual em tempo se dá a evolução da consciência; os princípios de valores cambiantes e emergentes influenciam a cultura dominante da sociedade conduzindo a um modo mais adaptado à conjuntura atual. Gradativamente, essa nova cultura conquista aceitabilidade, com seus valores melhor adaptados e aprimorados e evolutivamente superiores inspiram a nova visão. Então, a ordem social se funda em categorias ecológicas e socioeconômicas globalizadas da humanidade.

O paradigma da modernidade é sustentado pelo racionalismo e determinismo como chaves para o conhecimento científico, desprovido de interferências subjetivas, preconceitos e superstições. A mecânica clássica delineia as leis determinísticas que regem o macrocosmos e aludiu ao pensamento marxista a ideia científica de que um determinismo histórico dirigiria as sociedades a formas cada vez mais perfeitas de convivência humana. A queda do muro de Berlim soterrou o determinismo histórico e os paradigmas que davam aparente nexa à modernidade. Frente às hipóteses da teoria do caos e do acaso, surgiram e foram formulados novos paradigmas considerando dois fundamentos da física⁴¹ quântica: de Werner Heisenberg, o princípio da indeterminação ou da incerteza, e de Niels Bohr, o princípio da complementaridade, teorias muito importantes da física moderna⁴². Uma outra visão de mundo é vislumbrada:

Em contraste com a visão mecanicista cartesiana-newtoniana da vida, a visão de mundo que está surgindo a partir da física moderna pode caracterizar-se por palavras como orgânica, holística, e ecológica. Pode ser também denominada de sistêmica, no sentido da teoria dos sistemas. O universo deixa de ser visto como uma máquina, composta de uma infinidade de objetos, para ser descrito como um todo dinâmico, indivisível, cujas partes estão essencialmente inter-relacionadas e só podem ser entendidas como modelos de um processo cósmico [...] o misticismo está sendo encarado, seriamente mesmo no seio da comunidade científica. Um número crescente de cientistas está consciente de que o pensamento místico fornece um coerente e importante *background* filosófico para as teorias da ciência contemporânea, [...] desígnios espirituais e crenças religiosas.⁴³

⁴¹ Obras como: *O ponto de mutação e Macrotransição: o desafio para terceiro milênio* apontam para a mudança de uma física “física e matemática” para uma “física com componentes espirituais”. Eles procuram responder à atual mudança de paradigma nas ciências (exatas ou duras, que não são nem tão exatas e nem tão duras).

⁴² BETTO, Frei. Espiritualidade Holística. In: SUSIN, Luiz Carlos, *Mysterium Creationis: um olhar interdisciplinar sobre o universo*. São Paulo: Paulinas, 1999 p. 305.

⁴³ CAPRA, Fritjof. *O Ponto de Mutaçào*. São Paulo: Cultrix, p. 72-73.

“Mesmo conscientes de que em ciência todo o resultado é provisório, não se pode deixar de admitir que o princípio da indeterminação revolucionou a visão que a física newtoniana tinha do mundo. Agora, a física quântica desafia a nossa lógica, [...] além de um desafio científico, é um desafio filosófico⁴⁴. A mesma incerteza quântica que explica a colisão entre prótons em uma estrela que à luz da física clássica parece tão impossível quanto “um boi voar”⁴⁵. Albert Einstein, um dos pioneiros da teoria e formulador da hipótese do fóton como quantum de luz, afirmou estar convencido de que os físicos não permaneceriam ledos durante muito tempo com uma “descrição tão insuficiente da realidade”.

A contribuição de Heisenberg é muito grande, pois expressou a limitação dos conceitos clássicos na forma matemática exata chamada de princípio da incerteza. Ao usar termos clássicos para descrever fenômenos atômicos, descobrimos a eminência de pares de conceitos, ou fatores intimamente inter-relacionados não podendo ser definidos simultaneamente de um modo preciso. Ou seja, à medida que cresce a ênfase de um aspecto da descrição, mais o outro se torna incerto, sendo a relação precisa entre os dois em questão proporcionada pelo princípio da incerteza. Não há como saber ao mesmo tempo onde um elétron se encontra e para onde ele se dirige. É possível determinar sua localização; entretanto, nunca captar, simultaneamente, sua velocidade, medir sua trajetória, mas não sua exata localização. Longe de ser uma debilidade técnica dos equipamentos de observação, é uma limitação absoluta.

De acordo com o mundo quântico, a natureza é dual e dialógica. Dual e não dualista, no sentido platônico, e sim em uma relação de interação complementar, segundo Niels Bohr. O cientista formulou o princípio da complementaridade, atestando que, no interior no átomo, a matéria se apresenta em uma dualidade; em alguns momentos comporta-se como partícula com trajetória bem definida. Em outros momentos, como onda interagindo sobre si mesma. Bohr ainda sugeriu a ampliação do conceito para outras áreas do conhecimento e para fenômenos psicológicos e biológicos.

⁴⁴ Denominado *salto quântico*, ocorre no momento em que um fóton, caracterizado como um quantum, acerta um átomo e leva o elétron a passar instantaneamente da órbita inferior para a superior, e como um acrobata, o elétron realiza esta passagem sem atravessar o espaço intermediário. Segundo a teoria quântica, as partículas subatômicas não se parecem com os objetos sólidos descritos pela física clássica, apresentam-se como entidades abstratas e de aspecto dual. Dependem da maneira como são observadas, apresentam-se como partículas em um momento e como ondas em outro. A mesma natureza dual é observada na luz, que pode apresentar forma de partículas e forma de ondas eletromagnéticas. O célebre Albert Einstein chamou as partículas de luz de *quanta*, origem da denominação de teoria quântica, atualmente chamadas de fótons.

⁴⁵ BETTO, Frei. Espiritualidade Holística. In: SUSIN, Luiz Carlos, *Mysterium Creationis: um olhar interdisciplinar sobre o universo*. São Paulo: Paulinas, 1999, p. 305 - 306.

Na psicologia, a complementaridade entre razão e emoção, na linguagem, entre a definição etimológica e o uso de uma palavra e na ética entre justiça e compaixão⁴⁶. De maneira conclusiva, Frei Betto aponta aqui o advento da holística na constatação das conexões existentes entre os fenômenos em contraste com as exclusões do racionalismo cartesiano que os considera distintos⁴⁷.

Existe uma interação entre observador e observado, a consciência do observador influencia na definição, podendo até mesmo estar interligada à existência do objeto observado. Nas palavras de Einstein para Heisenberg, em 1926: “observar significa que estabelecemos alguma conexão entre um fenômeno e a nossa concepção do fenômeno”. Em outro momento, Heisenberg expressou: “o mundo apresenta-se, pois com um complicado tecido de eventos, no qual conexões de diferentes espécies se alternam, se sobrepõem ou se combinam, e desse modo determinam a contextura do todo”. Nenhuma partícula é descrita, analisada, avaliada, sem que sofra influência do observador, sem que o instrumento de observação acabe exercendo um papel transformador no objeto de estudo.

O universo é um todo unificado, que até pode ser separado em partes, entretanto as partes do universo não podem ser entendidas como entidades isoladas, mas devem ser definidas através de suas inter-relações, correlações e interconexões⁴⁸. A visão holística do universo erigiu-se da compreensão da interação entre sujeito e objeto, da interpretação desses princípios, da percepção de uma indestrutível e íntima conexão, da interligação entre tudo o que existe. Tudo está, de alguma forma, ligado.

Os biólogos do século XX também recorreram à abordagem mecanicista, vendo os organismos como um mecanismo complexo. Desta forma, defendiam que o organismo pode ser visto como uma coleção de partes independentes, embora as mesmas interajam entre si, a exemplo das células, dos tecidos e sistemas. Tal abordagem analítica originou e fundamentou áreas de vanguarda de suma importância na biologia moderna, na biologia molecular e na genética moderna, precursora da engenharia genética. Pode-se entender o organismo por meio das suas partes, analisando individualmente, e essa observação e análise revelariam como sua interação resulta em

⁴⁶ Apesar de uma parte da comunidade científica da física considerar uma tentativa de forçar a aproximação e a comparação entre conceitos sem equivalência e de ordem diferente, Fritjof Capra fez um exame da terminologia chinesa *Yin Yang*, espiritualidade Oriental, ampliando a noção de complementaridade para a mesma. Desta forma, são opostos inter-relacionados de maneira polar e complementar

⁴⁷ BETTO, Frei. BETTO, Frei. Espiritualidade Holística. In: SUSIN, Luiz Carlos, *Mysterium Creationis: um olhar interdisciplinar sobre o universo*. São Paulo: Paulinas, 1999, p. 309.

⁴⁸ CAPRA, Fritjof. *O Ponto de mutação*, p. 76.

suas funções e na manifestação da vida no organismo. Em contrapartida, há uma abordagem organicista, base para escolas desenvolvimentistas pós-darwinistas da nova biologia, proposta por Alfred North Whitehead entre outros pensadores, em que o conceito de organismo é uma metáfora fundamental para todas as entidades do mundo físico vivo. O desenvolvimentista sustenta um nível e uma forma de integridade que não podem ser compreendidos pelo simples estudo de suas partes e suas interações. As partes integradas no organismo vivo fazem emergir as propriedades e disparam processos que vão além da mera soma das propriedades ou conjunto dos processos das partes. Segundo esses pensadores, as suas propriedades emergentes são as principais características da vida, típicas e responsáveis por manifestar a vida. Para o biofísico Mae Wan Ho, os sistemas orgânicos apresentam coesão. A coesão não é um conceito estritamente biológico, ao contrário do sistema mecânico coeso, o sistema biológico não se decompõe em seus componentes e níveis. O organicamente coeso destaca-se dinâmico e fluido; seu grande número de atividades é autoorganizado e espontâneo, abrigando ao mesmo tempo todos os níveis, do micro ao macro. A constatação de elos sutis entre genoma e organismo e do organismo com o meio ambiente leva a concluir que a biosfera não é domínio do radical darwinismo clássico, para o qual a competição e a constante busca de vantagens reinam. Sim, por outro lado, nas palavras do biólogo Brian Goodwin, há uma “dança sagrada” do organismo vivo com seu meio ambiente; linhas dessa dança se espalham em todas as espécies e ecossistemas na biosfera⁴⁹.

A emergência de um paradigma ecológico exige uma visão de totalidade resultante da interdependência orgânica entre tudo e tudo. Visão esta que supera o pensamento dominante, excessivamente analítico e raramente sintético, moderadamente articulado com distintas formas de conhecer e experimentar a realidade.

A atitude ecológica se relaciona e tem base na visão holística. O holismo⁵⁰ é o esforço de surpreender o todo nas partes e as partes no todo. Tal maneira leva sempre a descobrir uma síntese que organiza, ordena, regula e finaliza as partes num todo e cada todo em outro todo maior. A ecologia holística funda teoria e prática que relacionam e abrangem todos os seres uns com os outros e com o meio ambiente, no ponto de vista imensamente pequeno das partículas elementares, imensamente grande do espaço cósmico, imensamente e infinitamente complexo dos sistemas vivos, do profundo

⁴⁹LASZLO, Erwin. *Macrotransição: o desafio para terceiro milênio*, p. 172-178.

⁵⁰ A Palavra tem sua origem no grego: *holos*. Significa totalidade. O termo holística foi divulgado pelo filósofo sul-africano Jan Smuts, a partir de 1926.

universo infinito do coração humano e do mistério infinito do oceano de energia originária que é gerador do provir de tudo⁵¹.

Com o aprofundamento dos conhecimentos biológicos, cada vez mais a ecologia conduz ao aperfeiçoamento de uma concepção sistêmica da vida. Por isso, a teia da vida é uma totalidade tão absoluta e intrínseca quanto o organismo vivo, uma compreensão emergente da nova biologia; assim também é o mundo das partículas quânticas constitutivas de todo o seu alicerce.

1.2.2. Aspectos culturais, filosóficos e éticos.

Segundo Abdalla, só será possível iniciar a elaboração de alternativas capazes de garantir a continuidade da existência da espécie humana no planeta se houver uma destruição da racionalidade hegemônica que tem seu eixo central na troca competitiva. É importante que ocorra um processo propedêutico, uma preparação para a emergência de um ensino mais completo. Trata-se de um momento metodológico que encaminha a afirmação de uma nova racionalidade instituída sobre outro eixo, possibilitando o surgimento de outros princípios que estabeleçam novas medidas e balizamentos para as novas relações dos seres humanos ente si e com a natureza⁵². Em outras palavras, é um espaço para o pensamento racional originário de um novo sentido para a ciência, a tecnologia, a filosofia, a religião, o direito e o senso comum. A constituição da nova racionalidade deve ocorrer sob a supremacia da racionalidade dominante a qual ela deseja superar e ultrapassar, caracterizando uma alternativa quando a crise do processo civilizatório atingir o seu ápice.

A delimitação da nova racionalidade deve ser acompanhada da efetivação concreta de alternativas que protejam e mantenham a vida humana e a administração de uma nova civilização, e não somente de uma atividade especificamente teórica. Sua ação é histórica, não imediata; sua construção é uma relação dialética entre a prática social e a atividade teórica, intensamente praxiológica. Longe de estabelecer teorias partindo da prática ou atuar baseado em certa teoria, trata-se de forjar uma visão ou percepção da realidade instituída sob as duas dimensões indissociavelmente unidas⁵³.

⁵¹ BOFF, Leonardo. *Ecologia, mundialização e espiritualidade*. Campinas: Verus, 2003, p.27.

⁵² ABDALLA, Maurício. *O princípio da cooperação: em busca de uma nova racionalidade*, p. 96-97.

⁵³ *Ibidem*, p. 98.

O cenário criativo da irrupção vislumbrado, por Erwin Laszlo, período do início milênio, em que jovens e adultos deparam-se com os perigos comuns para todos e, com sensibilidade, despertam a urgência de transformar suas ideias em comportamentos. As pessoas começam a intuir a presença de um elo vital numa rede altamente complexa, densa e profunda, frágil, sensível às ações e aos valores humanos. Cresce o número de pessoas que visualizam a Terra como um organismo e seu lugar nesse contexto:

As pessoas têm um senso de potencialização individual e uma espiritualidade mais profunda. Em número cada vez maior, elas começam a ver o planeta como um organismo vivo, e a si mesmas como elementos conscientes desse organismo.⁵⁴

A vida de seis bilhões de pessoas, em um ambiente já deteriorado, exige ações que defendem um novo código de comportamento. O clássico lema dos mais favorecidos socialmente – “Viva e deixa viver”, no qual a liberdade se traduz até o ponto em que não interfira na minha vida, ou para os mais pobres, “Deixe-me viver como vivem os ricos” – vai dando espaço para o lema: “Tente viver de um modo que permita também a vida dos outros”. Na internet, na televisão e nas redes de comunicação das empresas, nasce uma nova visão de si mesmo, dos outros e do ambiente. A “boa vida” ou qualidade de vida direciona-se para o encontro de relações pessoais significativas e preocupação com o outro e a natureza, cada vez menos é concebida como acúmulo sempre maior e ilimitado de bens materiais e dinheiro. Uma situação sustentável pede um equilíbrio dinâmico e contínuo entre necessidades e exigências humanas, e o acesso adequado de todas as pessoas aos recursos básicos⁵⁵. Apesar de as megacorporações e os grandes grupos empresariais, as organizações políticas e as nações influentes de alguma maneira resistirem às mudanças, desperta outro horizonte, a sustentabilidade da vida, em que cresce a consciência do equilíbrio necessário entre o que é preciso para sobreviver com qualidade, a distribuição dos recursos, a quanto é necessário extrair da natureza para produzi-los, a reposição ou proteção para garantir a manutenção dos ambientes naturais, e a capacidade de reciclar e reaproveitar equilibrando a equação que resulta em um sistema sustentável.

⁵⁴ LASZLO, Erwin. *Macrotransição: o desafio para terceiro milênio*, p. 64.

⁵⁵ *Ibidem*, p. 67.

O comprometimento com valores e princípios revela o comprometimento moral. A macrotransição faz despontar a necessidade de uma nova ética⁵⁶. A Carta da Terra⁵⁷ sintetiza essa visão de uma renovada ética integradora e holística. A sua riqueza e relevância atestam:

Considera as interdependências entre pobreza, degradação ambiental, injustiça social, conflitos étnicos, paz, democracia, ética e crise espiritual. Ela representa um grito de urgência face às ameaças que pesam sobre a biosfera e sobre o projeto planetário humano e também um libelo em favor da esperança e de um futuro comum da terra e da humanidade.⁵⁸

O documento, ao enfatizar que a Terra está viva e, com a humanidade, faz parte de um vasto universo em evolução, faz ecoar a teoria de Gaia⁵⁹ e as crenças ancestrais para as quais a Terra é a Grande Mãe geradora de toda a vida. Refunda um novo pacto social de responsabilidade recíproca, postura de reverência frente ao mistério da existência, de gratidão pela vida e humildade pela consciência do lugar ocupado no conjunto dos seres⁶⁰. São 16 princípios de um novo *Ethos* mundial⁶¹.

⁵⁶ Ibidem, p. 90.

⁵⁷ A Carta da Terra é um documento da Unesco (2000) que agrega de maneira bem-sucedida a nova consciência ecológica fundadora de uma novo paradigma civilizatório.

⁵⁸ BOFF, Leonardo. *Ética e Eco-espiritualidade*, p. 15.

⁵⁹ Proposta por James Lovelock, nome dado em referência à deusa grega suprema da Terra – Gaia. A hipótese Gaia descreve a Terra como um único organismo vivo. Lovelock e outros pesquisadores que apóiam a ideia atualmente consideram-a como uma teoria científica não apenas uma hipótese.

⁶⁰ BOFF, Leonardo. *Ética e Eco-espiritualidade*, 19.

⁶¹ *Carta da Terra*, 2000. *Ministério do Meio Ambiente/Brasil*. Disponível em: < www.mma.gov.br/estruturas/agenda21/_arquivos/carta_terra.doc>; Acesso 05 de junho de 2010. Seus 16 princípios são: *I. Respeitar e cuidar da comunidade da vida*. 1. Respeitar a Terra e a vida em toda sua diversidade. 2. Cuidar da comunidade da vida com compreensão, compaixão e amor. 3. Construir sociedades democráticas que sejam justas, participativas, sustentáveis e pacíficas. 4. Garantir as dádivas e a beleza da Terra para as atuais e as futuras gerações. *II. Integridade ecológica*. 5. Proteger e restaurar a integridade dos sistemas ecológicos da Terra, com especial preocupação pela diversidade biológica e pelos processos naturais que sustentam a vida. 6. Prevenir o dano ao ambiente como o melhor método de proteção ambiental e, quando o conhecimento for limitado, assumir uma postura de precaução. 7. Adotar padrões de produção, consumo e reprodução que protejam as capacidades regenerativas da Terra, os direitos humanos e o bem-estar comunitário. 8. Avançar o estudo da sustentabilidade ecológica e promover a troca aberta e a ampla aplicação do conhecimento adquirido. *III. Justiça social e econômica*. 9. Erradicar a pobreza como um imperativo ético, social e ambiental. 10. Garantir que as atividades e instituições econômicas em todos os níveis promovam o desenvolvimento humano de forma equitativa e sustentável. 11. Afirmar a igualdade e a equidade de gênero como pré-requisitos para o desenvolvimento sustentável e assegurar o acesso universal à educação, assistência de saúde e às oportunidades econômicas. 12. Defender, sem discriminação, os direitos de todas as pessoas a um ambiente natural e social, capaz de assegurar a dignidade humana, a saúde corporal e o bem-estar espiritual, concedendo especial atenção aos direitos dos povos indígenas e minorias. *IV. Democracia, não violência e paz*. 13. Fortalecer as instituições democráticas em todos os níveis e proporcionar-lhes transparência e prestação de contas no exercício do governo, participação inclusiva na tomada de decisões, e acesso à justiça. 14. Integrar, na educação formal e na aprendizagem ao longo da vida, os conhecimentos, valores e habilidades necessárias para um modo de vida sustentável. 15. Tratar todos os seres vivos com respeito e consideração. 16. Promover uma cultura de tolerância, não violência e paz.

Ultrapassar o limite fechado do conceito desenvolvimento sustentável é um destaque no documento. A terminologia vem da área da economia e está carregada da lógica e da racionalidade imperantes. A sustentabilidade ecológica significa inclusão de todos em um processo de inter-retro-relação do ecossistema; portanto, alega o equilíbrio dinâmico que abre espaço e promove a participação e inclusão de todos no processo global.

A ética do cuidado é uma categoria que une práticas de preservação, regeneração e trato da natureza. A atitude de cuidado é restaurada como valor ético ecológico-social-espiritual; retoma seu significado antropológico e ético como relação fraterna, responsável e amorosa com a realidade, muito além de interesses utilitários ou trocas desiguais. Os processos da vida, manutenção e reprodução, e a construção social são marcados pelo cuidado. O pessoal e o coletivo, por meio do cuidado, transcendem os conflitos e iniciam a construção de uma cultura de paz duradoura e verdadeira.

Para um novo “*Ethos Mundial*”, deve-se atribuir às culturas religiosas uma participação efetiva e uma contribuição distinta, destacada por Zilles na análise das afirmações do “*Projeto Ethos Mundial*” de Hans Küng:

A teoria dos paradigmas permite uma análise abrangente e exata da situação religiosa de nosso tempo para obter uma visão global sobre a realidade da vida e a convergência das religiões. [...] Para Küng, o entendimento religioso é condição para o entendimento político, contribuindo para a construção da paz. Com o projeto *ethos mundial*, cria-se um espaço para o encontro de pessoas de diferentes culturas, religiões e origem étnica, coisa necessária e urgente no mundo globalizado. Por isso o projeto tem sua importância, pois tenta relacionar a força ética das religiões com uma meta comum para a sobrevivência de todos. Hans Küng é um teólogo ecumênico que apresenta seu projeto por uma ética mundial, considerando-o uma tentativa provisória. Em sua posição defende a tese de que no mundo em que vivemos hoje não necessitamos de uma única religião, mas de alguns valores, normas, ideais e objetivos referenciais.[...] Cabe, segundo ele, a todas e a cada uma das religiões uma responsabilidade diante da questão da paz mundial. Vê, pois, a necessidade de uma ética universal como condição de sobrevivência da humanidade. Para isso será preciso descobrir novos modelos, melhor, um paradigma ecumênico.⁶²

A macrotransição convida as grandes religiões a estabelecer um genuíno diálogo interreligioso. A partir do macroecumenismo e a construir uma ética fundada nos mais sublimes valores espirituais, relacionando a sua força ética e as metas comuns para a sobrevivência da humanidade.

⁶² ZILLES, Urbano. Projeto de uma Ética Mundial. *Teocomunicação*, .p.227-228.

1.2.3 Desenho de uma Espiritualidade Holística

O teólogo alemão Karl Rahner disse que o homem do futuro será místico⁶³, ou vive uma experiência, ou não poderá ser religioso. André Malraux, escritor francês das áreas de cultura e política, sugeriu que o século XXI seria a era da mística. Era em que uma fé passiva, originária da educação familiar, passa pelo perigo de acabar se transformando em indiferença, nas pessoas mais intelectuais, e em superstição e credence nas pessoas mais simples. Nesse contexto a espiritualidade é:

A Espiritualidade é uma das fontes primordiais, embora não seja a única, de inspiração do novo, de esperança alvissareira, de geração de um sentido pleno de capacidade de autotranscendência do ser humano. Por que o ser humano se sente plenamente humano quando busca ser super-humano, pois ele se vivencia como projeto infinito, [...] tempo de transcendência.⁶⁴

Espiritualidade é fazer a experiência de Ser. Mais do que adesão do intelecto, das verdades da revelação, ela precisa da abertura ao transcendente e à prática do amor. Nunca a raiz e o fruto estarão separados na vida espiritual⁶⁵. A diversidade de tradições religiosas e organizações ou manifestações espirituais abre um gama de possibilidades de espiritualidades: hinduísta, budista judaica, cristã, islâmica, ameríndia, afro-espírita, xamanismo, e, dentro da tradição católica, franciscana, beneditina, jesuítica, dominicana, vicentina. Isso sem falar dos vários movimentos mais recentes, como a renovação carismática, entre outros.

Para Frei Betto, aqui se identifica a chance dos seres humanos de transformar o coração de pedra em coração de carne, de se libertarem dos egoísmos e dos medos, e desenvolverem o íntimo, o mais profundo do ser; melhorarem e crescerem sendo mais compassivos, mais solidários, desapegados de tudo o que ilude ou atrapalha a ascendência na própria vida do espiritual.

A Espiritualidade Holística do paradigma ecológico emergente resgata e religa o homem:

⁶³RIGSS, Ann. *O pensamento de Rahner no catolicismo*, 2009. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1246967292.6778pdf.pdf>>; Acesso em: 27 de junho de 2010.

⁶⁴BOFF, Leonardo. *Espiritualidade: um caminho de transformação*, p. 10-11.

⁶⁵BETTO, Frei. Espiritualidade Holística. In: SUSIN, Luiz Carlos, *Mysterium Creationis: um olhar interdisciplinar sobre o universo*, São Paulo, Paulinas, 1999, p. 314-315.

[...] a corrente holística, a retomada espiritualizante de uma religião do desenraizado “homem ocidental”, o retorno à natureza e o resgate de culturas primitivas, da esperança[...].⁶⁶

Isso que não significa adesão a uma confissão religiosa formal ou assembléia organizada. Ela é busca de identidade e significado para a vida, um movimento interior. Ao contrário da religião, é uma questão de qualidade íntima, de relacionamento do indivíduo com o cosmos. Não exige um local específico para prática ou exercício, nem um corpo sacerdotal. Edifica seu templo na mente do indivíduo, e seu altar no estado de consciência, que brota com a meditação, na oração, na prece no diálogo⁶⁷. As grandes religiões nasceram com o intuito de manter e consolidar certa forma de espiritualidade no grupo de pessoas de fé e seguidores. Seu mais valoroso aspecto é funcionar como uma espécie de catalisador da experiência religiosa⁶⁸. É o senso de união com uma realidade maior, superior, senso de fazer parte de algo maior do que nós mesmos, mais profunda, significativa e repleta de significação.

Certamente, os criadores das grandes religiões vivenciaram uma experiência fundante de intensa dimensão espirituais: a iluminação de Buda na sombra da árvore Bodhi, a miraculosa jornada de Maomé à noite, a experiência de Moisés diante da sarça ardente escutando a voz de Javé, as visões dos sábios *rishis* hindus, Jesus resistindo às tentações do demônio e na entrega total a Deus-Pai na cruz, entre outras. As diferentes escrituras sagradas traduzem tais experiências. O teólogo Thomas Berry, defensor da *deep ecology* e da *ecospirituality*, buscou caminhos espirituais convergentes com a nova cosmovisão. Segundo o *eco-teólogo*, Deus é inerente a todas as coisas, dos átomos às galáxias, vislumbra o cosmos como a verdadeira comunidade sagrada:

Tal interpretação espiritual do mundo natural mostrado pela ciência é uma variante contemporânea do naturalismo de São Francisco de Assis, do evolucionismo do biólogo jesuíta Pierre Teilhard de Chardin e da “reverência pela vida” do médico missionário Albert Schweitzer. Ela se nutre na mesma fonte dos reformadores do passado, de Martinho Lutero a Martin Luther King.⁶⁹

⁶⁶ PELIZZOLI, M. L. *A emergência do paradigma ecológico: reflexões ético-filosóficas para o século XXI*, p 21

⁶⁷ LASZLO, Ervin. *Macrotransição: o desafio para terceiro milênio*, p. 133-135.

⁶⁸ Willian James, influente pensador estadunidense da área da educação e da psicologia da experiência religiosa do século XIX, abordou em seu trabalho a variedade das experiências religiosas e a singularidade das experiências místicas mencionando que seu significado era pessoal e dificilmente transferível por meio de linguagem.

⁶⁹ LASZLO, Ervin. *Macrotransição: o desafio para terceiro milênio*, p. 137.

Segundo Erwin Laszlo, a ascensão da espiritualidade não se limita às culturas emergentes. As escolas de medicina pesquisam a espiritualidade na prática médica; as grandes empresas e escolas de administração criam seminários de espiritualidade e negócios; são simpósios de ciência, medicina e espiritualidade. Instituições focam seu trabalho no estudo das tradições místicas; o foco não é antropológico ou histórico, mas como uma força viva com relevância direta para a sociedade.

Dá-se, então, o restabelecimento do nosso encantamento⁷⁰, da nossa filiação, do sentimento de sentirmo-nos filhos e filhas da Terra, integrantes da própria terra pensante e amante, nossa Mãe, feminino que concebe. Emerge o arquétipo da Terra como grande Mãe, Pachamama⁷¹ e Nana, que gera a vida e tudo acolhe e recolhe em seu seio. É um regresso ao útero fecundo e generoso. Na filosofia ecológica chinesa, há o *Feng Shui*, para o qual a morte tem grandioso sentido como união ao *Tao* manifesto nas energias naturais. A sintonia com o *Tao* deve se dar durante a vida, mudando-se de estado para retornar a viver no mistério profundo da natureza, de onde todos os seres vêm e para onde todos voltam.

O ser humano precisa refazer essa experiência espiritual de fusão orgânica com a Terra, indispensável para restaurar ou recuperar suas raízes e experimentar radicalmente nada mais do que sua própria identidade. Atuar em favor da ressurreição da memória política do feminino, a fim de que a dimensão do *anima* entre na preparação de políticas com maior igualdade entre os sexos, maior capacidade e integração. Em seu centro, motivará e provocará, naturalmente, a experiência de Deus como Mãe infinita e cheia de misericórdia, a qual, somada à experiência do Pai de infinita justiça e bondade, fará despontar o alvorecer de uma experiência mais integradora e global de Deus⁷².

É claro que a novidade pode ser, ao mesmo tempo, retorno, voltando-se a antigas fontes. O paradigma e a espiritualidade holística podem conduzir a um regresso a São Francisco de Assis, no século XIII, até o critério fontal do cristianismo, de Abraão a Jesus Cristo. É certo que ela quer reagir à faca de dois gumes da modernidade, dilacerante e fragmentadora, entre sujeito e objeto, consciência e mundo, alma e corpo, indivíduo e comunidade, homem e mulher, cultura e natureza. Os ideais de busca da

⁷⁰ Segundo Pelizzoli, a secularização trouxe um processo de desencantamento do mundo, de desespiritualização forçada do homem. Retira-se o fundamento de pudor e legitimação que garantia o caráter sagrado da criação, enquanto criatura do Criador, na mesma medida em que este papel vai sendo assumido pela autonomia humana através da política, do desenvolvimento econômico e da transformação. (cf. PELIZZOLI, M. L. *Op. Cit.* p 34)

⁷¹ Para a civilização Inca: a Mãe Terra.

⁷² BOFF, Leonardo. *Ética e Eco-espiritualidade*, p. 59.

liberdade e igualdade geraram dois pólos: o liberalismo das desigualdades crescentes e outro, o comunismo das liberdades estranguladas. O que foi reprimido “retorna” e nos auxilia a sermos mais “complementares” e “plurais”. Agora, o poder é capacidade de se relacionar em teias e redes cada vez mais finas, na biodiversidade da vida, da cultura, da humanidade, do fenômeno religioso, em uma ótica de seres humanos holísticos, novos e integrados.

A etimologia da palavra holismo em analogia com a palavra catolicismo aponta para *Kata-hólon* do grego que significa *conforme a totalidade*. Segundo o historiador Jacques Le Goff⁷³, no século XIII, São Francisco de Assis é a figura que simbolizou a integração entre natureza e humanismo no meio ambiente cristão. Era o momento das catedrais, início das universidades, ordens de mulheres e revolução na agricultura, um século “holístico”, em contraste ao que se sucedeu com a consolidação da cristandade em expansão e sua postura totalitária, uma totalidade em forma de holismo imposto⁷⁴.

A espiritualidade holística desenhada na modernidade faz ouvir a voz que clama por diálogo, integração e respeito pelas diferenças e pluralismos. O risco para a espiritualidade cristã é de, na procura dessa concepção de totalidade, de relação complementar, perder seus fundamentos. De certa maneira, é o risco de ser diluída ou evaporar algumas de suas dimensões, entre elas a historicidade e a encarnação, por exemplo. Ou ser relativizada, o que é inconcebível para a autenticidade da espiritualidade fundada na experiência de Jesus Cristo. Por isso, para dialogar, é preciso estabelecer as especificidades da espiritualidade cristã e, a partir daí, construir as possíveis correlações, colaborações, similaridades e diferenças.

⁷³ Jaques Le Goff é um historiador francês especialista no estudo da Idade Média, autor de dezenas de livros e trabalhos; membro da Escola dos Annales, empregou grande parte dos seus trabalho na antropologia histórica do ocidente medieval.

⁷⁴ SUSIN, Luiz Carlos. Irmão sol, irmã lua: por uma espiritualidade holística. *Falô!*, Viamão / RS, v. 1, p. 05-05, 01 mar. 2002.

2. ESPECIFICIDADE DA ESPIRITUALIDADE CRISTÃ.

O nosso tempo é marcado por um momento de forte retomada das experiências de espiritualidade. As pessoas estão cansadas de confiar nas capacidades humanas, no paradigma civilizacional, na racionalidade vigente e no sistema político-econômico que frustra as expectativas de melhores condições de vida e afogadas por uma realidade onde o ter é cada vez mais valorizado em detrimento do ser. Sentem-se impotentes frente às problemáticas da nossa era, sustentada pela lógica que coloca o mercado como supremo valor. É o grande ídolo da modernidade, um deus que exige sacrifícios de vidas humanas, não perdoa nem houve o clamor dos que sofrem. Por isso cresce a busca e o despertar para algo que dê sentido às suas vidas. As inquietações da crise de sentido, diante do anseio de paz de espírito e de libertação dos sentimentos de medo e ansiedade⁷⁵ e da sensação de vazio interior, estão conduzindo homens e mulheres a procurar respostas nas diversas formas de expressão religiosa, em filosofias e correntes de misticismo e esoterismo. O ser humano procura o Absoluto e manifesta motivação e movimento de quem escolhe percorrer um caminho espiritual.⁷⁶

Todas as espiritualidades estão no campo da experiência e nutrem o desejo comum de levar o ser humano a mergulhar no Mistério Divino para Nele encontrar o sentido da vida.⁷⁷

Iniciamos a construção de uma compreensão do que seja espiritualidade⁷⁸ conjecturando que “espiritual” é uma dimensão individual e social do ser humano, compreendido em suas dimensões pessoais e institucionais. Do ponto de vista cristão,

⁷⁵ Uma fome profunda de espiritualidade. “Tal necessidade ou fome é experimentada de muitas e diversas formas. Alguns experimentam-na como necessidade de alguma coisa que lhes transmita força interior para aguentar a vida, ou paz de espírito e libertação dos sentimentos de medo e ansiedade. Outros experimentam-na quando se sentem ir abaixo e necessitados de alguma coisa maior do que eles que os mantenha de pé.” (Cf. NOLAN, Albert. *Jesus Hoje: uma espiritualidade de liberdade radical*. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 31.)

⁷⁶ CASTRO, Valdir José de. *Espiritualidade Cristã: mística da realização humana*. São Paulo: Paulus, 1998, p. 11-13.

⁷⁷ *Ibidem*, p. 15.

⁷⁸ A ‘espiritualidade’ é a disciplina há séculos incumbida de constituir a doutrina necessária para o desenvolvimento da vida divina no homem. Salvar a unidade e o sentido de comunhão, essencial à revelação cristã. Com diferentes estruturas e nomes, este tem sido seu trabalho constante. “Teologia espiritual é a parte da teologia que estuda sistematicamente, com base na revelação e na experiência específica, a realização do mistério de Cristo na vida do cristão e da Igreja, sob a ação do Espírito Santo e a colaboração do homem, até a obtenção da santidade.” (Cf. SALVADOR, Frederico Ruiz. *Compêndio de teologia espiritual*. São Paulo: Loyola, 1996, p 33-34)

homens espirituais são aqueles que estão cheios do espírito de Cristo, de certo modo constatável e vivo, esse Espírito invade toda a pessoa, seu jeito de ser e sua atitude manifestando sua força, alegria e vida.⁷⁹

O adjetivo “cristã” é fundamental. O evangelho de Jesus Cristo não é contrário nem adversário ou rival das religiões, cada qual apresenta sua espiritualidade e sua verdade, contudo a “boa notícia” esclarece e valoriza tudo o que nelas existe de bom. Na mensagem de Jesus encontra-se, entretanto, uma novidade jubilosa e singular da qual procede uma espiritualidade original.⁸⁰ A manutenção e resgate dessa identidade é uma urgência para a Igreja recuperar seu rosto evangélico e profético. Não se confunde com ideologia e nem admite a fuga para outra realidade dividida e independente daquela que vemos e vivemos.

Os grandes autores espirituais cristãos apresentam diferentes definições, todas elas corretas e não excludentes entre si, assim Segundo Galilea analisa os conceitos e sua diversidade:

As diferenças provêm da experiência espiritual dos autores, da síntese teológica que possuíam etc. Foram e continuam comuns as formulações da espiritualidade cristã como “identificação com a vontade do Pai”, “a vida guiada pelo Espírito”, “a imitação ou seguimento de Jesus Cristo” ou “a vida de graça”. Sem pretender definir a questão, pensamos que a tônica que se deve usar em determinado momento ou lugar para formular a espiritualidade deve ser coerente com a respectiva tônica teológica e pastoral.⁸¹

No Cristianismo Jesus ocupa o lugar central na espiritualidade, isso porque a manifestação máxima da expressão do Espírito, sua característica, seu parâmetro e fonte estão na pessoa de Jesus, em sua vida e ensinamentos.⁸² Na análise de Gustavo Gutierrez: “um modo de ser cristão”, onde o encontro com o Senhor é o ponto de

⁷⁹ Ao conceituar espiritualidade a teologia fundamental considera a relação entre espiritual e material. “Uma correta compreensão da espiritualidade deve partir do suposto de que “espiritual” não é senão uma dimensão do homem individual e socialmente considerado, assim como o cristão pessoal e institucionalmente entendido. Essa dimensão não tem autonomia absoluta, como os espiritualistas pretendem, de modo que possa e deva ser cultivada com absoluta independência e separação de outras dimensões do homem, porém, tão pouco pode ser reduzida a uma espécie de reflexo quase mecânico de determinadas condições materiais, como pretendem os materialistas. (Cf. LOIS, Julio. *Espiritualidade*. In: SAMANES, Cassiano Floristán; TAMAYO-ACOSTA, Juan-José. *Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 1999, p. 240-241)

⁸⁰ ESPEJA, Jesús. *Espiritualidade cristã*. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 27.

⁸¹ GALILEA, Segundo. *O caminho da espiritualidade: visão da atual renovação cristã*. São Paulo: Paulinas, 1983, p. 25.

⁸² CATÃO, Francisco. *Espiritualidade Cristã*. São Paulo: Paulinas, 2009, p. 25.

partida do seguimento, do discipulado. A “vida segundo o Espírito” (cf. Rm 8,4) o que usualmente chamamos de espiritualidade.⁸³

A acolhida pessoal de Jesus na própria vida reflete três momentos principais: a) *conversão*, acolher Jesus no Espírito, no coração, o que direciona toda a vida, mergulhar nas profundezas no Espírito, atestada ao receber o batismo sacramental, b) *caminhada* em seu seguimento, convocados a compartilhar a sua missão, discipulado, de anunciar a sua vida e o seu Reino a todos, c) comunhão decisiva com Jesus no Espírito, iniciando agora a participação eterna da vida de Deus, que é a plena realização de todos nós, filhos de Deus, a grande bem-aventurança.⁸⁴ Se essa é a realidade da espiritualidade cristã, a teologia espiritual é a reflexão sobre tal vivência da conversão, caminhada e comunhão, no âmbito pessoal, da comunidade cristã e de toda a Igreja. Por isso, partimos do encontro pessoal com o mestre, do acolhimento do Espírito na vida, e da prática das exigências de seu seguimento e do seu Reino.

2.1. Fundamentos Bíblicos da Espiritualidade Cristã

A experiência espiritual do Antigo Testamento, do povo de Israel, ou seja, do povo com seu Deus tem sua gênese em meio ao “cosmo-salvífico”, na presença supratemporal do Deus salvador, presente na origem da concepção do memorial hebraico, o *locus* primordial. Prepara-se o caminho para fundar a consciência de Israel como “povo de Deus”. A divindade inatingível, desconhecida e distante se dá a conhecer. Neste momento uma etapa decisiva para o que definimos como revelação se desfecha, é o surgimento da experiência da salvação na história. A revelação só pode ser conceituada se estiver alicerçada na história. Portanto, os fatos e acontecimentos iluminam o significado da experiência do povo de Israel⁸⁵. A vida espiritual no Antigo Testamento envolve esses dois protagonistas, Deus e o povo. Narra fatos e experiências de idolatria, derrota, e frustração. Uma história capaz de apresentar os elementos de um grande amor: alegria, tristeza, emoção, raiva, compaixão, medo, abandono, perdão e reconciliação⁸⁶.

⁸³ GUTIERRÉZ, Gustavo. *Beber no próprio poço: Itinerário espiritual de um povo*. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 62.

⁸⁴ *Ibidem*, p. 27.

⁸⁵ CAVALCANTE, Ronaldo. *Espiritualidade cristã na história: das origens até santo Agostinho*. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 28.

⁸⁶ *Ibidem*, p. 59.

Percebe-se a insistência da parte de Iahweh em revelar-se, tornar-se conhecido e estabelecer comunhão. É também perceptível a situação de um povo maravilhado com seu Deus, que tenta guardá-lo somente para si, expressando uma descabida vontade de monopolizar o sagrado, de possuí-lo exclusivamente (cf. Dt 4,5-8). Uma relação que apresentou vários momentos paradoxais já que Israel conviveu muitas vezes com a apostasia. Dois são os conceitos fundamentais que brotam na história do povo de Deus no Antigo Testamento: “pecado” e “lei”. Segundo a moral judaico-cristã clássica, pecar é cometer uma falta a alguém. Transgredir a lei de Iahweh, rejeitar sua aliança, assumir uma idolatria. A qual caracteriza a ruptura da aliança e o adultério em relação a ele. O decálogo introduz uma nova noção de pecado, ou seja, amplia o significado, traz a concepção de “pecado social”⁸⁷, que atinge o próximo (cf. Dt 5, 1-22). O pecado está dirigido ao homem, aquele que o comete está atingindo o próximo e o seu próprio ser, não apenas transgressão da lei ou postura idolátrica, mas dureza de coração, coexistência e promoção da injustiça contra o próximo.⁸⁸

As raízes da espiritualidade de Jesus se encontram nas escrituras hebraicas⁸⁹, na espiritualidade judaica.⁹⁰ Viveu em um mundo judeu, influenciado pela cultura grega emanante das cidades gregas mais próximas. Maior ainda era a força da globalização do Império Romano cada vez mais significativa na vida das pessoas. Os ricos e poderosos: proprietários de terras, sumos sacerdotes, anciãos, a nobreza e os Herodes estavam assumindo a forma de viver e os princípios do mundo greco-romano, numa vida marcada pela corrupção e pelo luxo. Jesus revolucionou esse mundo.

O elemento fundamental do Novo Testamento é que nossa relação com Deus, o chamado à vida no espírito, não tem sentido senão em Jesus e por Jesus. Ele é o centro da espiritualidade cristã que aponta para a experiência do “Absoluto” à luz do Deus revelado através das suas palavras e ações. Jesus é o princípio de todos os dons de Deus, é a cabeça da comunidade dos chamados a participar da vida divina. Através de seu agir humano nos abre para a relação e conhecimento do Pai, comunica-nos o Espírito, animador de toda a vida, hoje e sempre.⁹¹ O cristão encontra em Jesus a plena revelação

⁸⁷ Ao tratar da noção de “pecado social” é necessário recordar que foi o surgimento dessa compreensão que levou o profetismo a travar uma luta milenar contra a idolatria e contra as injustiças sociais cominadas contra os desprezados e indigentes.

⁸⁸ CAVALCANTE, Ronaldo. *Espiritualidade cristã na história: das origens até santo Agostinho*, p. 60.

⁸⁹ NOLAN, Albert. *Jesus Hoje: uma espiritualidade de liberdade radical*. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 85.

⁹⁰ CASTRO, Valdir José de. *Espiritualidade Cristã: mística da realização humana*, p. 25.

⁹¹ CATÃO, Francisco. *Espiritualidade cristã*, p. 25.

de Deus, o caminho, a verdade e a vida (cf. Jo 14,6) e tem todas as dimensões da sua vida vividas a partir da fé, da esperança e na comunhão de amor que une Jesus ao Pai. O Espírito divino revelado em Jesus conduz o ser humano sedento às profundezas de Deus, a estar repleto da sua plenitude e unido em comunhão com Ele e com toda a Sua criação.⁹² Não há como um cristão falar de espiritualidade sem partir do Espírito de Jesus.

O *locus* fundamental, segundo Ronaldo Cavalcante, o Novo Testamento traz a novidade inusitada da manifestação do sagrado e a relação com ele de uma forma não domesticada ou calculada, além dos limites de lugares específicos (templo) ou maneiras previsíveis e delineadas, ela se instaura e concretiza pela presença do Espírito (cf. 1Cor 12,11). A singularidade da revelação da “nova aliança” é traduzida na metáfora encontrada do evangelho de João: “O vento sopra onde quer e ouves o seu ruído, mas não sabe de onde vem nem pra onde vai. Assim acontece com aquele que nasceu do Espírito” (cf. Jo 3,8). O *pneuma* aqui é empregado de maneira mais frequente como o Espírito Santo, aquele poder de Deus, quanto à sua origem e natureza. Portanto, o conteúdo teológico neotestamentário articula a atuação do Espírito na pessoa e obra de Jesus e como continuação da atuação eclesial. Os evangelistas são unânimes ao atribuir a ação do Espírito sobre Jesus desde sua concepção e em seu ministério. Na visão Joanina, é muito clara a ligação entre os dois, a ação do Espírito depende da presença corporal e taumaturga de Jesus de Nazaré. A “era do Espírito” depende da “ausência” de Jesus para que ocorra o seu derramamento impetuoso, sua efusão.⁹³

Jesus é o “ungido do Senhor”, o messias, ele está sob o impulso do *pneuma* divino (cf. Mc 1,12; Mt 4,1; Lc 4,1). Na história de Jesus de Nazaré inicia-se um “tempo do Espírito”, *kairós*, uma abertura à relação com Deus jamais vista pelo homem. Nos evangelhos, a pessoa e a história de Jesus são eventos de comprimento escatológico onde o Espírito de Deus irrompe em plenitude no mundo. O Espírito faz nascer a Igreja e através dela opera milagres (cf. At 2,4). Maravilhas e sinais da salvação, conversão do coração, perdão dos pecados, são momentos em que Deus infunde na Igreja o seu Espírito (cf. At 2, 38; 3,26; 4,12). Sua efusão em Pentecostes é o princípio da comunicação do próprio Espírito que persiste em todos os tempos, guiando, cuidando, protegendo das intenções humanas e conduzindo os planos e decisões dentro da

⁹² CASTRO, Valdir José de. *Espiritualidade Cristã: mística da realização humana*, p. 17.

⁹³CAVALCANTE, Ronaldo. *Espiritualidade cristã na história: das origens até santo Agostinho*, p. 63-65.

comunidade, a Igreja (cf. At 2,1-13). Por sua ação, Jesus é a “Cabeça da Igreja, que é o seu Corpo” (cf. Ef 1,22-23). As participação na Igreja é comunhão com Cristo no Espírito, um espírito de unidade que transformou a comunidade em um grande família (cf. At 2, 42-47). Igreja apostólica que manifesta dons (cf. 1 Cor 12, 12-31) na realização de vários ministérios, funções específicas, diversidade no mesmo Espírito. Após o Pentecostes, a vida cristã é caminhar, ser conduzido ou viver pelo Espírito (cf. Gl 5,13-25). A Igreja nasce graças a presença de Cristo e por meio da sua presença, o novo povo de Deus, movido pelo dom que recebeu, possui um caráter missionário indelével. Aqui está a índole da Igreja, sua vocação, pois sua natureza está no *pneuma*.⁹⁴

O número elevado de vezes que a expressão “Reino” (*basileia*) notadamente aparece nos evangelhos sinóticos levou a unânime conclusão: o “Reino de Deus” é a mensagem central do ensino de Jesus.⁹⁵ Os três evangelistas introduzem seus escritos com a boa nova da irrupção do Reino de Deus (cf. Mc 1,14; Mt 1, 14-15; Lc 4,12 - *basileia tou Theou*). A quintessência da pregação de Jesus é o advento do Reino. O que caracteriza e espiritualidade evangélica é a resposta que se baseia nesse anúncio. Frente ao convite-desafio de Jesus o discípulo deve responder. Sua resposta, no contexto, configura o que chamamos de “espiritualidade cristã”, nesse caso, espiritualidade evangélica. O pecado tem uma ênfase peculiar na pregação de Jesus e (cf. Mt 6, 12-15; 18, 21-35) não seria errado afirmar que o Reino é a grande oferta de perdão da parte de Deus. Jesus é o próprio sacramento desse perdão, sobre quem o Pai derramou todo o seu amor (cf. Mc 1,11; 9,7; 12,6). O perdão e a revelação do amor de Deus estão indissoluvelmente correlacionados à pessoa e missão de Jesus. A realeza de Deus começa a se realizar através das palavras e obras de Cristo, especialmente pela sua morte e ressurreição.⁹⁶ Qual é o conteúdo ético dessa resposta? Disse Grech:

É obvio que o primeiro preceito pregado por Jesus é o amor a Deus com todo o coração e o amor ao próximo como a nós mesmos (Mc 12,30) [...]. A novidade e a essência da resposta do crente ao anúncio do Reino consiste em tomar como modelo das suas relações com o próximo a mesma gratuidade e o mesmo amor que se revelam na pregação do grande perdão, que é o cume da história da salvação.⁹⁷

⁹⁴ Ibidem, p. 71.

⁹⁵ CATÃO, Francisco. *Espiritualidade cristã*, p. 33.

⁹⁶ GRECH, Prosper. Experiência espiritual bíblica: novo testamento. In: GOFFI, Tullio; SECONDIN, Bruno. *Problemas e Perspectivas de Espiritualidade*. São Paulo: Loyola, 1992, p 52.

⁹⁷ Ibidem, p. 53.

A conversão, além de um novo tipo de comportamento, é o assentimento da fé na boa-nova de que afinal o Reino de Deus foi implantado por meio da encarnação do Filho de Deus. Desta forma, perante a auto-revelação de Deus em Cristo, homens e mulheres, podem genuinamente se conhecer como carentes do perdão de forma gratuita.

A relação com o próximo toma outras dimensões e coerentemente com o discurso, opta “preferencialmente” pelos marginalizados sociais, conforme a proclamação que fez de Is 61 em Nazaré, na sinagoga (cf. Lc 4). O conceito de próximo se estende ao estrangeiro (cf. Lc 10, 25-27), ao inimigo e ao perseguidor (cf. Mt 5, 43-48), ao pobre e ao indigente (cf. Lc 14, 12-14), às prostitutas (cf. Lc 7, 37ss), aos pecadores públicos e doentes (cf. Lc 6,20ss). O Reino vem na direção do homem, causando-lhe o questionamento, se pertence ou não, se está pronto para recebê-lo, para suportar sua vinda e discernir seu mistério. Exige uma decisão existencial (cf. Mt 13,35ss).⁹⁸

A resposta compreende uma gama de aplicações éticas e pragmáticas. A nova perspectiva ética tem a generosidade de Deus no amor ao próximo como modelo, é evidente:

“Quando o Filho do Homem vier [...] recebei por herança o Reino preparado [...] Pois tive fome e me destes de comer [...] todas as vezes que o deixastes de fazer a um desses pequeninos, foi a mim que deixastes de fazer” (cf. Mt 25, 31-46).⁹⁹

E fecha a mensagem do Reino com o combate a riqueza. Claro, critica aqueles que depositam sua total confiança na riqueza, e a riqueza como tal, quanto fruto da tirania ou da injustiça (cf. Lc 16, 9-12). Ela afasta o coração de Deus, pois coloca a razão da existência inteiramente neste mundo (cf. Mt 6, 19-21).

Portanto, na espiritualidade desenvolvida nos sinóticos, Jesus está consciente de encontrar-se em um momento crucial da história, de ser o designado para oferecer aos homens o dom que Deus lhe concedeu de seu Reino e de ser o responsável pela acolhida favorável da parte dos homens ao oferecimento do Reino.¹⁰⁰ Dando o perdão aqueles que acolhem o anúncio, Jesus oferece a si mesmo em comunhão e à comunhão com o

⁹⁸ CAVALCANTE, Ronaldo. *Espiritualidade cristã na história: das origens até santo Agostinho*, p. 74

⁹⁹ Este trecho de Mateus, no contexto do evangelho, se encontra com uma séria de discursos com teor escatológico. Trata da última vinda de Cristo, a parusia. Regresso glorioso de Cristo no final dos tempos, para o cumprimento do Juízo Final. A segunda vinda de Cristo.

¹⁰⁰ SALVADOR, Federico Ruiz. *Compêndio de teologia espiritual*. São Paulo. Loyola, 1996, p 91-92.

Pai e o Espírito. Então o sentido último, a transcendência da espiritualidade do Reino nos sinóticos é a comunhão plena com Deus.

Já o apóstolo Paulo, pode ser denominado de “teólogo do Espírito Santo” devido sua pneumatologia, e principalmente por apresentar a desafiadora proposta de comunicação com Deus constituída por um insueto e singular relacionamento pessoal com o Espírito Santo. A relação não tem mais origem na prática da Torá, nem na perspectiva legista farisaica, mas na conversão a Cristo (cf. Rm 3, 21-22). A inovação da espiritualidade paulina reside em que a comunicação com Deus se dá agora fundamentada em uma “identificação mística” do crente com o seu Senhor. A consciência de Paulo é absoluta sobre a existência de uma relação sobrenatural que regula a vida do cristão e forma uma íntima e profunda comunhão com a pessoa de Cristo em seus mistérios terrenos, uma incorporação do crente a Cristo, à sua pessoa, à sua morte e à sua ressurreição.¹⁰¹

O Espírito torna a pessoa um membro de Cristo (cf. Rm 8,9; 1Cor 2,12; 1Ts 4,8). Por isso afirma na epístola aos Romanos:

E se o Espírito daquele que ressuscitou Jesus dentre os mortos habita em vós, aquele que ressuscitou Jesus dentre os mortos dará vida também a vossos corpos mortais, por meio do seu Espírito, que habita em vós (Rm 8, 11).

A união com Cristo é mística, porque nos faz viver da mesma vida de Jesus morto e ressurreto, ou seja, do seu mistério pascal. Assim Paulo afirma: “[...] Fui crucificado com Cristo. Já não sou que vivo, mas é Cristo que vive em mim. Minha vida presente na carne, eu a vivo pela fé no Filho de Deus” (Gl 2,19-20). A fórmula “em Cristo Jesus” é sinônima de “Cristo em nós”,¹⁰² como também a expressão “por meio do Espírito” indica nossa inserção em Cristo. Esse intercâmbio – “Cristo em nós e nós em Cristo” que assinala a mesma realidade explica-se pela realidade de que o Espírito Santo que emana do Cristo ressuscitado tem como seu campo de atuação, a sua esfera dinâmica, a coletividade dos que se tornaram uma única personalidade com o Senhor, mediante o batismo. Unidade funcional que faz do cristão e da comunidade um “templo do Espírito Santo” (cf. 1 Cor 3,16).

¹⁰¹GRECH, Prosper. Experiência espiritual bíblica: novo testamento. In: GOFFI, Tullio; SECONDIN, Bruno. *Problemas e Perspectivas de Espiritualidade*. São Paulo: Loyola, 1992, p 56-57.

¹⁰² A pertença ao Cristo ressuscitado é geralmente expressa por Paulo com a fórmula “em Cristo Jesus” a qual aparece 164 vezes em suas Cartas.

Para Paulo o Espírito nos inicia sacramentalmente em uma participação real na carne pneumatizada de Jesus Cristo. A descida da água, seguida da saída simboliza o co-sépultamento (cf. Rm 6,5) e a co-ressurreição (cf. Ef 2,6) em Cristo. O homem velho morre e o homem novo renasce, além da metáfora de uma conversão moral, um homem ontologicamente diferente (cf. Rm 6, 1-11). A nova vida que nasce é uma vida de fé, amor e esperança (virtudes teologais) em meio às crises da vida e as tensões da existência. Então, pela ação do Espírito brota a primeira realidade: a “santidade”.¹⁰³

A espiritualidade paulina baseia-se na fé, não é individualista e isolada, para Paulo ninguém vive para si, ele foi um “homem da Igreja”, fortemente comprometido com a aclesialidade da fé, por isso sua espiritualidade é *koinonia*¹⁰⁴. Os cristãos estão constituídos no corpo único de Cristo, mediante a participação comum no único Espírito. Cada um tem suas responsabilidades, mas o princípio fundamental da nossa união com Cristo ressuscitado nos reúne num só corpo, a Igreja. É necessariamente eclesial, pois o crente não pode viver sozinho, sem os outros, a sua união a Cristo. Os dons são para todo o corpo, os carismas para solidificar a unidade e organicidade da sua ação (cf. Rm 12; 1Cor 12; Cl 2,9-19; Ef 4, 15ss).¹⁰⁵ O que mantém a *koinonia* é a amor (cf. 1Cor13) que tem no ágape e na ceia eucarística seus momentos de ápice. Por meio do espírito de comunhão, Paulo compreende que, da mesma forma que Jesus torna visível o Deus misterioso, a Igreja, de forma sacramental e existencial, também se torna no seu cotidiano presente em Cristo e, pelo anúncio do Evangelho, comunica ao mundo o desígnio salvífico de Deus.¹⁰⁶

A espiritualidade joanina é tão característica quanto pouco clara. Não apresenta angulações bem definidas como Paulo, a ética do cotidiano dos sinóticos, ou a inserção na linha histórico-escatológica dos Atos. É uma “mística” da transcendência do

¹⁰³ CAVALCANTE, Ronaldo. *Espiritualidade cristã na história: das origens até santo Agostinho*, p. 81-83

¹⁰⁴O termo *koinonia*, em sua afinidade com os vocábulos *comunidade*, *solidariedade* e *comunhão*, indispensável para o entendimento das comunidades de base, do ecumenismo das Igreja, da renovação da vida religiosa e do mistério da eucaristia. [...] O termo neotestamentário [...] equivale ao fundamento da comunidade cristã, que não partilha só interesses e necessidades (ao modo grego) ou que se baseia em um pacto, dada a distância infinita entre Deus e o homem (ao modo hebraico), mas se concentra em uma relação de intimidade com Deus, realizada em Jesus Cristo pelo dom do Espírito. [...] O aspecto dinâmico da *koinonia* é expresso pela fórmula “participar ativamente”, o que equivale a partilhar com os irmãos a mesa comum (a comida), os bens (ou a comunicação dos mesmos), a fé apostólica (fé na esperança), os sofrimentos (ajuda fraterna), e a unanimidade (comunhão no mesmo espírito). (Cf. SAMANES, Casiano Flotistán. *Comunhão*. In: SAMANES, Cassiano Floristán; TAMAYO-ACOSTA, Juan-José. *Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 1999, p. 101)

¹⁰⁵ GRECH, Prosper. *Experiência espiritual bíblica: novo testamento*. In: GOFFI, Tullio; SECONDIN, Bruno. *Problemas e Perspectivas de Espiritualidade*. São Paulo: Loyola, 1992, p 60.

¹⁰⁶CAVALCANTE, Ronaldo. *Espiritualidade cristã na história: das origens até santo Agostinho*, p. 88.

“mundo” através de Cristo. A espiritualidade Joanina por ser resumida na mística da amizade amorosa a Jesus no Espírito. Caracterizada por uma decisão existencial, com consequências ontológicas, uma espiritualidade mais admirada pelas almas ternas inclinadas ao entendimento através do amor do que através da inteligência.¹⁰⁷

A espiritualidade é a resposta total ao *kerigma*, por isso pontos essenciais da percepção joanina encontram-se aqui:

De fato, Deus amou tanto o mundo, que deu o seu Filho único, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna. Pois Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para condenar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por ele. Quem crê nele não será condenado, mas quem não crê já está condenado, porque não acreditou no nome do Filho único de Deus. Ora, o julgamento consiste nisto: a luz veio ao mundo, mas as pessoas amaram mais as trevas do que a luz, porque as suas obras eram más. Pois todo o que pratica o mal odeia a luz e não se aproxima da luz, para que suas ações não sejam denunciadas. Mas quem pratica a verdade se aproxima da luz, para que suas ações sejam manifestadas, já que são praticadas em Deus. [...] Aquele que vem do alto está acima de todos. Quem é da terra, pertence à terra e fala coisas da terra. Aquele que vem do céu está acima de todos. Ele dá testemunho do que viu e ouviu, mas ninguém aceita o seu testemunho. Quem aceita o seu testemunho atesta que Deus é verdadeiro. De fato, aquele que Deus enviou fala as palavras de Deus, pois ele dá o espírito sem medida. O Pai ama o Filho e entregou tudo em suas mãos. Aquele que crê no Filho tem a vida eterna. Aquele, porém, que se recusa a crer no Filho não verá a vida, mas a ira de Deus permanece sobre ele (Jo 3, 16-21; 31-36).

A resposta a esse anúncio se traduz em: “Esta é a vida eterna: que te conheçam a ti, o único verdadeiro Deus, e aquele que mandaste: Jesus Cristo” (Jo 17,3). Evidentemente conhecer no cenário bíblico não equivale a conhecimento intelectual, ou esotérico-gnóstico, significa reconhecer, conhecimento que se relaciona com a “experiência”, “experimenta e saboreia” (cf. Jo 10,14-15; 17,3). No sentido de identificar e de ser agradecido pelo grande benefício do Filho. Assim Grech sublinha que “Crer” em Jesus, portanto, é a base de toda a espiritualidade joanina.¹⁰⁸ Tendo claro que é impossível crer em Cristo sem conhecer o Pai (Cf. Jo 5, 37-40). Cristo é o único caminho para o Pai, então o encontro com ele é determinante. Porém, esse encontro só é positivo se a pessoa está disposta a se submeter à “crise” desencadeada por Jesus. A fé em Cristo nasce quando estão aliados: chamado, resposta e testemunho.¹⁰⁹

¹⁰⁷ GRECH, Prosper. Experiência espiritual bíblica: novo testamento. In: GOFFI, Tullio; SECONDIN, Bruno. *Problemas e Perspectivas de Espiritualidade*. São Paulo: Loyola, 1992, p 61.

¹⁰⁸ Ibidem, p. 61.

¹⁰⁹ CAVALCANTE, Ronaldo. *Espiritualidade cristã na história: das origens até santo Agostinho*, p. 91.

Em João a espiritualidade é resposta ao kerigma do amor de Deus pelo mundo e a essência dessa resposta é o amor. A iniciativa do amor é do Pai (1Jo 4,10). Ao responder ao amor do Pai em Cristo (Jo 14, 15-23) se dá o intercâmbio de amor com o Filho e o Pai. Portanto, no quarto evangelho, o mandamento único e específico do Cristo é de nos amarmos mutuamente (Jo 13,34) como Cristo nos amou, não há como dizer que amamos o Filho se não nos amarmos reciprocamente, com amor gratuito até a morte. O amor é então responsável por fazer circular a própria vida trinitária no espírito do crente.¹¹⁰ Além de sua dimensão individual o amor apresenta um aspecto eclesial, aludida na figura da videira e dos ramos (Jo15, 4-7).

Os milagres simbolizam os dons da vida celeste, portanto se tornam “sinais”. São sinais enquanto o agir do Jesus histórico aponta para a atividade do Cristo ressuscitado. João utiliza a tradição viva da Igreja primitiva na composição do seu evangelho e também em sua pneumatologia. Ele designa o Espírito de “Paracleto”, ou seja, o consolador, advogado e intercessor. Ele concederá aos discípulos compreender o sentido da vida e palavra de Jesus, da maneira como o evangelista revela em seu escrito. Os conduzirá a verdade (cf. 16,13). Ele conforta e advoga nossa causa, pois leva ao entendimento da verdade de Cristo, mas também conduz a Igreja a verdade que é Cristo e possibilita a verdadeira comunhão com o Cristo, por ser o “Espírito da Verdade” e Cristo é a verdade.

A síntese da espiritualidade do Novo Testamento, na reflexão de Cavalcante, é a imitação e seguimento de Cristo. A “vocação dos discípulos” (cf. Mc 1,16) demonstra que a iniciativa e o convite partem de Jesus. A figura dos “pescadores de homens” traz a entonação de chamado para o seguimento, o qual refletirá em pregação e missão. Trata de uma vinculação ao próprio Jesus e a sua mensagem. O “Reino de Deus” é a decisiva motivação para o seguimento, o que está conectado a formação do grupo de doze apóstolos (cf. Mc 3, 13-19).¹¹¹

A nova aliança tem no centro o mistério de encarnação (união entre o divino e o humano na pessoa do Filho de Deus). Instaure-se um original relacionamento de amizade entre Jesus e os vocacionados. Seguir significa tender a constituir uma única realidade com a pessoa de Jesus, é permitir que seu Espírito se estabeleça no mais profundo da nossa intimidade; é sintonizar com Cristo em seu estado pascal

¹¹⁰ GRECH, Prosper. Experiência espiritual bíblica: novo testamento. In: GOFFI, Tullo; SECONDIN, Bruno. *Problemas e Perspectivas de Espiritualidade*. São Paulo: Loyola, 1992, p 63.

¹¹¹ CAVALCANTE, Ronaldo. *Espiritualidade cristã na história: das origens até santo Agostinho*, p. 94.

pneumatizado. Paulo considera a amizade com Jesus no contexto da nova aliança como “imitação de Cristo” o que pode ser visto no axioma: “Sede meus imitadores como eu mesmo o sou de Cristo” (1 Cor, 11,1; cf. 2Ts 3,7; 1Cor 4,16). Uma imitação querigmática: tornar-se apóstolo a exemplo de Paulo (cf. 1Ts 1,6), comprometer-se na propagação do Evangelho (cf. 1Cor 4,6s); conquistar adeptos trazendo novos amigos a Jesus, colocar-se a serviço do Reino do mesmo jeito que Jesus.

Partindo da encarnação, abre-se a porta, tanto ao “seguimento” como à “imitação” de Cristo, para o referencial da humanidade de Cristo, como fundação de toda a experiência mística de Deus. Em Paulo, onde temos a fórmula: “imitação de Cristo”, o seguimento não se traduz em receitas preestabelecidas, é tentativa de assumir na realidade da própria vida a orientação e a figura de Jesus, fazendo e existência de Cristo ter valor para si. Nessa ótica o “seguimento” compõe parte essencial da história promovida por Jesus e pelo Espírito Santo.¹¹²

2.1.1.Espiritualidade Encarnada

A encarnação da fé, da esperança e do amor frutos do Espírito de Cristo que vem ao nosso encontro é um traço original e essencial da identidade cristã. Somente dentro de uma história pessoal e coletiva pode se realizar a busca de Deus, o seguimento de Jesus e a vivência do Espírito.¹¹³ A encarnação da espiritualidade compõe uma dimensão de toda a vida cristã, da mesma maneira como a condição humana é um dimensão que engloba a encarnação do Filho de Deus.

Deus é um “mistério”, ao fazer essa afirmação surgem às perguntas: “Ele pode ser conhecido e o que significa ser mistério?” Isso quer dizer que nunca esgotaremos o conhecimento de Deus. Nas relações entre seres humanos encontramos similaridades, pois somos um mistério uns para os outros, e até para nós mesmos. São muitos os aspectos da nossa vida pessoal a serem conhecidos a aprofundados, justamente porque o conhecimento é um processo. Cada ser humano é ímpar, único, inigualável, um mistério. Por isso vamos conhecendo alguém a medida que se revela a nós com suas atitudes, ações, palavras, modo de ser, principalmente quanto estabelecemos relação

¹¹² Ibidem, p. 99.

¹¹³ GALILEA, Segundo. O caminho da espiritualidade: visão atual da renovação cristã, p. 82.

com ele. Para o cristão Deus não é uma invenção muito criativa, ou ilusão. Ele é concreto. Existe de fato e se coloca próximo.¹¹⁴ Jesus Cristo é o ápice da sua revelação. Ele retira o véu, faz visível e perceptível, desvela o mistério de Deus através da sua vida. Com o aprofundamento do grau de amizade com Jesus, na convivência com Jesus, no ato de conhecer, o mistério vai se revelando.

A experiência de Deus é vivida pelo ser humano em sua integralidade. Entretanto, desde o século II e III de nossa era a espiritualidade sofreu influência do pensamento denominado “gnosticismo”. Essa filosofia separava o mundo material do mundo espiritual. O adepto valorizava o mundo espiritual e desprezava o mundo material, o gnóstico compreendia e dividia o ser humano em: corpo e alma, sendo a alma a única valorosa.¹¹⁵ Santo Ireneu de Lião, no século II defendeu obstinadamente que o ser humano é integral, corpo e alma entram para a vida nova apresentada por Jesus.¹¹⁶ A concepção bíblica de ser humano abrange um ser integral: corpo, alma e espírito, são aspectos entrelaçados e não partes separadas.

O ser humano é *carne-sarx* o que indica o elemento biológico material. Através do corpo o ser entra em diálogo com a natureza e com os semelhantes. O corpo humano foi a última obra da criação e “tudo o que Deus criou é bom” (Gn 1,31). O homem corporal é imagem e semelhança de Deus. É alma, *nefesh*, na visão judaica não denota uma entidade espiritual e sim um ser vivo. Isso significa que o ser humano participa da vida que vem do Deus criador. E ainda é espírito, *ruah*¹¹⁷, força que toma posse de todo o ser humano e o orienta para o Senhor. A palavra hebraica significa sopro, pois na criação Deus soprou o Espírito no homem¹¹⁸. Ele é vida dada por Deus e aponta para ele: “Então Iahweh Deus modelou o homem com argila do solo, insuflou em suas narinas um hálito de vida e o homem se tornou um ser vivente” (Gn 2,7)

¹¹⁴ CASTRO, Valdir José de. *Espiritualidade Cristã: mística da realização humana*, p. 20.

¹¹⁵ *Ibidem*, p. 28.

¹¹⁶ Atualmente ainda existem movimentos religiosos e linhas espirituais que exacerbam a valorização da alma e desvalorizam o corpo. O corpo é uma prisão, deve ser mortificado para salvar a alma.

¹¹⁷ Sintetizando a compreensão do termo *Roûah*: “No Antigo Testamento, *Roûah* lembra o feminino e tem o sentido físico de vento ou sopro. [...] Designa também o espírito do homem, no sentido psíquico do termo. A presença divina do Espírito. [...] No novo Testamento, designa o sopro, o espírito de vida (Mt 27,50), mas também o homem em sua totalidade ou ainda o homem visto sob o aspecto de sua interioridade.” (Cf. BEAUCHAMP, Paul. Espírito Santo. In: LACOSTE, Jean Yves. *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Loyola; Paulinas, 2004, p. 650).

¹¹⁸ CASTRO, Valdir José de. *Espiritualidade cristã: mística da realização humana*, p. 29.

A encarnação de Jesus é um dos temas centrais da espiritualidade da libertação. A encarnação se dá em Jesus. Ele é o modelo: Deus encarnado.¹¹⁹ Deus se fez carne em Jesus. Ao dizer que se fez humanidade concreta, estamos afirmando que assumiu tudo, tomou carne, sangue, sexo, raça, país, situação social, cultura, psicologia e biologia. Ele é plenamente humano, totalmente pessoa. Assim enfatizam Casaldáliga e Vigil:

Não é apenas ou somente Deus (monofisismo). Não é um homem aparente (docetismo), nem tampouco um simples homem (arianismo). É plenamente homem, e nele habita a plenitude da divindade (Col 1, 19).

Diante ao latente monofisismo de tantas espiritualidades, a genuína espiritualidade cristã crê na humanidade plena de Jesus. Deus assumiu e amou nossa carne, a fez sua e santificou. Jesus nos convidou a valorizar nossa humanidade. Para Galilea a espiritualidade cristã pode ser considerada um humanismo, ou melhor, a plenitude do humanismo. Todas as exigências e vivências cristãs são profundamente humanizantes. E os caminhos do Espírito conduzem a libertação humana. Evidente que a espiritualidade vai além dos aspectos humanistas simplesmente temporais, supera, possibilita e apresenta ao homem exigências, purificações e libertações que o tornam mais que homem e convertem o humanismo em seguimento de Jesus.¹²⁰

Deus não se contentou em amar-nos à distância. Chamou-nos e segue nos chamando a não fugir da nossa realidade, da carne da história, para o espírito sem carne dos espiritualistas. Somente na carne podemos testemunhar e ser testemunhas do Deus encarnado. Por isso, não existe outro caminho. Segundo o axioma clássico dos Padres: só é salvo aquilo que é assumido. Então a encarnação é para a salvação, e consequentemente, a libertação do ser humano passa pela encarnação.¹²¹

Na história humana, os sinais, as pessoas, os fatos e até a natureza constituem meios através dos quais Deus atua, nos fala e se revela. A experiência cristã de Deus se dá no interior das experiências humanas.¹²² Os acontecimentos da história humana e da história pessoal são um convite à renovação do acontecimento pascal, um convite para toda a sociedade e a cada homem e mulher a integrarem-se no mistério do ressuscitado, imitando-o em sua condição histórica.¹²³

¹¹⁹ CASALDÁLIGA, Pedro; VIGIL, José Maria. *Espiritualidad de La Liberación*. Guevara: Sal Terrae, 1992, p. 141.

¹²⁰ GALILEA, Segundo. *O caminho da espiritualidade: visão atual da renovação cristã*, p. 82-83.

¹²¹ CASALDÁLIGA, Pedro; VIGIL, José Maria. *Espiritualidad de La Liberación*, p. 141.

¹²² GALILEA, Segundo. *O caminho da espiritualidade: visão atual da renovação cristã*, p. 82.

¹²³ *Ibidem*, p.26.

Deus se fez história em seu Filho Jesus. Revelou-se na história assumindo-a. Não existem duas histórias: o evangelho é a chegada, de todos os caminhos, presença de Deus na marcha dos homens. O evangelho é o destino de toda a história, história de Deus na história dos homens.

A própria encarnação é história. Não caracteriza apenas um momento de contato metafísico entre duas naturezas, a humana e a divina, como pensavam os gregos. Sem deixar de reconhecer a dimensão ontológica elaborada no Concílio de Calcedônia.¹²⁴ A encarnação não é um momento e sim um processo. A vida e história de Jesus é um processo de encarnação. A espiritualidade assume o processo inerente a vida, a sua evolução, seu crescimento, suas tentações, suas crises, suas perplexidades e sua rotina, assumindo o processo histórico dos povos com suas angustias e esperanças, suas lutas pela libertação. A historicidade de Jesus, a maneira como ele a assumiu, são fonte e inspiração para nós. O caminho de Deus é o caminho da encarnação na história, quanto mais nos direcionamos para ele, mais nos deparamos com a história, quanto mais escatológicos, mais históricos nos tornamos.¹²⁵

Em Jesus Deus se humilhou em *kénosis*.¹²⁶ Tomou a condição de escravo (cf. Fl 2,7) colocando sua tenda no meio da humanidade (cf. Jo 1,14) entre os pobres. A *kenosis* não consiste simplesmente em assumir a carne, senão em assumir também a pobreza da humanidade. Na Igreja “Ele infundiu nos discípulos o Seu Espírito vivificador e por Ele constituiu a Igreja, Seu corpo, como universal sacramento da salvação”.¹²⁷ Para ser fiel e eficaz em sua missão evangelizadora deve passar pelo êxodo e entrar em *kénosis*, inserida com seus recursos humanos e materiais, sua institucionalidade, onde estão as urgências da humanidade e nas grandes camadas populares.

Amar a carne significa exaltar a cultura, etnia, língua, forma de ser dos povos. Um amor verdadeiramente encarnado exige um enfrentamento com a cultura científico-

¹²⁴ O 4º Concílio Ecumênico de Calcedônia (451), símbolo de fé de calcedônia: As duas naturezas em Cristo (Cf. *DH*, n. 300-303).

¹²⁵ CASALDÁLIGA, Pedro; VIGIL, José Maria. *Espiritualidad de La Liberación*, p. 142.

¹²⁶ No divino vir a Palavra rompe o silêncio e assume a vida e a história humana. “O termo *Kenose* formado pelos padres gregos a partir do verbo *Kénoó*, “esvaziar de si mesmo”, encontra sua origem numa expressão do hino de Fl 2,7. A designação de Jesus como Senhor (2, 9) é precedida nesse contexto de uma sequência que descreve a humilhação daquele que era “de condição divina”(2,6). Uma humilhação até a obediência de morte na Cruz. [...] Jesus vem de Deus e retorna à glória de Deus, depois de ser despojado numa existência de homem. [...] No evangelho de João, o itinerário de Cristo é também representado como uma descida e uma ascensão.” (Cf. BRITO, Emílio. *Kenose*. In: LACOSTE, Jean Yves. *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Loyola;Paulinas, 2004, p. 983).

¹²⁷ *Lumen Gentium*, n. 48.

técnica, niveladora, homogenizadora, que mina a riqueza e peculiaridade dos povos, sem deixar que possam usufruir dos benefícios dos avanços científicos.

Santa Tereza costumava dizer às suas monjas: “Precisamos descobrir Deus também em meio às panelas”. Deus pode ser experienciado nas ruas frenéticas e barulhentas das megalópoles ou meio a quietude e a contemplação de uma linda paisagem. Tanto no templo e na igreja como no ponto de ônibus. Onde houver ser humano lá estará Deus.

A experiência espiritual acontece na história porque Deus se faz presente na história, não vive à parte¹²⁸, alheio ou indiferente aos sofrimentos humanos. Deus é “aquele que é”, um ser histórico. Sensível as necessidades e problemas do seu povo.¹²⁹ O Deus bíblico vê a miséria e ouve o clamor do seu povo e o liberta das situações difíceis.

2.1.1. Espiritualidade do seguimento e da missão pelo Reino

Se Deus se revelou única e plenamente em Jesus Cristo (cf. Hb 1, 1-13), só há um modo de buscar e encontrar a Deus: conhecendo e seguindo a Jesus Cristo. A espiritualidade cristã tem no seguimento de Cristo a dimensão mais fundamental e original da sua identidade. Isso porque seguimos um Deus que assumiu a nossa condição humana, viveu nossas experiências e se entregou e sofreu por uma causa. Esse homem, Jesus de Nazaré, semelhante a nós em tudo menos no pecado, é o único modelo da vida humana e cristã.¹³⁰ Ser cristão é ser um seguidor de Jesus e a Igreja é a comunidade dos seguidores de Jesus. Agora somos um corpo histórico. Ele é o mestre: profeta e caminho. Não apenas proclama a verdade: é a verdade, por que a faz. Não

¹²⁸ A vida como lugar do Evangelho se fundamenta no amor de Deus pela humanidade. “O amor de Deus é aquela parte da Sua natureza que O move a doar-se a Si mesmo, em termos de afeição, e a manifestar Seu interesse em atitudes de cuidado e auto-sacrifício pelo objeto do Seu amor. O primeiro e principal objeto do amor de Deus é o Seu próprio Filho, Jesus Cristo (Mt. 3,17). [...] Deus ama aquele que crê em Seu Filho com especial amor. Os que são unidos, mediante a fé em Jesus Cristo, são objetos especiais do amor divino. [...] A humanidade inteira é objeto de amor de Deus. Ele o expressou enviando Seu Filho, a fim de redimi-la o amor divino é mais que misericordioso e compaixão; implica ação e identificação com o objeto do amor.” (Cf. CARREIRO, Vanderli Lima. Amor. In: BORTOLLETO, Fernando Filho. *Dicionário Brasileiro de Teologia* São Paulo: ASTE, 2008, p. 32-33).

¹²⁹ CASTRO, Valdir José de. Espiritualidade cristã: mística da realização humana, p. 31.

¹³⁰ GALILEA, Segundo. *O caminho da espiritualidade: visão atual da renovação cristã*, p. 66.

apenas anuncia a vida: é a vida, por que a dá. É o caminho da verdade para a vida plena.¹³¹ A verdade que orienta nossa vida e nos torna livres (cf. Jo 8,32).

Segundo Gustavo Gutiérrez não há aspecto da existência humana que possa escapar ao seguimento de Jesus. A espiritualidade não se restringe a aspectos religiosos ou setoriais, ela é total. É toda a existência que se coloca em marcha, existência pessoal e comunitária. Um estilo de vida que dá unidade ao nosso orar, nosso pensar e nosso agir¹³²

Os discípulos compreenderam o seguimento de Jesus como um caminho, um estilo de vida (cf. At 9,2; 24,14). O que distinguia a comunidade cristã entre os judeus e pagãos não era seu atestado de batismo, mas a sua identidade diretamente associada a um modo de pensar e agir, uma forma livre de seguir Jesus.¹³³ As primeiras comunidades empenhavam esforços para viver a fé com obras, ouvir e praticar a palavra (cf. Tg 1,23-24). Questionavam-se:

Meus irmãos se alguém disser que tem fé, mas não tem obras, que lhe aproveitará isso? Acaso a fé poderá salvá-lo? Se um irmão ou uma irmã não tiver o que vestir e lhe faltar o necessário para a subsistência de cada dia, e alguém dentre vós lhe disser: “Ide em paz, aquecei-vos e saciai-vos”, e não lhe der o necessário para a sua manutenção, que proveito haverá nisso? Assim também a fé, se não tiver obras, está morta em seu isolamento. (Cf. Tg 2, 14-17).

Os primeiros cristãos souberam e os cristãos de hoje sabem sintetizar muito bem a exigência máxima do seguimento, onde ser cristão é entrar no caminho, fazer a caminhada.¹³⁴ Na análise de Casaldáliga e Vigil, o autêntico discipulado tem sido sinônimo de seguimento na história cristã, e na mesma história foi, em alguns momentos, distorcido ou ofuscado por uma tentação dupla: a de codificar em dogmas e doutrinas o próprio mistério do Jesus histórico e a revolução espiritual que traz consigo, de reduzir a um mimetismo o seguimento - “a imitação” - o que deveria ser substancialmente igual e constantemente diversificado, ao longo da história: um seguimento criativo, profético e responsável.¹³⁵ Segundo Galilea recorda que frequentemente na tradição latinoamericana o Cristo histórico ficou obscurecido por uma

¹³¹ CASALDÁLIGA, Pedro; VIGIL, José Maria. *Espiritualidad de La Liberación*, p. 149.

¹³² GUTIÉRREZ, Gustavo. *Beber no próprio poço: Itinerário espiritual de um povo*, p. 100.

¹³³ CASTRO, Valdir José de. *Espiritualidade cristã: mística da realização humana*, p. 37.

¹³⁴ CASALDÁLIGA, Pedro; VIGIL, José Maria. *Espiritualidad de La Liberación*, p. 149.

¹³⁵ *Ibidem*, p. 150.

tendência a desumanizar Cristo, exaltando a sua divindade sem enfatizar a sua humanidade, com todas as suas conseqüências. O Jesus poderoso, milagroso e extraordinário ofusca o Jesus modelo histórico de seguimento, hábil para nos tornar plenamente homens e filhos de Deus¹³⁶.

Ninguém conhece ou viu a Deus (cf. Jo 1, 18) a não ser o Filho. Seguir a Jesus é, em última análise, “praticar o Deus de Jesus” praticando, mediante o seguimento do próprio Jesus de Nazaré. Como só descobrimos a Deus por Jesus, também só conheceremos os valores da vida cristã pelo Jesus histórico, somente saberemos o que é oração, o que é a pobreza, a fraternidade ou o celibato através da maneira como Jesus realizou tais valores. Ele, mais que o modelo, é a raiz dos valores da vida.

Assim pelo conhecimento da humanidade de Jesus, da sua personalidade e seu agir na missão constrói-se as exigências da nossa vida cristã e humana. Ele nos dá duas lições fundamentais: como viver em comunhão com Deus Pai, ou seja, a forma de vida cristã, e por outro lado, nos ensina a viver como seres humanos. Ensina-nos a amar, a sofrer, a focarmos um objetivo, a ter esperança e até mesmo a morrer como seres humanos. Ele revele o homem ao homem:

Na realidade, o mistério do homem só no mistério do Verbo encarnado se esclarece verdadeiramente. Adão, o primeiro homem, era efectivamente figura do futuro [...], isto é, de Cristo Senhor. Cristo, novo Adão, na própria revelação do mistério do Pai e do seu amor, revela o homem a si mesmo e descobre-lhe a sua vocação sublime. Não é por isso de admirar que as verdades acima ditas tenham n'Ele a sua fonte e n'Ele atinjam a plenitude. “Imagem de Deus invisível” (Col. 1,15) [...] Ele é o homem perfeito, que restitui aos filhos de Adão semelhança divina, deformada desde o primeiro pecado. Já que, n'Ele, a natureza humana foi assumida, e não destruída, por isso mesmo também em nós foi ela elevada a sublime dignidade. Porque, pela sua encarnação, Ele, o Filho de Deus, uniu-se de certo modo a cada homem. Trabalhou com mãos humanas, pensou com uma inteligência humana, agiu com uma vontade humana [...], amou com um coração humano. Nascido da Virgem Maria, tornou-se verdadeiramente um de nós, semelhante a nós em tudo, excepto no pecado.¹³⁷

A situação faz emergir novos traços do rosto de Jesus que necessariamente refletirão em nossas atitudes. Na fundamentação bíblica já refletimos sobre os termos “seguimento” e “imitação” de Cristo. Expressões legítimas para sintetizar o caminho espiritual cristão, embora a primeira seja mais utilizada hoje por associar dinâmica, uma

¹³⁶ GALILEA, Segundo. *O caminho da espiritualidade: visão atual da renovação cristã*, p. 67.

¹³⁷ *Gaudium et Spes*, n. 22 - 24

tarefa inacabada através do caminho da vida. Ao se identificar com as atitudes, os valores e o espírito que o mestre encarnou nas circunstâncias do seu tempo, o seguidor deverá encarná-las nas circunstâncias da sua própria história. Aqui nos defrontamos com mais uma das características originais da espiritualidade cristã: só podemos conhecer a Jesus na medida em que procuramos segui-lo. O rosto do Senhor se revela a nós na experiência do seu seguimento. Conhecê-lo como discípulo e não como pesquisador, seguindo “contemplativamente” com o coração. Desta forma a cristologia católica é uma cristologia contemplativa que conduz à práxis da imitação de Jesus.¹³⁸

Jesus era um homem entregue ao Pai, buscando seu rosto e sua vontade até o sacrifício da cruz, um homem que viveu em absoluta intimidade com o Pai, intimidade expressa na oração¹³⁹ (cf. Lc 11, 1-13) e adoração ao Pai, a qual era fonte inesgotável de sua fidelidade humana (cf. Lc 22, 26-46). A prática de Jesus nos ensina a ter a fraternidade e o amor como parâmetro do relacionamento com as outras pessoas, ensina a testemunhar a luta pela verdade e justiça, atribui sentido ao amor pelos inimigos e a opção pelos pobres e sofredores. Sua prática nos ensina o valor da pobreza e da humildade, a sermos fiéis nos compromissos humanos e cristãos e a valorizar os momentos de “carregar a cruz”. As coordenadas culturais, geográficas e sociais exigem um modo de seguimento, priorizam práticas e atitudes, que respondem à vivência do evangelho em um dado momento e lugar determinado, capazes de fazer presente o rosto adequado do único e plural Jesus. Surgem os questionamentos: quais são as características do “rosto de Jesus”, da “face do Senhor” que emergem do nosso momento espiritual e quais atitudes dele devemos fazer mais nossas.¹⁴⁰

Características como a de denunciar o anti-Reino, apontar os grupos sociais que exploram o povo no âmbito social e religioso, fazendo irromper um protesto social frente às formas de opressão, enfrentando inclusive o Templo e a religiosidade opressora. Um Jesus ecumênico, filho de um povo que se julga escolhido, veio derrubar as muralhas da separação, em uma ótica do macroecumenismo do Reino. Propõe, na parábola, como figura exemplar, o cismático samaritano que se fez próximo do inimigo judeu. O amor aos pobres como critério escatológico de salvação, medida pela qual todos seremos julgados, muito além dos credos e fronteiras religiosas, que revolucionou

¹³⁸ GALILEA, Segundo. *O caminho da espiritualidade: visão atual da renovação cristã*, p. 69.

¹³⁹ Jesus nos ensina a rezar através da sua oração. O Pai Nosso apresenta os fundamentos da espiritualidade de Jesus. (cf. CROCOLI, Aldir. O desenvolvimento espiritual de Jesus. Cadernos da ESTEF. Porto Alegre, ESTEF, n. 43, 2009/02, p. 31 – 42).

¹⁴⁰ CASALDÁLIGA, Pedro; VIGIL, José Maria. *Espiritualidad de La Liberación*, p. 150-151.

o comportamento frente às mulheres para os parâmetros do seu tempo e a maneira de tratar aqueles que eram considerados oficialmente privados da solidariedade. Se compadeceu com o sofrimento humano.¹⁴¹

Jesus se entregou a causa do Reino de Deus, ao analisarmos os evangelhos sinóticos enfatizamos que o tema central, o foco da sua pregação, a realidade que dava sentido a sua atividade era o Reino de Deus.¹⁴² Jesus não pregava e ensinava sobre um Deus simplesmente, ou a Igreja, nem a sobre si mesmo, senão o Reino de Deus. Essa foi a causa para qual ele viveu, da qual falou, pela qual se arriscou, foi perseguido, preso, condenado e executado.¹⁴³

O povo de Israel esperava por um libertador, um líder religioso e militar. No fim do evangelho, os discípulos a caminho de Emaús confessam que esperavam que Jesus fosse o libertador de Israel (cf. Lc 24,21). Nas palavras de Albert Nolan, “Jesus virou essas expectativas de pernas para o ar”. Sua idéia sobre o Reino de Deus sobre a Terra era muito diferente daquela compreensão religiosa da época. Justamente porque ele via Deus com olhos diferentes. Jesus experimentava Deus como um Pai amoroso, o seu *Abba*, bem diferente das imagens de um Deus imperador, ou dominador que faz prevalecer a sua vontade (cf. Mc 10,42). O Pai da parábola do filho pródigo, benevolente, amoroso, capaz de perdoar incondicionalmente, sem imprimir castigo ao esperar retribuição ou pena para o seu filho pecador. Não quer saber da vida de iniquidades e esbanjamentos do seu filho. A única realidade importante é a vida, o retorno à família, o amor (cf. Lc 15, 11-32).¹⁴⁴

A sociedade que Jesus esperava era uma família de irmãs e irmãos reunidos em torno do Pai amoroso. Um objetivo final a ser alcançado pelo caminho do amor, da humildade e dom de si mesmo.¹⁴⁵ O Reino de Deus não desceria do alto, mas subiria de baixo, do meio dos pobres, dos pequenos, dos pecadores, dos marginais, dos perdidos. Juntos como irmãos, identificando-se, protegendo-se e preocupando-se uns com os outros, colocando em comum os seus dons e suas posses.¹⁴⁶

Se nossa espiritualidade está tão centrada no Reino, podemos usar o neologismo “reinocentrismo”. O que implica em que o conjunto da espiritualidade não é homogênea e uniforme. Tem dimensões, valores e exigências suscetíveis a um ordenamento

¹⁴¹ CASALDÁLIGA, Pedro; VIGIL, José Maria. *Espiritualidad de La Liberación*, p. 154-155.

¹⁴² CATÃO, Francisco. *Espiritualidade cristã*, p. 33.

¹⁴³ CASALDÁLIGA, Pedro; VIGIL, José Maria. *Espiritualidad de La Liberación*, p. 152.

¹⁴⁴ NOLAN, Albert. *Jesus hoje: uma espiritualidade de liberdade radical*, p 94.

¹⁴⁵ CATÃO, Francisco. *Espiritualidade cristã*, p. 33.

¹⁴⁶ NOLAN, Albert. *Jesus hoje: uma espiritualidade de liberdade radical*, p 95.

hierárquico¹⁴⁷ No decorrer dos tempos as gerações se perguntam: qual é “essência do cristianismo”? E em cada momento a teologia e a espiritualidade deram a sua resposta.

Jesus não era grego, ele não concebeu falar de Deus fora da história. Ele fala de um Reino de Deus e de um Deus do Reino, não simplesmente Deus, mas Deus em sua relação concreta com a história e com a plenitude da mesma no próprio Deus. O reino dos céus não significa que nossa espiritualidade se entregue a perspectivas transcendentalistas, à margem ou além da história, a um céu que não está aqui e nem se constrói dia a dia entre nós, uma salvação inteiramente diversa e alienação que leva a viver subordinado as datas ou período apocalíptico para a volta de Jesus.¹⁴⁸

Então, o que era o Reino de Deus para Jesus? O conceito aparece 122 vezes nos evangelhos e 90 vezes na boca do próprio Jesus. A sua única causa, o Reino do Senhor é efetivo reinado do Pai sobre tudo e sobre todos. A partir dessa perspectiva tudo é modificado: a justiça, a liberdade, o amor, a fraternidade, a misericórdia, a reconciliação, a paz, o perdão. As urgências imediatas de Deus constituem a causa pela qual Jesus lutou, pelo qual deu sua vida. É a revolução e a transfiguração absoluta, estrutural e global, da realidade, do homem e do cosmos, purificado de todo o mal e repletos de Deus, cheios da realidade de Deus.¹⁴⁹

Ser cristão não será outra coisa senão lutar pela causa de Jesus, se o Reino é para Jesus o centro, o absoluto, a razão, também será para os seus seguidores. O Reino é a missão do cristão, a missão fundamental de todo o cristão, as outras missões concretas e os carismas particulares são maneiras de concretizar a única grande missão do cristão.

O Reino é uma realidade de ordem espiritual, porém não é uma realidade desligada daquele em que vivemos, nas categorias e qualidades corporais, ambientais, culturais e políticas a que estamos sujeitos. É um elemento transformador dos horizontes puramente terrenos, pessoais e sociais na prevalência das coisas espirituais que duram para sempre.¹⁵⁰

No evangelho das bem-aventuranças Jesus apresenta uma síntese dos valores do Reino, como já afirmamos, não são apenas promessas para outra vida, mas uma

¹⁴⁷ No Concílio Vaticano II: “[...] existe um ordem ou ‘hierarquia’ de verdades na doutrina católica, já que o nexo delas com o fundamento da fé cristã é diverso. Assim se abrirá o caminho pelo qual, mediante esta fraterna emulação, todos se sintam incitados a um conhecimento mais profundo e manifestação mais clara das investigáveis riquezas de Cristo” (cf. *Unitatis Redintegratio*, n. 11)

¹⁴⁸ CASALDÁLIGA, Pedro; VIGIL, José Maria. *Espiritualidad de La Liberación*, p. 134-135.

¹⁴⁹ *Ibidem*, p. 136.

¹⁵⁰ CATÃO, Francisco. *Espiritualidade cristã*, p. 34.

promessa e uma luz para a vida atual. Longe de ser alienante, são ao mesmo tempo escatológicas e históricas¹⁵¹:

Vendo as multidões, Jesus subiu à montanha e sentou-se. Os discípulos aproximaram-se, e ele começou a ensinar: “Felizes os pobres no espírito, porque deles é o Reino dos Céus. Felizes os que choram, porque serão consolados. Felizes os mansos, porque receberão a terra em herança. Felizes os que têm fome e sede da justiça, porque serão saciados. Felizes os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia. Felizes os puros de coração, porque verão a Deus. Felizes os que promovem a paz, porque serão chamados filhos de Deus. Felizes os que são perseguidos por causa da justiça, porque deles é o Reino dos Céus. Felizes sois vós, quando vos injuriarem e perseguirem e, mentindo, disserem todo mal contra vós por causa de mim. Alegrai-vos e exultai, porque é grande a vossa recompensa nos céus. Pois foi deste modo que perseguiram os profetas que vieram antes de vós. “Vós sois o sal da terra. Ora, se o sal perde seu sabor, com que se salgará? Não servirá para mais nada, senão para ser jogado fora e pisado pelas pessoas. Vós sois a luz do mundo. Uma cidade construída sobre a montanha não fica escondida. Não se acende uma lâmpada para colocá-la debaixo de uma caixa, mas sim no candelabro, onde ela brilha para todos os que estão em casa. Assim também brilhe a vossa luz diante das pessoas, para que vejam as vossas boas obras e louvem o vosso Pai que está nos céus.” (cf. Mt 5, 1-16)

As bem-aventuranças não estabelecem apenas uma mensagem pessoal para cada cristão. São exigências para toda a sociedade, a economia e a política. Desta forma a espiritualidade cristã ilumina uma vida de discípulos missionários que buscam a realização destes valores em todos os campos sociais.¹⁵² E representa uma denúncia contra todos os sistemas que impossibilitam o homem de alcançarem os ideais evangélicos, que aprisiona os seres humanos e inviabiliza a realização da plenitude da sua vida.

A missão de anunciar e testemunhar as bem-aventuranças assegura no processo de libertação dos pobres e da luta social a presença de um estilo evangélico que transforma e humaniza sem inibir. Segundo Galilea e Gustavo Gutierrez assinalam que talvez essa seja uma das contribuições mais indispensáveis do cristianismo na libertação da América Latina¹⁵³

A opção fundamental da vida de Jesus, a vontade do pai, o Reino “na terra como no céu”, também segue como a opção do discípulo no seguimento e na vida missionário. Sob a ação do Espírito e diante as exigências da realidade, da situação dos

¹⁵¹ GALILEA, Segundo. *O caminho da espiritualidade: visão atual da renovação cristã*, p. 86-98.

¹⁵² *Ibidem*, p. 99.

¹⁵³ GUTIERREZ, Gustavo. *Beber no próprio poço: Itinerário espiritual de um povo*, p. 108.

pobres, essa opção será vivida no jeito de ser com atitudes de: indignação profética e compaixão solidária. Uma atitude libertadora frente às amarras físicas, espirituais, sociais e religiosas. A renúncia do Servo Sofredor e seu despojamento radial *kénosis*, deixando de lado o *status*, a comodidade e o consumismo, as futilidades e o prestígio humano. A confiança na ternura maternal do Pai que cuida das aves e dos lírios e se preocupa com cada um dos seus filhos amados (cf. Mt 6,25-34). Unidade na eucaristia, que não pode deixar de ser ao mesmo tempo, fruto da terra e do trabalho, e da luta e do sangue: Páscoa de Jesus e Páscoa do Povo. Em uma conjunção integrada do pessoal e do grupal, do cultural e do político, e até do geopolítico, dentro daquele macroecumenismo que nos leva a lutar juntos, mesmo sabendo, com as pessoas e comunidades que não vivem a mesma opção pelo Reino.¹⁵⁴

Não é um acontecimento futuro que devemos esperar de forma passiva. O Reino de Deus é presente, realidade entre nós, que já está no meio de nós. Não precisamos esperar por grandes sinais ou prodígios (cf. Mt 12, 38-39). O toque de Deus já pode ser percebido nos acontecimentos (cf. Lc 11, 20). A família de Deus, sua comunidade, já está em ação no mundo, como o fermento colocado no pão (cf. Mt 13,33). Semelhante a pequenina semente de mostarda que ao crescer se transformará em algo muito maior. Jesus surpreende mais uma vez, virou as expectativas dos seus contemporâneos de cabeça para baixo. O que estávamos esperando já está no meio de nós. Isso não significa estagnação diante da esperança e construção de um mundo melhor, mas perceber que o embrião ou semente desse mundo futuro já está entre nós.¹⁵⁵

2.1.3. Espiritualidade Pascal

O Êxodo constitui a experiência espiritual central no contexto veterotestamentário. A páscoa é o fato fundante, a passagem da escravidão para a liberdade. No Novo Testamento a experiência da paixão e ressurreição de Jesus, passagem da morte para a vida, a nova aliança, estabelece a nova Páscoa.¹⁵⁶

Conforme Segundo Galilea a espiritualidade se identifica, em qualquer lugar, cultura e condição social, como um processo de seguimento de Cristo sob o impulso do

¹⁵⁴ CASALDÁLIGA, Pedro; VIGIL, José Maria. *Espiritualidad de la liberación*, p. 134-135.

¹⁵⁵ NOLAN, Albert. *Jesus hoje: uma espiritualidade de liberdade radical*, p. 96-97.

¹⁵⁶ CASTRO, Valdir José de. *Espiritualidade cristã: mística da realização humana*, p. 37.

Espírito e guiados pela Igreja. Assim progressivamente ocorre a identificação com Jesus Cristo, um processo de características pascais, da morte para o pecado e egoísmo para a vida em Deus, vida para Ele e para os outros. A participar da páscoa de Cristo é uma exigência inerente ao seu seguimento. Torna-se visível no batismo, a iniciação de um cristão à espiritualidade, passagem da morte para a vida.¹⁵⁷ A forte marca batismal do cristianismo reforça uma dialética pascal, de progressivas mortes e ressurreições em Cristo, seus efeitos conduzem a uma identificação maior com Ele. A cruz e a ressurreição de Cristo são os pólos negativo e positivo de morte e vida na existência cristã. São fatos correlatos. A renúncia total é uma exigência evangélica (cf. Lc 14, 26) e a resposta direta e imediata da lei do amor total (cf. Mt 22, 37). Para São João da Cruz a contemplação e a pobreza de espírito, estão intimamente ligadas, quase o mesmo que a ausência de egoísmo e a caridade, ao ponto de uma existir em proporção direta à outra. Então a entrega total a Cristo se torna a renúncia total das atitudes centradas no eu, a renúncia de si mesmo.¹⁵⁸

Na V Conferência do CELAM em Aparecida, vislumbramos o caminho espiritual da vida que recebemos de Cristo, pois Deus por ele, em seu mistério pascal, recriou o homem fazendo-o filho e lhe dando a garantia “um novo céu e uma nova terra” (cf. Ap 21,1). Chegamos a imagem do primeiro Adão, mas somos chamados também, desde o princípio, a realizar a imagem de Jesus Cristo, o novo Adão (cf. Cor 15,45). A criação leva a marca do Criador e deseja ser libertada e participar da gloriosa “liberdade dos filhos de Deus” (cf. Rm 8, 21).¹⁵⁹

O batismo, nas palavras de São Paulo: “fomos sepultados com ele na morte para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também nós vivamos vida nova (Rm 6,4).” Os acontecimentos da história humana e da história pessoal são um convite a renovação do acontecimento pascal, um convite para toda a sociedade e a cada homem e mulher a integrarem-se no mistério do ressuscitado, imitando-o em sua condição histórica.¹⁶⁰ A importância dos acontecimentos diários e da história está na percepção de um chamado para a transformação, abandonando o egoísmo e revestindo-se de Cristo, buscando orientar a vida para os outros.

¹⁵⁷ GALILEA, Segundo. *O caminho da espiritualidade: visão atual da renovação cristã*, p. 26.

¹⁵⁸ SALVADOR, Federico Ruiz. *Compêndio de teologia espiritual*, p. 367.

¹⁵⁹ V Conferência Episcopal da América Latina e Caribe, n. 27.

¹⁶⁰ GALILEA, Segundo. *O caminho da espiritualidade: visão atual da renovação cristã*, p. 26.

Aqueles que querem ser discípulos de Jesus tem na eucaristia o coração da espiritualidade¹⁶¹, um lugar de encontro privilegiado com o seu Senhor. Nesse sacramento Jesus nos atrai para si e nos faz entrar no seu dinamismo com Deus e o próximo. Existe um estreito vínculo entre as três dimensões da vocação cristã: crer, celebrar e viver o mistério de Jesus Cristo, de tal modo que a existência cristã adquire uma forma eucarística. Em cada celebração os cristãos celebram e assumem o mistério pascal, participando dele. Devemos viver a fé na centralidade do mistério pascal de Cristo, de modo que toda a nossa vida seja cada vez mais eucarística. Fonte inesgotável da vocação cristã e do impulso missionário. Aqui o Espírito Santo fortalece a identidade do discípulo e desperta nele a vontade de anunciar a todos o que tem escutado e vivido.¹⁶²

A espiritualidade cristã, assim como a vida do cristão, tem na eucaristia sua fonte a ápice. Um encontro com os irmãos e irmãs para celebrar em fraternidade a morte e a ressurreição de Jesus. Em sua sacramentalidade, Cristo torna-se parte dessa comunidade fraterna, transmitindo-lhe a sua vida de amor radical e a instigando-a a lutar pela causa do Reino e de sua justiça até o sacrifício da cruz, na firme esperança da ressurreição. A espiritualidade sacramental se baseia:

Na afirmação do O *Catecismo*: "A Missa é, ao mesmo tempo e inseparavelmente, o memorial sacrificial em que se perpetuam o sacrifício da Cruz e o banquete sagrado da Comunhão, no Corpo e Sangue do Senhor".¹⁶³ É o que afirma a Encíclica *Ecclesia de Eucharistia*, quando observa que Jesus "não se limitou a afirmar que o que lhes dava de comer e de beber era o seu corpo e o seu sangue, mas exprimiu também o seu valor sacrificial, tornando sacramentalmente presente o seu sacrifício que, algumas horas depois [da Ceia], realizaria na cruz, pela salvação de todos". A Eucaristia, sacrifício e convite, é o que de mais precioso a Igreja pode ter no seu caminho como peregrina no tempo e na história; é a dádiva mais inestimável, "dom por excelência, porque dom dele mesmo [do Senhor], da sua Pessoa na humanidade sagrada e também da sua obra de salvação"¹⁶⁴, porque é "fonte e ápice da vida cristã".¹⁶⁵

O conjunto dos sacramentos são acontecimentos do encontro com Jesus, com o Cristo vivo. Eles têm uma eficácia radical proveniente do fato de que a toda a ação de Jesus ressuscitado sobre o mundo e sobre as pessoas, através da sacramentalidade da

¹⁶¹ O'COLLINS, Gerald. Cristo, nossa páscoa e nosso futuro. In: GOFFI, Tullio; SECONDIN, Bruno. *Problemas e Perspectivas de Espiritualidade*. São Paulo: Loyola, 1992, p 165.

¹⁶² *Aparecida*, n. 251.

¹⁶³ CATECISMO da Igreja Católica, "o banquete pascal", n. 1382

¹⁶⁴ *Ecclesia de Eucharistia*, n. 11-12.

¹⁶⁵ *Lumen Gentium*, n.11.

Igreja, ser uma ação pascal. A vida que Cristo nos transmite: é vida pascal, ao mesmo tempo nos faz morrer e nos renova. A vida pascal que recebemos, de modo especial nos sacramentos, são o penhor de uma promessa, recebemos a vida eterna como participação presente e esperança futura. O cristão morre para o pecado e o mal e renasce para viver segundo o Espírito, em um processo que envolve toda sua trajetória de vida, ponto que mais uma vez sinaliza a espiritualidade como um caminho. É o encontro com uma vida que regenera, os próprios símbolos cristãos representam tal realidade: água, luz, pão e vinho. Um encontro com a vida do Cristo pascal, simbólico e real, triunfo dessa vida sobre a nossa realidade de morte.¹⁶⁶

Creemos que Jesus passou da morte para a vida, por amor a todos os irmãos e irmãs, e deu sua maior prova morrendo por eles, morrendo por nós (cf. 1Jo 3,14). O Ressuscitado, com as chagas vivas, já gloriosas, confere a missão a seus discípulos: “vós sereis minhas testemunhas” (cf. Lc 24, 44-49). Testemunhas suas na terra, da morte na cruz e testemunhas da sua ressurreição. A missão de proclamar a vitória de Jesus sobre o pecado, sobre a escravidão e sobre a morte.¹⁶⁷ A síntese do coração da fé cristã:

Difícilmente se encontrará uma palavra que sintetize a fé cristã e a missão da Igreja de Jesus de um modo mais dinâmico, dialético e esperançoso que esta palavra transpassada de aleluias: “Páscoa”¹⁶⁸

A páscoa é a síntese pessoal e comunitária, histórica e transhistórica, a máxima dialética de Vida-Morte.¹⁶⁹ A memória do passado e a graça recebida no presente servem para sustentar a esperança na glória futura. “Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem vida eterna e eu o ressuscitarei no último dia” (cf. 6, 54). Receber o Cristo ressuscitado significa viver à espera da ressurreição futura¹⁷⁰

Ao longo da história as Igrejas foram criticadas quando apelaram para a ressurreição e preconizaram a esperança sem apelar, simultaneamente, para a história e para a justiça.¹⁷¹ Marx, Nietzsche e Freud sustentaram que a religião e, em particular, a esperança cristã tem efeito negativo dispersando e evadindo a atenção humana da

¹⁶⁶ GALILEA, Segundo. *O caminho da espiritualidade: visão atual da renovação cristã*, p.107.

¹⁶⁷ CASALDÁLIGA, Pedro; VIGIL, José Maria. *Espiritualidad de la liberación*, p. 265.

¹⁶⁸ Ibidem, p. 266.

¹⁶⁹ Ibidem, p. 266.

¹⁷⁰ O'COLLINS, Gerald. Cristo, nossa páscoa e nosso futuro. In: GOFFI, Tullo; SECONDIN, Bruno. *Problemas e Perspectivas de Espiritualidade*. São Paulo: Loyola, 1992, p 166.

¹⁷¹ CASALDÁLIGA, Pedro; VIGIL, José Maria. *Espiritualidad de la liberación*, p. 26.

realidade, das tarefas desse mundo, orientando-a para as presumidas consolações de uma vida futura, no outro mundo.¹⁷²

Basta olhar para os testemunhos dos discípulos de Cristo em toda a história e para os cristãos e cristãs, as lideranças pastorais, as comunidades, as igrejas locais e missionários no mundo atual para ver que a esperança cristã não é um otimismo festivo. Essa esperança é ao mesmo tempo: promessa, tarefa e espera. Aqui está o desafio da nossa fé e a tarefa da nossa caridade, que só pode sustentar-se e dinamizar-se na verdadeira esperança cristã.¹⁷³ Sendo assim, ter esperança no futuro prometido não quer dizer aguardar confiante a sua realização, mas dedicar-se com empenho para viver de maneira coerente com os valores desse futuro, hoje e agora (cf, Rm 6, 4ss). É expressão contínua no “contexto da vida secular”¹⁷⁴, concretamente operante e muito diferente da espera passiva e dos desejos puramente metais. Conhecer o Cristo ressuscitado significa obedecê-lo e segui-lo. Esperar o seu futuro implica um enfrentamento com a realidade, com as experiências comuns da humanidade, e provoca a ação no presente, protagonismo.¹⁷⁵

A realidade nos impõe duas alternativas: “mortos ou ressuscitados”, na América Latina temos muitos testemunhos, que alicerçados na história, plantando e construindo, correndo riscos, escolheram a construção de um caminho de vida e ressurreição para o futuro frente à morte. São milhares de mártires, a exemplo de Oscar Romero e de muitas outras testemunhas, às vezes até anônimas, que vêm testemunhando com sua fé, seu agir e às vezes até com o seu sangue. Esses testemunhos caminham e se multiplicam nossas comunidades, o povo se organiza e se conscientiza na marcha para a “Terra Prometida” A América Latina, considerada muitas vezes como “o Continente da morte”, dá a vez para o “Continente da esperança”, assim recordamos, todos nos e cada um, que “dar razão a nossa esperança” deve traduzir em um jeito de ser, no agir diário, na prática, na família e no trabalho, na oração e na política, na luta e na festa.¹⁷⁶

Portanto, cremos na ressurreição, na nossa própria ressurreição, na nossa plenificação escatológica como povo de Deus. Para a espiritualidade cristã em sua irrenunciável dimensão pascal, as problemáticas, desafios, crises, enfim, o contexto

¹⁷² O'COLLINS, Gerald. Cristo, nossa páscoa e nosso futuro. In: GOFFI, Tullo; SECONDIN, Bruno. *Problemas e Perspectivas de Espiritualidade*. São Paulo: Loyola, 1992, p 168.

¹⁷³ CASALDÁLIGA, Pedro; VIGIL, José Maria. *Espiritualidad de la liberación*, p. 267.

¹⁷⁴ *Gaudium et Spes*, n. 3

¹⁷⁵ O'COLLINS, Gerald. Cristo, nossa páscoa e nosso futuro. In: GOFFI, Tullo; SECONDIN, Bruno. *Problemas e Perspectivas de Espiritualidade*. São Paulo: Loyola, 1992, p 169.

¹⁷⁶ CASALDÁLIGA, Pedro; VIGIL, José Maria. *Espiritualidad de la liberación*, p. 267.

atual convida ao seguimento de Jesus de Nazaré em seu dinamismo pascal. Nas palavras de Paulo, a síntese da memória, experiência e esperança que convergem em Cristo se encontram em sua doutrina eucarística. O apóstolo passa pela memória do passado, o que Jesus fez na noite em que foi traído - através da experiência do presente no “comer este pão e beber este cálice” – à “proclamação da morte do Senhor até que ele venha”, feita como esperança (cf. 1Cor 11, 23-26) Nessa complexa realidade, a vida cristã recebe seu sentido do futuro do Cristo ressuscitado. O fim está lá onde nós começamos. A vida adquire sentido e objetivo a partir do fim, por isso rezamos “Vem, Senhor Jesus”.¹⁷⁷

A fé e a espiritualidade pascal nos permitem compreender que a vitória mais importante em nossa vida é a realização da nossa vocação humana de sermos mais humanos. Essa vocação só se realiza com atitudes de solidariedade e no engajamento na luta por renovadas relações humanas e sociais e por uma sociedade onde as pessoas possam viver com alegria e dignidade. A derrota ou a vitória nos campos sociopolítico, socioambiental e socioeconômico, envolve questões que não dependem unicamente de sermos fiéis a nossa vocação, mas as condições objetivas da história. Então a realização da nossa vocação humana, a nossa vitória espiritual, não se identifica com a vitória das lutas sociais, ela se dá efetivamente na própria participação, no ato de estar comprometido com essas lutas, por menor que sejam. Nesse s instantes podemos vivenciar em nossa vida o que recebemos como herança espiritual e testemunhamos com nossa fé. Jesus Cristo, o derrotado pelo Império, ressuscitou!¹⁷⁸

2.1.4. Espiritualidade Trinitária

A manifestação da fé no Deus bíblico, desde Jesus, é essencialmente crer na Santíssima Trindade. O Deus de Jesus, ou seja, o Deus cristão, é o Pai e o Filho e o Espírito, a Santíssima Trindade¹⁷⁹.

A centralidade de Jesus como verbo encarnado, Palavra na história, viva e portadora do Espírito do Pai se manifesta em ações e palavras que imprimem um marca

¹⁷⁷ O'COLLINS, Gerald. Cristo, nossa páscoa e nosso futuro. In: GOFFI, Tullio; SECONDIN, Bruno. *Problemas e Perspectivas de Espiritualidade*. São Paulo: Loyola, 1992, p 172.

¹⁷⁸ SUNG, Jung Mo. Cristianismo de libertação: espiritualidade e luta social. São Paulo: Paulus, 2008, p. 68.

¹⁷⁹ CASALDÁLIGA, Pedro; VIGIL, José Maria. *Espiritualidad de la liberación*, p. 128.

na história e na vida de cada pessoa de fé. Assim reconhecemos que a espiritualidade centrada em Jesus é verdadeira e legitimamente trinitária, abarcando inerentemente uma participação no relacionamento pessoal de Jesus com o Pai e o Espírito. A teologia aprofunda essa centralidade multifacetada. Os discípulos vêem em Jesus a palavra de Deus, desde toda a eternidade na intimidade de Deus. Em Nicéia (325), o primeiro concílio ecumênico, proclama-se o verbo consubstancial ao Pai¹⁸⁰. Em termos da cultura grega, o adjetivo consubstancial, exprimia a percepção do mistério, a fé que o conhecia como homem. Jesus é o princípio de toda a santidade, entendida pelos antigos como a verdadeira divinização do ser humano. Segundo Francisco Catão nossa vocação é participar da vida divina:

Permanecendo humanos, somos chamados a participar da vida divina pelo conhecimento de Jesus, o Verbo, conhecimento indissociável do Amor, que é Deus, seu Espírito. A divinização, de que falavam os autores cristãos da Antiguidade, pode ser considerada a primeira e fundamental expressão da espiritualidade cristã centrada em Jesus.¹⁸¹

Considerada inexprimível, uma verdade inatingível ao intelecto humano, a Trindade, na conjuntura neotestamentária, é inefável, mas real, do jeito de ser de Jesus, e conseqüentemente, também do nosso, de maneira sucessiva ao nosso agir segundo o Espírito de Jesus. A expressão da fé em Deus, seja a atitude pessoal de crer ou a expressão comunitária do “cremos”, demonstra uma relação autêntica e vivida com o íntimo de Deus, com a Trindade, sendo a espiritualidade cristã o desenvolvimento da vida de Deus em nós, amorosa relação com o Pai, por Jesus, no Espírito, relação de amizade íntima, espiritual e invisível, sem deixar de ser real, presente, perceptível, cuja as implicações e sensações podem ser experienciadas intensamente no coração, isto é, no que existe de mais íntimo em nós, na intimidade e unidade própria com Deus.¹⁸²

Deus se estende até a criatura, por isso é essencialmente relacional, extático, fecundo, vivo como o amor apaixonado. Está no âmago da espiritualidade:

¹⁸⁰ Símbolo Niceno, 19 jun. 325, versão grega: “Cremos em um só Deus [...] Em em um só Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus, gerado unigênito do Pai, isto é, da substância do Pai, Deus de Deus, luz da luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado, não feito, consubstancial ao Pai [...] o qual, por causa de nós homens e da nossa salvação, desceu e se encarnou, se en-humanou, padeceu e ressuscitou ao terceiro dia do [...] e no Espírito Santo.” (Cf. *DH*, n. 125-126).

¹⁸¹ CATÃO, Francisco. *Espiritualidade Cristã*, p. 26.

¹⁸² *Ibidem*, p. 27.

A vida divina é, portanto, também a nossa vida. O centro da vida cristã deve ser unido com o Deus de Jesus Cristo por meio da comunhão de um com o outro. A doutrina da Trindade em última análise é, portanto, um ensinamento, não sobre a natureza abstrata de Deus, não sobre Deus em isolamento de tudo o que não seja Deus, mas ensinamento sobre a vida de Deus conosco e nossa vida uns com os outros.¹⁸³

Jesus tinha em sua vida terrena, o sonho e o desejo de reunir a todos no Reino de Deus. Ao apresentar a comunidade do Reino de Deus, Susin ressalta que foi no cenáculo de Jerusalém, depois da páscoa, que Jesus cumpriu sua promessa: enviou o Espírito de Deus, aquele que o conduziu por toda a vida, para fazer da comunidade a morada de Deus: do Pai, do Filho, nesse Santo Espírito. A escuta atenta a Palavra de Deus, a partilha do alimento na festa e na escassez, compartilhando e dividindo a vida material e espiritual, são as manifestações e os sinais de uma comunidade de Jesus, do Pai e do Espírito.¹⁸⁴

A unidade comunitária das três pessoas divinas converge, se expressa, ama e salva dentro da tensa unidade histórica dessas duas naturezas que constituem o próprio e único Jesus, Cristo Senhor. O Deus que Jesus é, vive e se revela a nós, não é nem um pouco distante muito menos é solitário, é tanto transcendente como imanente. Na fé cristã é tanto “história da trindade como Trindade na história”, o “Deus-trinamente-consigo-mesmos”, que se fez “Deus-com-nós-outros”. Ele é Uno-comunidade e Eternidade-História. As comunidades eclesiais proclamam que a Trindade é a melhor comunidade, a Igreja de Jesus, ou é trinitária, ou não é cristã. A espiritualidade cristã no Mundo e na Igreja deve fazer presente o mistério da Trindade dentro dos altos e baixos e esperanças da história humana, é sua vocação, portanto a espiritualidade é necessariamente trinitária.¹⁸⁵

É claro que Deus mora no coração de cada pessoa, cada ser humano é a imagem e semelhança de Deus. Entretanto o fato mais central e primordial é que na comunidade, no povo, aí Deus quer morar, desta forma a comunidade é a melhor imagem e semelhança de Deus. Cada pessoa é imagem e semelhança de Deus justamente por sua pertença a uma comunidade, nas relações entre as pessoas, no amor uns pelos outros, por carregarem os fardos uns dos outros, partilhando os problemas, as

¹⁸³ LaGugna, Catherine. *God for us: the Trinity and Christian life*. San Francisco:HaperCollins, 1993, p. 1.

¹⁸⁴ SUSIN, Luiz Carlos. *Deus: Pai, Filho e Espírito Santo*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 30.

¹⁸⁵ CASALDÁLIGA, Pedro; VIGIL, José Maria. *Espiritualidad de la liberación*, p. 128-129.

dificuldades e preocupações, experimentam que Deus é amor e por isso é comunidade.¹⁸⁶

Na Trindade alcançamos a perfeição, pois se dá a união e a inclusão:

Pela Trindade se evita a solidão do Um, se supera a separação do Dois (Pai e Filho) e se ultrapassa a exclusão Du um do outro (Pai do Filho, Filho do Pai). A Trindade permite a comunhão e a inclusão. A terceira figura revela o aberto e a união dos opostos. Por isso o Espírito Santo, a terceira Pessoa divina, sempre foi compreendida como união e comunhão entre o Pai e o Filho, sendo a expressão da corrente de vida e de interpenetração que vigora entre os divinos Únicos por toda a eternidade.¹⁸⁷

Jesus e o Espírito nos ensinam que Deus não é uma eternidade fria e solitária. Ao aprofundar o significado do dogma cristão, Susin explicita que:

O Filho e o Espírito são tão eternos como o Pai – “coeternos” – numa vida eterna em que reina a solidariedade e não a solidão, onde cada um existe numa absoluta relação: cada um é aquilo é graças aos outros. Recebe dos outros o seu ser e a sua identidade e missão específica de Pai, de Filho, de Espírito. Cada um é “segundo o outro”, “para o outro”, “junto do outro”; e está “circundando” o outro, “no centro” do outro.¹⁸⁸

Deus é puro e essencialmente amor, precisamente por isso, por que é comunidade. O teólogo e místico grego, São João Damasceno, utilizou a palavra e a metáfora *pericórese*¹⁸⁹ para falar do adorado mistério de Deus como Trindade e comunidade. *Pericórese* quer dizer a ação de envolvimento de uma Pessoa em relação às outras duas. Cada Pessoa divina penetra a outra e se deixa penetrar por ela. A interpenetração é a expressão da vida e do amor divino fundamentos da natureza divina. É próprio do amor comunicar-se, a vida naturalmente se expande e se multiplica. Assim os Três divinos se encontram desde de toda a eternidade numa infinita eclosão de vida e amor voltada na direção e na procura do outro.¹⁹⁰

¹⁸⁶ SUSIN, Luiz Carlos. *Deus: Pai, Filho e Espírito Santo*, p. 30.

¹⁸⁷ BOFF, Leonardo. *A Santíssima Trindade é a melhor comunidade*. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 29.

¹⁸⁸ SUSIN, Luiz Carlos. *Deus: Pai, Filho e Espírito Santo*, p. 31.

¹⁸⁹ Palavras técnicas da reflexão trinitária: “*Pericórese* (*Pericóresis/Pericorese*) expressão grega que literalmente significa uma Pessoa conter a outras duas (em sentido estático) ou então cada uma das Pessoas interpenetrar as outras e reciprocamente (sentido ativo); o adjetivo *pericorético* quer designar o caráter de comunhão que vigora entre as divinas Pessoas.” (cf. BOFF, Leonardo. *A Santíssima Trindade é a melhor comunidade*, p. 158).

¹⁹⁰ BOFF, Leonardo. *A Santíssima Trindade é a melhor comunidade*, p. 40.

As atribuições das Pessoas do Pai, do Filho e do Espírito devem ser explicitadas e vivenciadas como tais em uma espiritualidade verdadeiramente cristã, o que faz brotar a ação missionária e a vida Trinitária. São, segundo Vigil e Casaldáliga, as características próprias da Espiritualidade da Libertação.

Do Pai, fonte-mãe da vida, criatividade inesgotável e acolhida total, origem e fim de tudo o que existe brota a paixão pela vida e por sua promoção. Os cristãos devem desenvolver a ecologia integral e as atitudes de compreensão e acolhida, paternidade e maternidade, tanto biológica como espiritual, tanto política como artística. A memória e o sentido da vida e da história.

Do Filho, ser humano e divino, o serviço e a palavra, o pobre do presépio e anunciador das bem-aventuranças, morte e ressurreição, por Ele nasce à espiritualidade que supera toda a dicotomia: da filiação divina e da fraternidade universal da humanidade, a contemplação e a militância, o anúncio e a construção do Reino, a paz e a revolução. Ainda a loucura da cruz e a segurança de saber em quem nos confiamos, o fracasso e a vitória da páscoa. A virtude da coragem, pois Ele venceu o mundo (cf. Jo 16, 33)

Do Espírito, que é o amor interpessoal do Pai e do Filho. Amor que está em todo o amor, a interioridade insondável do mesmo Deus e ao mesmo tempo dinamização de tudo o que é criado, vive, cresce e se transforma, é o consolador do aflitos. O Júbilo da Páscoa e o vento de Pentecostes, o testemunho da boca e do sangue dos mártires, o que levanta as utopias sufocadas. Dele a espiritualidade pelas causas da verdade, da justiça e da paz. Os direitos humanos das pessoas e dos povos a alteridade, a autonomia e a igualdade. A fecunda tensão de uma Igreja que sempre há de ser impelida a converter-se¹⁹¹. A herança dos mártires e a diário despontar da utopia no amanhecer, frente a todo o ocaso. O Final de da História, contra o perverso “fim da história”.¹⁹²

2.2. Desenvolvimento histórico da espiritualidade cristã - *Caro cardo Salutis*

A revelação de Deus tem completou-se em Jesus Cristo e terminou com a morte do último apóstolo. A Bíblia foi escrita na perspectiva do desenvolvimento. Não existe

¹⁹¹ Uma Igreja “sempre reformada”: *Lumen Gentium* n. 7,9,35; *Gaudium et Spes*, n. 43; *Unitates Redintegratio* n. 6.

¹⁹² CASALDÁLIGA, Pedro; VIGIL, José Maria. *Espiritualidad de la liberación*, p. 129-131.

doutrina que já esteja completa no início e que não possa ser enriquecida posteriormente, quando acontece o aprofundamento da fé ou quando ocorre o embate com as heresias. O cristianismo não fica limitado a um certo lugar ou a um determinado período, ele serve para todos os tempos e lugares. Não pode e não fica invariável quando entra em contato com o mundo que o circunda. Pelo contrário, evolui e desenvolve-se. Os princípios demandam diferentes aplicações conforme as pessoas e as circunstâncias, expressando novas formulações mais compatíveis com a sociedade que visam influenciar.

Através dos séculos a espiritualidade cristã se modificou, tanto na vida como na doutrina. Na doutrina porque os seus princípios fundamentais foram interpretados e desenvolvidos pelo pensamento teológico. Na vida, devido aos indivíduos e grupos, que na Igreja, testemunharam sua santidade cristã que passou por modificações em função das influências culturais do momento histórico e o lugar em que estavam inseridos. A história da espiritualidade deve descrever esse processo evolutivo dos cristãos que através dos séculos fizeram a experiência de Cristo e do evangelho e deles foram testemunhas.¹⁹³

A Igreja Primitiva, as primeiras gerações após os apóstolos, os primeiros escritores cristãos, os Padres Apostólicos, eram indivíduos que haviam conhecidos os apóstolos ou eram seus sucessores diretos. A primeira Igreja era mais carismática do que institucional, embora já apresentasse uma estrutura hierarquia. Não havia tensão entre essas duas realidades. A teologia sistemática ainda não existia. Ela começa a se formar em escolas como Alexandria e com a defesa da fé frente às heresias e os movimentos heterodoxos.

A *Didaqué*¹⁹⁴, documento importante sobre a vida da Igreja primitiva, apresenta uma tendência “pastoral-catequética” que, na conjuntura da comunidade, busca reproduzir o ambiente neotestamentário e apostólico transpondo-o ao novo *locus*. Ela transmite a ressonância da vida da pregação primitiva, o *kerigma*. Trás a força do ensino apostólico, a *didaskalia*. E o ardor da vida comunitária, expressa na *koinonia*. É um retrato da Igreja pioneira e desbravadora do século I e II. Segundo Cavalcante aqui se

¹⁹³ AUMANN, Jordan. Experiência Católica. In: GOFFI, Tullo; SECONDIN, Bruno. *Problemas e Perspectivas de Espiritualidade*. São Paulo: Loyola, 1992, p 69.

¹⁹⁴ A *Didaqué* é um documento valioso sobre a vida cotidiana da Igreja primitiva, um testemunho vivo da maneira como os primeiros cristãos se reuniam e se alimentavam da Palavra de Deus contida nas Escrituras transformando e interpretando os textos bíblicos em vista das situações que enfrentavam e das suas necessidades. O texto completo da *Didaqué* está em: STORNILOLO, I.&BALANCIN, M. *Didaqué*, São Paulo: Paulus, 1989.

encontra a tendência “tradicional-carismática” registrando o essencial dos primeiros tempos, preservando o que será o fundamento da grande tradição cristã (*paradósis*), e move-se com alguma liberdade na prática evangélica, mimetizando a evangelização simples e itinerante dos primeiros discípulos¹⁹⁵.

A espiritualidade era *crístocêntrica*, a primeira Igreja tinha essa característica fundamental, as ações, gestos e palavras de Cristo estavam presentes na mente dos primeiros cristãos, esperançosos no retorno do Senhor ressuscitado. Era uma espiritualidade escatológica, a comunidade viva na eminência do retorno de Cristo, por isso os fiéis se permaneciam vigilantes e preparados para a parusia. As cartas de santo Inácio de Antioquia demonstram esse processo de formas do milenarismo até a compreensão fundamental da Igreja de que desde a paixão e morte de Cristo, estamos já, nos últimos dias. Uma espiritualidade ascética, ou seja, da prática constante das virtudes. Prática da caridade, da humildade, da paciência, da perseverança, da castidade, e da obediência. Era um tempo de perseguição, todos procuram viver virtuosamente a imitação a Cristo, por isso o martírio era a mais alta manifestação de santidade. Mais tarde o celibato e depois a ascetismo.¹⁹⁶

Uma espiritualidade litúrgica, os primeiros cristãos, sendo a eucaristia o ponto focal da vida litúrgica. Os convertidos do judaísmo conservavam algumas práticas do culto e das orações judaicas. O povo era convocado a escutar e depois consumir a palavra. Enfim uma espiritualidade comunitária, colocando os bens em comum, elemento fundamental da vida fraterna. O aumento dos membros das Igrejas, em diferentes nações e cultos, tornou necessária a adaptação do estilo de vida.

O período da primeira patrística, séculos II e III, foi marcado pela égide implacável da perseguição estatal. Cavalcante destaca três grupos de tendências nesse período, o primeiro já mencionado engloba a *Didaqué*. O segundo mantém viva a imagem de Jesus, particularmente sua paixão e morte, como *leitmotiv* para a defesa da fé. A tendência “apologética-testemunhal”, o autêntico compromisso com o evangelho está identificado com o sofrimento do seu Senhor. A fé é defendida, sobretudo, com o martírio, nos tribunais, perante autoridades, filósofos e magistrados. Daqui surge a literatura dos apologistas e a *acta* dos mártires, responsáveis por influenciar muitas gerações. A Igreja, concomitantemente, começa um processo de estabilização com todas

¹⁹⁵ CAVALCANTE, Ronaldo. *Espiritualidade cristã na história: das origens até santo Agostinho*, p. 201.

¹⁹⁶ AUMANN, Jordan. *Experiência Católica*. In: GOFFI, Tullo; SECONDIN, Bruno. *Problemas e Perspectivas de Espiritualidade*. São Paulo: Loyola, 1992, p 71.

as suas consequências. Na Igreja do século II as primeiras apologias ajudam na nova tendência “teológico-institucional”, emergem os primeiros tratados de teologia, elaborados e articulados em novas definições e ideias originais.¹⁹⁷ A Igreja percebe a mudança de ambiente e procura responder as suas demandas. Ela teologiza-se e intitucionaliza-se. Inicia, desta forma, um processo de organização interna.

O terceiro grupo considera o processo de institucionalização e coloca a Igreja no centro. É a pragmatização da tendência “episcopal-eclesiástica”, dela deriva o modelo específico, para o qual converge o “romano”. Em palavras anteriores Inácio de Antioquia falou: “onde está o bispo está a Igreja” e, neste momento Cipriano disse: *extra Ecclesia nula salus* - “fora da Igreja não há salvação”. Entretanto, afloram novas formas de leitura dos cânones sagrados que podem servir para o novo modelo convergente como forma de inteligência, ou inaugurar uma nova ciência no cristianismo letrado. É a tendência “ortodoxo-exegética”, a qual faz irromper e explicita as pluralidades e divergências hermenêuticas no contexto do cristianismo agora espalhado e diversificado. Se por um lado os fatos históricos diminuem as possibilidades e ajustam a tradicional autoridade da ortodoxia, de outro lado, o significado espiritual desses fatos e dos textos sagrados amplia e enriquece a diversidade cristã, levando a existência de vários modelos e tradições.

Como já mencionamos a experiência de Deus é vivida pelo ser humano em sua integralidade. No século II e III, a espiritualidade sofreu influência do pensamento denominado “gnosticismo”. Esse pensamento não foi inicialmente um movimento heterodoxo do judaísmo ou do cristianismo. Para Clemente, um dos teólogos mais interessados na filosofia grega, a gnose era: “conhecimento do Nome e compreensão do Evangelho”. Esse pensamento foi incorporado pela escola de Alexandria, sob a influência de Clemente de Alexandria e Orígenes. Para Clemente a gnose estava intimamente ligada à oração e não seria somente um conhecimento especulativo de Deus. O ápice da gnose é a contemplação e seu último grau a *apatheia*, ou seja, o controle total das próprias paixões e desejos. Orígenes desenvolve e explicita a participação no mistério de Cristo e da conclusão da evolução mística na Trindade mediante um matrimônio místico.¹⁹⁸

¹⁹⁷ CAVALCANTE, Ronaldo. *Espiritualidade cristã na história: das origens até santo Agostinho*, p. 202.

¹⁹⁸ AUMANN, Jordan. Experiência Católica. In: GOFFI, Tullo; SECONDIN, Bruno. *Problemas e Perspectivas de Espiritualidade*. São Paulo: Loyola, 1992, p 73.

Essa filosofia separava o mundo material do mundo espiritual. O adepto valorizava o mundo espiritual e desprezava o mundo material, o gnóstico compreendia e dividia o ser humano em corpo e alma, sendo a alma a única valorosa.¹⁹⁹ Santo Ireneu de Lião defendeu intensamente em sua teologia a idéia de que o ser humano é integral, o corpo e alma entram para a vida nova apresentada por Jesus.²⁰⁰ A concepção bíblica de ser humano abrange um ser integral: corpo, alma e espírito. São aspectos entrelaçados e não partes separadas.

Nesses dois primeiros dois séculos não há uma razão homogênea diante da civilização pagã, senão um pluralismo de opiniões e escritos. O cristão se mantinha neutro enquanto a cultura não colocava em risco a fé cristã ou não o obrigava a reconhecê-la como deuses subsidiários, caso contrário as atacava e sofria até o martírio, se necessário, em nome da fé. O verdadeiro confronto do cristão com a cultura e a civilização ocorre no campo religioso: é uma luta de religiões. Isso explica as perseguições dos séculos I a III do paganismo contra o cristianismo e depois do cristianismo vitorioso e religião estatal contra o paganismo residual do século V. Podemos dizer que o cristianismo equilibrado não rejeitou absolutamente a civilização pagã e seus conteúdos, nem mesmo fez nada para mantê-la, na melhor hipótese buscou integrá-la. Da simbiose entre pensamento judaico, pagão e evangélico surgirá a primeira teologia cristã e com ela a espiritualidade²⁰¹.

Na segunda patrística, séculos IV e V, os Pais da Igreja desenvolveram uma teologia com claros traços de espiritualidade a qual está vinculada a personalidades e ministérios que por sua relevância se universalizaram. No Oriente as colunas Atanásio, Basílio Magno, João Crisóstomo e Gregório Nazianzeno, no Ocidente Ambrósio, Jerônimo, Agostinho e Gregório Magno. Nesse período a realidade eclesiástica é multifacetária, depois da última e maior perseguição imperial surgiu o primeiro imperador cristão da história. Constantino ainda viabilizou e realização do primeiro concílio ecumênico.

Foi um período de guinada radical que teria repercussões drásticas em todo o perfil e trajetória da Igreja. O maior símbolo de espiritualidade vigente, o martírio, perdeu seu sentido de ser. Não existe mais uma Igreja peregrina e sofredora a imagem do seu Senhor, mas uma poderosa estrutura, formadora de cultura, pouco a pouco se

¹⁹⁹ CASTRO, Valdir José de. *Espiritualidade cristã: mística da realização humana*, p. 28.

²⁰⁰ Atualmente ainda existem movimentos religiosos e linhas espirituais que exacerbam a valorização da alma e desvalorizam o corpo. O corpo é uma prisão, deve ser mortificado para salvar a alma.

²⁰¹ CAVALCANTE, Ronaldo. *Espiritualidade cristã na história: das origens até santo Agostinho*, p. 203.

torna senhora do mundo, “dando as cartas”. Uma estrutura documentada e rica, por isso legitimada, mantenedora de um *status quo*, escolhida por ela, dona do seu próprio destino.²⁰²

Nesse contexto vamos falar do Monaquismo. É um fenômeno de grande alcance social, histórico e religioso nascido no século IV²⁰³. Junto ao martírio a manifestação de santidade cristã predominante era o celibato, o qual se tornou a mais favorecida nesse período. O monaquismo não foi um novo elemento que se agregou a espiritualidade cristã, e sim uma tentativa de preservar o ideal de vida cristã do vivido na origem, em outras palavras, a vida apostólica. A separação do mundo para a busca da união com Deus numa vida de oração e práticas ascéticas.²⁰⁴ Surgiu o modelo monástico-anacoreta, tendência a uma radical rejeição e fuga ao deserto, um isolamento redentor que pudesse restaurar outro tipo de martírio auto-infligido. A vida eremita consistia em ascética, trabalhos manuais, meditação das Escrituras e uso de jaculatórias. A vida monástica foi primeiramente contemplativa e eremítica e com a introdução de mudanças e uma tendência mais comedida deu-se origem a vida monástica-cenobita. O estilo cenobítico se originou da busca pelas fontes bíblicas e da idealização da comunidade apostólica primitiva alimentando o sonho da formação de pequenas famílias vivendo na obediência de um superior e de uma regra, na sabedoria do claustro. Separados do mundo e entregues à vida de oração, os monges deviam viver em comunidade e exercer um apostolado, geralmente como direção espiritual.

A vida na cidade seguiu apresentando suas questões e desafios, a luta por uma ortodoxia e ortopraxis expôs uma tendência teológico-pastoral responsável pela produção das mais belas peças literárias de teologia na história cristã. A procura pelo texto fiel, a precisão do vocabulário técnico para bem definir o mistério divino, o cuidado pastoral na proteção frente a possíveis desvios, enfim o esforço para a fusão entre *theoria* e *práxis*, teologia e ética-moral.²⁰⁵

Ao falar de espiritualidade é fundamental ressaltar a obra de Santo Agostinho de Hipona, considerado o pensador e teólogo mais influente na Igreja Antiga. Produziu muitas obras de importância entre elas: *De civitate Dei* e *Confissões*. Nasceu quando o rei dos visigodos, Alarico, saqueou e conquistou Roma. O fato foi historicamente

²⁰² Ibidem, p. 298

²⁰³ CATÃO, Francisco. *Espiritualidade cristã*, p. 66.

²⁰⁴ AUMANN, Jordan. Experiência Católica. In: GOFFI, Tullio; SECONDIN, Bruno. *Problemas e Perspectivas de Espiritualidade*. São Paulo: Loyola, 1992, p 87.

²⁰⁵ CAVALCANTE, Ronaldo. *Espiritualidade cristã na história: das origens até santo Agostinho*, p. 299.

importantíssimo. Roma, a eterna, a conquistadora e imbatível havia sucumbido. Claro que a “queda de Roma abalou o Império”. Nesse contexto consequências caíram sobre o cristianismo, com muitas críticas como se fora responsável pela catástrofe.

O pensamento teológico de Agostinho em seus *Tractatus* foi construído no contexto de grandes polêmicas doutrinárias com os seguidores remanescentes do arianismo, maniqueísmo, donatismo e pelagianismo. A obra de Santo Agostinho surge para defender o cristianismo da intelectualidade pagã. No esforço apologético de aprofundar a visão dos fatos ele escreve *Cidade de Deus*. Foi o primeiro grandioso esboço de uma teologia da história, a mais preciosa apologia do cristianismo antigo.²⁰⁶ A obra de 22 livros, exposta historicamente, apresenta uma amplitude e riqueza difíceis de serem equiparadas nesse período. Segundo Cavalcante, o bispo de Hipona ofereceu uma visão de história que merece uma ressalva. Sua visão dualista deixou vivo um resquício de maniqueísmo e que sua metafísica acabou sendo a inspiração ideológica de toda sorte de classismo medieval. *Cidade de Deus* é uma poderosa síntese doutrinária que engloba, não só a história da humanidade e os sistemas de crença cristãs, mas especialmente todo o drama da luta da cidade de Deus e da Cida dos homens.²⁰⁷

Agostinho manifesta (livros I-X) a falácia do culto aos deuses, os quais não asseguram ou garantem a felicidade terrena, muito menos a bem-aventurança na vida eterna. Na segunda parte da obra (livros XI-XXII) descreve e interpreta a história das duas cidades. Dois estados contrários, cuja a origem remota a luta espiritual entre os seres angélicos obedientes, que deram origem ao estado de Deus, e aqueles que caíram, dando origem ao estado do demônio. O pecado de Adão traz para o cenário da humanidade uma divisão de existência anterior. Agostinho escreve a luta (livros XV-XVIII) dos dois estados na terra, usa como ponto de partida a luta de Caim e Abel. Então prolonga-se pelos períodos ulteriores da humanidade, chegando no momento apoteótico da cidade de Deus e na ruína da cidade terrena.

A síntese da espiritualidade agostiniana é a teologia da história. O eixo central do pensamento desse grande teólogo é ao antagonismo entre a fé cristã que aspira a beatitude de uma pátria celestial e o velho ideal da cidade antiga, único lugar de civilização e de bem. O bem e o mal estão inextricavelmente misturados no mundo, e a existência humana é uma realidade que transcende toda a história meramente

²⁰⁶ Ibidem, p. 334-335.

²⁰⁷ Ibidem, p. 374.

humana²⁰⁸. Um cristão não pode ter sua razão de viver somente no desenvolvimento dos valores humanos a serviço de um ideal político, por melhor que seja o bem público não justifica tal exclusividade. Ele supõe uma distinção entre história sagrada e história secular.

O Estado Romano considerou sua lei e sua paz como absolutos e que podiam transcender toda a história humana. A cidade terrena busca sua maioridade marcando o ritmo de seu processo de paganismo em busca da justiça, ordem e paz. Esse orgulho que almejava o absoluto fez cair o império, pois ao querer dominar tudo rejeitou a Deus e tornou-se idolátrico. Ao se erguer como bem supremo tomou o lugar de Deus.²⁰⁹

No livro XIV de *Cidade de Deus* está a fórmula-chave da teologia da história agostiniana:

Dois amores fundaram, pois, duas cidades, a saber: o amor-próprio, levado ao desprezo de Deus, a terrena; o amor a Deus, levado ao desprezo de si próprio, a celestial. Gloria-se a primeira em si mesma, e a segunda em Deus; porque aquela busca a glória dos homens, e tem esta por máxima glória a Deus.²¹⁰

Desta forma o Estado que vive dentro de um ideal puramente humano, como Roma, é a cidade terrena, por conseguinte neste *saeculum*, em que Deus está excluído como hipótese necessária para sua finalidade existencial. Em contraposição esta a cidade de Deus, cidade de homens que vivem segundo a lei de Deus e desenvolvem, nesta perspectiva, todos os valores e princípios psicológicos, culturais e sociais. Precisamente com o material humano, Deus apronta sua cidade eterna. A dimensão da vontade humana é responsável por distinguir as duas cidades. Antes do fim não há separação discernível. O que dá satisfação, ou melhor, os objetos em que cada um busca a sua satisfação final, são o parâmetro para distinguir os membros de uma e de outra cidade. A cidade celeste está formada pelos que põem unicamente em Deus o valor supremo subordinando a todos os outros amores. As duas cidades são indistintas na realidade temporal, mas são reciprocamente excludentes como realidade escatológica.²¹¹

A visão cristã de Agostinho o faz apreciar que toda a história está dentro de um

²⁰⁸ Ibidem, p. 375.

²⁰⁹ Nessa justaposição Agostinho rejeita o extremismo de Eusébio de Cesaréia que aplicava aos imperadores categorias messiânicas e a tradição de Hipólito que via o império como anticristo.

²¹⁰ *Cidade de Deus* XIV, 28 (p. 169)

²¹¹ CAVALCANTE, Ronaldo. *Espiritualidade cristã na história: das origens até santo Agostinho*, p. 376-377.

grande plano ou projeto divino linear e ascendente, apresentando início, meio e fim, e onde o construtor do plano é que lhe dá sentido de transcendência. A salvação que abrange criação, queda, redenção e glorificação é a característica mais evidente do projeto divino. O cumprimento ou desempenho passa pelo envolvimento direto e pessoal de Deus nessa história. O que só é possível pela encarnação do Verbo: o Deus-Filho feito carne e que ocupa o centro da nossa história. Toda a antiga aliança está direcionada como preparação e ambientação para a vinda encarnada de Deus na pessoa de Jesus.

Santo Agostinho também desenvolveu um tipo original de vida comunitária, um monaquismo clerical que abandonou paulatinamente o objetivo contemplativo e concentrou-se no ministério pastoral²¹².

O aspecto contemplativo foi incrementado por São Bento, o pai do monaquismo ocidental. Em sua maioria leigos, os monges beneditinos dedicavam-se à liturgia da Missa e do Ofício divino, à *lectio divina* e ao trabalho manual. Foi por muito tempo a ponto focal e a fonte de vida cristã do laicato.

Na Idade Média ocorre o surgimento das famosas escolas de teologia e formas novas de vida religiosa. Em consequência a espiritualidade medieval identifica-se estreitamente com as ordens religiosas que brotaram entre os séculos XII e XV, os beneditinos, os cônegos regulares, os dominicanos e os franciscanos. Mesmo que diferentes em seus carismas, estilo de vida e missão, as ordens religiosas evoluíram como “escolas de espiritualidade” no seio da única Igreja Católica. Por isso, na direção de Bernardo, a espiritualidade medieval beneditina caracterizou-se pela piedade afetiva, já os beneditinos de Cluny guardavam a marca litúrgica de sua espiritualidade; com Vitor os cônegos regulares acrescentaram uma dimensão mística e contemplativa; com Domingos de Gusmão destacaram-se os dominicanos pela interpretação especulativa e sistemática; e com Francisco de Assis os franciscanos cultivaram a pobreza evangélica e uma espiritualidade cristocêntrica²¹³.

Os séculos XI e XII testemunharam a mudança na vida sacramental e devocional dos fiéis. A palavra sacramento assumiu o significado de sinal sensível instituído por Cristo para transmitir a graça. A Igreja grega e a latina fixaram em sete os sacramentos. O Concílio Lateranense prescreve que todos os fiéis, ao chegarem na idade da razão,

²¹² AUMANN, Jordan. Experiência Católica. In: GOFFI, Tullo; SECONDIN, Bruno. *Problemas e Perspectivas de Espiritualidade*. São Paulo: Loyola, 1992, p. 73.

²¹³ AUMANN, Jordan. Experiência Católica. In: GOFFI, Tullo; SECONDIN, Bruno. *Problemas e Perspectivas de Espiritualidade*. São Paulo: Loyola, 1992, p. 77.

deviam confessar os seus pecados pelo menos uma vez ao ano e no tempo pascal receber a comunhão ²¹⁴.

Os fiéis recitavam as seguintes orações: o Pai-nosso e o Credo dos Apóstolos. A Ave-Maria estava limitada à saudação do anjo. A introdução do nome de Jesus apareceu no século XIII e a súplica por uma boa morte só surgiu no século XV. A Salve-rainha já era usada no século XII e cantada em muitas ordens monásticas em procissão no final das completas.

As ordens mendicantes, dominicanos e franciscanos, privilegiavam a pobreza estrita, a observância monástica e a vida comunitária, ambas fundadas para o ministério de pregação, por isso ordens apostólicas. Fiéis à tradição monástica em seu estilo de vida foram capazes de dar uma resposta as necessidades da Igreja no que se referia ao apostolado da pregação. A espiritualidade dominicana é doutrinária e apostólica e sua grande contribuição está nos púlpitos, cátedras e nos livros. A Espiritualidade Franciscana conduzia os seus pregadores ambulantes enfatizava a austera pobreza.

A devoção a Cristo ocupou o lugar central da espiritualidade da segunda Idade Média. As devoções foram muito propagadas, entre elas destacamos: a devoção aos mistérios da vida terrena de Cristo, ao presépio e a paixão de Cristo. A pregação e oração em torno do rosário, pois havia uma profunda devoção a Maria e aos santos. Podemos ver os reflexos desse período na obras de arte que chegaram até nós hoje e nos tratados populares sobre a missa. ²¹⁵

A *Devotio Moderna* novo movimento que assim foi denominado por John Busch oferecia um tipo de espiritualidade afetiva o que vinha ao encontro das necessidades dos cristãos devotos da época. Evitava excessivas teorizações sobre a união com Deus no estado místico. A Imitação de Cristo, obra de Thomas Kempis, é o grande exemplo da relevância da *Devotio moderna*.

A Igreja esta à beira da revolta e do cisma. A liturgia era mecânica e decadente, uma onda de superstição e demonismo invadiu o cristianismo que é nesse momento marcado por um aspecto de religião pessoal ligada a boas obras.

A Espiritualidade pós-tridentina, nasce a partir do renascimento, nesse momento diversas nações europeias iniciaram o desenvolvimento de carismas e características próprios. Nos países católicos começam a surgir escolas de

²¹⁴ IV Concílio do Latrão (12º ecumênico). (Cf. DZ n. 812 – 814)

²¹⁵ AUMANN, Jordan. Experiência Católica. In: GOFFI, Tullo; SECONDIN, Bruno. *Problemas e Perspectivas de Espiritualidade*. São Paulo: Loyola, 1992, p. 78.

espiritualidade com características do temperamento de cada país. Nos grandes nomes: Teresa d'Ávila, João da Cruz, Afonso de Ligório, Catarina de Sena, Francisco de Sales, é possível notar o temperamento nacional influenciando e emergindo. A riqueza está justamente que ao mesmo tempo ressalta-se a universalidade e ortodoxia de suas doutrinas, junto com a continuidade na tradição espiritual da Igreja. Nesse período o humanismo cristão sublinhava a necessidade de fugir do mundo e de empregar contra o mundanismo, ou paganismo, duas armas: a oração e o conhecimento da doutrina sagrada. A religião do povo era muitas vezes puramente exterior, de certa maneira até farisaica. A fuga do mundo e a imitação de Cristo eram imperativos para garantir a vitória sobre o pecado e a tentação.

O Renascimento contribuiu menos com a vida espiritual do que se poderia esperar, de fato causou mais divisões que reforma. No século XVI os líderes espirituais manifestaram fidelidade às tradições do passado e o discernimento para a adaptação às necessidades dos cristãos do seu tempo. Santo Inácio de Loyola redigiu os *Exercícios Espirituais*, que demonstraram ser um meio eficaz para guiar os fiéis a uma santidade maior. A finalidade dos exercícios é ajudar exercitante a esclarecer sua própria vocação e segui-la com fidelidade. O praticante abandona o pensamento discursivo e pratica a oração mental seguindo os movimentos do Espírito. O método devia seguir todo o programa dos exercícios, mas adaptando-o a idade, à saúde e estado de vida do exercitante.

Aqui Teresa d'Ávila também tem um lugar proeminente na espiritualidade cristã. A reformadora dos carmelitas foi uma indubitável autoridade em teologia e na prática da oração mental. Tereza descrevia a oração como “conversar com aquele que nós sabemos que nos ama” e toda ela é mental porque exige que fixarmos a atenção naquele a quem nos dirigimos e nas palavras e nos conceitos da prece. Apreciável se considerarmos as tendências heterodoxas da Espanha de seu tempo: dos mouros, do iluminismo dos alumbrados e o “quietismo” dos luteranos. Seus ensinamentos estão nas principais obras: *Vida, caminho de perfeição* e *O castelo interior*,

João da Cruz, foi o reformado do ramo masculino e desenvolveu o princípio geral de que é preciso haver uma purificação de todas as faculdades da alma e do corpo para alcançar aquela íntima união com Deus, chamada de transformante mediante o amor. Em *Subida ao Monte Carmelo* e *Noite escura* ele descreve a noite ativa da purificação das faculdades sensitivas e das faculdades espirituais do intelecto, da

vontade e da memória. Em outras obras trata do estado de união transformante que leva a alma até a perfeição na caridade.

Na Itália a espiritualidade tendia a ser prática e voltada à Igreja. Os grandes místicos, a exemplo de Catarina de Sena e Madalena de Pazzi, se preocupavam com a reforma da Igreja. Nesse período foram gerados muitos santos e numerosos institutos religiosos.

A espiritualidade moderna, de 1500 até 1650 traz a marca de Francisco de Sales, “nele o renascimento francês é batizado e o humanismo torna-se devoto”. A escola francesa de Espiritualidade, que apesar de tendências heterodoxas, teve também uma grande influência²¹⁶.

As obras mais conhecidas de Francisco de Sales são: *Introdução à vida devota* e *o Tratado sobre o amor de Deus*. A primeira tornou-se um clássico equiparando-se a *Imitação de Cristo*. Ele insiste na vocação e no chamado universal a santidade, independente do estado de vida do cristão. Ele escreveu para ensinar ao cristão como crescer na virtude e na oração mental. Uma Espiritualidade cristocêntrica baseada na teologia de Paulo e Agostinho.

Na espiritualidade italiana do século XVIII destaca-se Afonso de Ligório. Em sua doutrina coloca no centro Jesus e Maria e tem como tema constante o amor de Deus e o abandono à vontade divina. Insistia na importância da vocação e da acolhida ao estado de vida que Deus escolheu para cada pessoa. Insistia que todos os cristãos são chamados a perfeição. A medida da perfeição, ou seja, da santidade de cada pessoa, é dada pelo grau e intensidade do amor a Deus. O amor a Jesus Cristo e a meditação sobre o seu amor por nós é a “devoção de todas as devoções”.²¹⁷

A França influenciou todos os aspectos da vida cristã católica no século XIX e XX. A liturgia, espiritualidade, evangelização, e pesquisa teológica receberam impulso e orientação da escola francesa. Até Roma, mesmo com resistências foi empurrada e reformada e a renovação por teólogo e eclesiásticos desse país.

²¹⁶ AUMANN, Jordan. Experiência Católica. In: GOFFI, Tullo; SECONDIN, Bruno. *Problemas e Perspectivas de Espiritualidade*. São Paulo: Loyola, 1992, p. 86.

²¹⁷ AUMANN, Jordan. Experiência Católica. In: GOFFI, Tullo; SECONDIN, Bruno. *Problemas e Perspectivas de Espiritualidade*. São Paulo: Loyola, 1992, p. 89.

3. ESPIRITUALIDADE CRISTÃ E HOLISMO – CONFRONTO, SIMILARIDADES E DIFERENÇAS

Hoje a realidade impõe muitos desafios à teologia cristã, no campo da espiritualidade entra em cena a discussão da compreensão da espiritualidade cristã como parte de um gênero mais amplo, a espiritualidade humana. A posição antropocêntrica entra em contradição com as fontes cristãs. No mundo plural em que vivemos, levando em conta os aspectos culturais e históricos do cristianismo, existe uma tendência a pensar a espiritualidade em continuidade com a cultura e analisá-la em suas expressões históricas, que a distingue tanto das espiritualidades orientais, como das espiritualidades do tipo profética, judaica, helênica ou islâmica. Sem falar das espiritualidades focadas nas diferentes experiências religiosas em continuidade com os inegáveis valores humanos do amor, da vida e da liberdade, do reconhecimento da mãe-terra e da dimensão transcendental da vida humana, muito agradáveis no contexto pós-moderno de uma cultura líquida, global e constantemente dinâmica²¹⁸.

A indução pode caminhar para tais conclusões, mas para a teologia essa perspectiva não é suficiente. Nessa compreensão a espiritualidade cristã é historicamente uma entre várias, situada no tempo e no espaço, dado que todos os humanos são chamados a viver iluminados e guiados por valores superiores e espirituais. Valores capazes de unir as pessoas pelos vínculos da tradição e da cultura resultados da sua humanidade.

Aqui está a justificativa para o lugar central que o diálogo interreligioso passou a ocupar na teologia cristã. Deus é por natureza acolhida e abertura, assim ele se manifesta na história. A centralidade de Jesus não exclui que esteja presente e atuante de forma espiritual em todas as plurais expressões do fenômeno religioso humano. Os caminhos espirituais trilhados na história, nas diferentes formas, não excluem a universalidade da mediação de Jesus. Esse é um fundamento teológico da vida espiritual e da iniciativa de Deus em estabelecer comunhão com os seres humanos.

²¹⁸ CATÃO, Francisco. *Espiritualidade Cristã*, p. 27-28.

A espiritualidade cristã encontra seu sentido e sua vida na história. Ela é inerentemente histórica, pois em Jesus, Deus se faz história. Nele a divindade se encarna e se torna presente na história da humanidade. Nos tempos e lugares se apóia e se destaca, e procura os valores evangélicos que nessa situação lhe inspiram os caminhos adequados para o seguimento de Jesus. Os valores e a escala de princípios que alimentam e sustentam a fé cristã nas diferentes experiências e situações da história não são sempre as mesmas. Em cada tempo modificam as formas que ajudam as pessoas a se identificar com Cristo morto e ressuscitado. Nessa ótica no interior da espiritualidade cristã podem haver várias espiritualidades cristãs. A história comprova a inculturação da espiritualidade, nas diferentes épocas, culturas, experiências e desafios.

O mais interessante é que as diferentes expressões de espiritualidades não são essencialmente diferentes uma das outras, elas tem as mesmas fontes e a mesma identidade. O seu fundamento e expressão é o seguimento de Jesus. É claro que elas diferem na modalidade histórica desse seguimento, da mesma forma nos valores privilegiados na sua mensagem, que variam segundo as diversas situações, provocação e fatores influentes da cultura²¹⁹.

O novo paradigma do holismo, a emergência da uma macrotransição, ou o modelo ecológico em irrupção são formas de falar do mesmo paradigma que está despontando e manifesta a evolução da consciência do homem do seu lugar e sentido no planeta e no universo. A macrotransição provoca o pensamento, a cultura, e gera valores espirituais, produzindo o cultivo de uma espiritualidade holística. Tais características não são alheias ao Cristianismo, muito menos aos mestres que na história expressaram a experiência cristã nas diferentes culturas. Como foi diante do mundo helênico que propiciou o desenvolvimento e aprofundamento dos conceitos cristológicos²²⁰, o diálogo da espiritualidade com os paradigmas nascentes é inerente à evangelização que acontece em um processo contínuo de inculturação da boa-nova aos homens e mulheres do nosso tempo. Sem perder sua identidade, no encontro com as similaridades e diferenças do holismo, no enriquecimento mútuo e na síntese cultural, indo de encontro com o que há de evangélico e brota de dentro da macrotransição, a espiritualidade cristã busca estabelecer diálogo, promover a vida em todas as suas manifestações, cumprir sua missão na história encarnada, construir o Reino de Deus e a plenitude da pátria-casa comum de todos os filhos e filhas de Deus.

²¹⁹ GALILEA, Segundo. *O caminho da espiritualidade: visão atual da renovação cristã*, p. 27.

²²⁰ CAVALCANTE, Ronaldo. *Espiritualidade cristã na história: das origens até santo Agostinho*, p. 217.

3.1. Inculturação e Encarnação

O Vaticano II dedicou-se à análise da relação entre a cultura humana e a mensagem de Cristo. A apreciação pastoral destaca que podem ser observados vários laços entre a mensagem da salvação e a cultura. Deus falou ao seu povo segundo a cultura de cada época, se revelou à humanidade até a plenificação em Seu Filho, o verbo encarnado.

Na história da Igreja observamos muitos momentos em que a Igreja empregou os recursos culturais nos quais estava inserida na continua busca por tornar conhecida a mensagem evangélica. Para explicitar, melhor, investigar e penetrar profundamente no seu significado. Para expressar-se na celebração e da vida litúrgica e multiforme da comunidade dos fiéis.

Mas, por outro lado, tendo sido enviada aos homens de todos os tempos e lugares, a Igreja não está exclusiva e indissolavelmente ligada a nenhuma raça ou nação, a nenhum gênero de vida particular, a nenhuma tradição, antiga ou moderna. Aderindo à própria tradição e, ao mesmo tempo, consciente da sua missão universal, é capaz de entrar em comunicação com as diversas formas de cultura, com o que se enriquecem tanto a própria Igreja como nessas várias culturas.

A Igreja recebeu de Jesus a missão de evangelizar todos os tempos e lugares. O povo de Deus é a humanidade inteira, não existe gênero de vida particular ou tradição antiga ou moderna que tenha exclusividade. Alicerçada em sua tradição e consciente da sua missão universal, o Cristianismo desenvolveu e continua exercitando a capacidade de comunicar-se com as diferentes culturas dando asas a um processo de mútuo enriquecimento, onde cultura e Igreja, cultura e espiritualidade cristã são enriquecidas reciprocamente. A boa-nova de Cristo restaura a cultura e a vida do homem:

O Evangelho de Cristo renova continuamente a vida e cultura do homem decaído, e combate e elimina os erros e males nascidos da permanente sedução e ameaça do pecado. Purifica sem cessar e eleva os costumes dos povos. Fecunda como que por dentro, com os tesouros do alto, as qualidades de espírito e os dotes de todos os povos e tempos; fortifica-os, aperfeiçoa-os e restaura-os em Cristo. Deste modo, a Igreja, só com realizar a própria missão,

já com isso mesmo estimula e ajuda a civilização, e com a sua atividade, incluindo a litúrgica, educa a interior liberdade do homem.²²¹

Um dos pontos mais interessantes da inculturação é que o próprio Deus se inculturou. Em Jesus assumiu uma cultura e a palavra eterna de Deus se expressou na temporal linguagem humana. O Evangelho é a palavra de todas as culturas, “palavra de Deus na língua dos homens”²²². Evidentemente adotou essa comunicação com todas as suas limitações. Assumiu e encarnou um contexto, uma situação, uma realidade concreta na qual construiu suas raízes. Jesus de Nazaré nasceu em uma colônia dominado pelo Império Romano. Era judeu e foi criado e educado dentro de uma cultura, era reconhecido como Galileu e assim chamado por muitos que o escutavam pregando. O processo de inculturação do Evangelho começa eminentemente com a própria encarnação do Filho de Deus, pois ao assumir a condição humana, tornou-se um hebreu no meio da humanidade. Tendo em vista que a salvação de Deus é para a humanidade e a cultura é uma condição humana, a inculturação é necessária porque a revelação de Deus acontece dentro da cultura²²³. No Novo Testamento Paulo e Barnabé junto aos pagãos passam por momentos tensos como o enfrentamento ao Judaizantes (cf. At 13-15) entre outros exemplos. Na patrística leva adiante a necessidade de deixar as culturas a tarefa de encarnarem a boa notícia em seus processos. Nas palavras de Clemente de Alexandria: “trocar a roupa semita pela grega”.

As culturas não afetam a fé e suas expressões a ponto de privá-la de sua identidade e autenticidade. Apesar da sua profunda relação, a fé e a espiritualidade são radicalmente autônomas diante de qualquer cultura²²⁴. As culturas influem na espiritualidade quanto aos temas e valores que são realçados ou não. Quando os valores espirituais coincidem com os valores de determinada cultura tais valores são fortalecidos e privilegiados e tem por resultado um modelo de espiritualidade²²⁵. Em contrapartida os desvalores e a ausência de certos valores em uma cultura, podem enfraquecer os valores correlatos na espiritualidade. Essa debilidade terá reflexos na doutrina, no testemunho da fé, na prática espiritual e na encarnação característica da

²²¹ *Gaudium et Spes* n. 58.

²²² CASALDÁLIGA, Pedro; VIGIL, José Maria. *Espiritualidad de la liberación*, p. 144.

²²³ DOS ANJOS, Márcio Fabri, *Evangelização e inculturação: introduzindo as questões*. In: DOS ANJOS, Márcio Fabri, *Inculturação desafios de hoje*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994, p 14.

²²⁴ *Evangelii Nuntiandi*, n. 20.

²²⁵ GALILEA, Segundo. *O caminho da espiritualidade: visão atual da renovação cristã*, p. 34.

espiritualidade. A fé e a espiritualidade purificam os valores da cultura. A mútua influência é proporcionalmente maior em países onde a fé está enraizada na cultura a exemplo de países europeus e principalmente na nossa realidade Latinoamericana. Ao analisar a cultura não há como excluir o dado católico, também não há como esquecer que a espiritualidade está fortemente impregnada pela cultura.

Na interpretação, na simbologia, e na formas de expressão da experiência cristã de fé e espiritualidade observamos a influência cultural. A diversidade traz cultura com grande riqueza expressiva e plástica, culturas naturalmente contemplativas, outras afetivas e sentimentais com discurso mais simbólico que racional. Assim as expressões espirituais demonstraram as mesmas tendências. O mesmo ocorre com as culturas pragmáticas, individualistas, hedonistas e pouco simbólicas, onde a espiritualidade dessas pessoas será bem diferente das de outras culturas²²⁶.

As culturas matizam a interpretações da experiência cristã. Cada cultura recebe a seu modo a mensagem cristã o que leva as diferentes interpretações da mesma experiência e espiritualidade. Por exemplo, a eucarística, mantém uma única identidade e o mesmo valor fundamental nas culturas e espiritualidades do cristianismo. Contudo é “reinterpretada” podendo gerar uma pluralidade de espiritualidades eucarísticas. No caso dos índios dos Andes, influenciados por sua cultura pré-cristã, a eucaristia tende a acentuar a espiritualidade do sacrifício e da adoração; entre os militantes sociais a eucaristia ressalta a libertação que vem de Cristo; entre os operários cristãos contempla mais intensamente a espiritualidade da fraternidade e a justiça, consequência de uma cultura predominantemente solidária.

Assim o modelo cultural é um dos critérios de diferenciação da Espiritualidade. A única espiritualidade se arraiga e expressa em modelos culturais, é o que observamos na espiritualidade rural, urbana, africana, indígena entre outras.

A condição econômica e social que influi poderosamente no modelo cultural participa da configuração do modelo espiritual-cultural sendo um ponto comum em muitas culturas. Por isso as classes sociais mais desfavorecidas apresentam traços culturais comuns e formas de religiosidade comuns em qualquer que seja a região em que vivem.²²⁷

Precisamos captar a realidade pluricultural do continente, sem desvincular a realidade sócio-religiosa e histórica dos povos. Então a avaliação do conceito de cultura

²²⁶ Ibidem, p. 35.

²²⁷ Ibidem, p. 27.

que tem trânsito livre para sociólogos, pastoralistas e teólogos passará a proposta de um conceito de cultura que não entre em contradição com as exigências do Evangelho, nem com os projetos históricos dos povos²²⁸.

A profunda relação entre cultura e fé denota que a cultura influencia a fé. A cultura é referida na *Gaudium et Spes* e na *Evangelii Nuntiandi* como a consciência coletiva de um grupo de humanos, formada pelo conjunto de valores que a animam e dos desvalores que a enfraquecem, bem como pelas formas através das quais eles se expressam, são conhecidos, se configuram, e determinam os costumes, as instituições, as estruturas e relações e convivência em sociedade. Se tomarmos esse referencial visualizamos que todos esses fatores afetam a experiência de fé.

O evangelho chegou à nossa realidade em meio a um desigual encontro de culturas e povos. A conferência do Celam²²⁹ em Aparecida recorda que as “sementes do Verbo”, presentes nas culturas locais e nativas²³⁰, facilitaram o caminho de nossos irmãos indígenas no encontro de respostas vitais aos seus anseios mais profundos no encontro com o evangelho. A visitação de Nossa Senhora de Guadalupe foi um acontecimento decisivo no reconhecimento de Jesus Cristo. No anúncio de seu Filho, na pedagogia e sinal de inculturação da mensagem da fé, e ainda na renovação da missão e dinâmica da evangelização²³¹.

A busca de valores já presentes e muito fortes em cada cultura é o campo para o diálogo do evangelho com os novos paradigmas, da espiritualidade cristã com os anseios e desejos do coração humano nas diferentes realidades e das respostas a esses anseios produzidas nessas culturas. O *Ad gentes* menciona “descubram as sementes do verbo aí ocultas”, a Igreja trabalha para que tudo de bom que se encontra semeado no coração e na mente dos homens, ou nos próprios ritos e culturas dos povos, não só não se perda ou desapareça, mas seja sanado, elevado e aperfeiçoado para a glória de Deus.²³²

A busca da integração entre ciência e espiritualidade e a mudança da racionalidade competitiva para a cooperativa²³³, pouco a pouco revelam a emergência de novos valores culturais e de uma nova consciência da sociedade. A compreensão de

²²⁸ DOS ANJOS, Márcio Fabri, Evangelização e inculturação: introduzindo as questões. In: DOS ANJOS, Márcio Fabri, *Inculturação desafios de hoje*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994, p. 21.

²²⁹ *Aparecida*, n. 4.

²³⁰ *Puebla*, n. 401.

²³¹ *Santo Domingo*, n. 15.

²³² *Ad gentes*, n.11

²³³ ABDALLA, Maurício. *O Princípio da cooperação: em busca de uma nova racionalidade*. p. 112-119.

que tudo esta interligado, ou seja, de que existe uma rede de relações que compõem a natureza e a própria vida²³⁴, o princípio da compaixão e do cuidado com tudo o que vive e existe no nosso planeta²³⁵, são exemplos do surgimento de novos valores universais nas diferentes culturas que formam a “colcha de retalhos” pluricultural do nosso mundo²³⁶. São sementes de vida que florescem e dão frutos na humanidade.

Ao analisar os antivalores, Paulo Suess considera que o uso de expressões como “cultura do hedonismo”, “cultura do consumismo” e até “cultura da morte” marcam a cultura de forma negativa. A qualificar as culturas como negativas e positivas, com valores universais e antivalores, o conceito perde sua pertinência analítica. Para evitar o comprometer a “assunção das culturas” no seguimento de Jesus é necessário resguardar o conceito para a positividade da histórica da vida e de cada um dos grupos sociais²³⁷. Os antivalores podem ser analisados sob o prisma de “estruturas” que geram morte, ou as formas de “poder” que contrárias à vida como enfatizou Santo Domingo²³⁸.

O paradigma moderno considera progresso como o desenvolvimento material e tecnológico. A cultura reduzida à tecnologia e à ciência abre a possibilidade de uma compreensão etnocêntrica com a distinção entre culturas superiores e culturas inferiores, ou entre altas civilizações e civilizações atrasadas. Ao eleger uma única concepção de desenvolvimento como padrão, um modelo associado ao crescimento econômico e techno-científico, equiparando processo civilizatório a cultura dominante encontramos o evolucionismo como ideologia subjacente. Nessa visão as “culturas atrasadas” deverão atingir sua maturidade ao atingir o status daquela considerada como a “cultura moderna”. A *Gaudium et Spes* faz um distinção entre cultura ligada ao chão particular de cada povo ou grupo social e a civilização que emerge das contribuições múltiplas dos povos. A civilização seria um tesouro enriquecido pela contribuição de todos os povos de todas as culturas. O intercâmbio entre nações, povos e os diversos grupos sociais é uma patrimônio:

[...] o crescente intercâmbio entre as várias nações e grupos sociais abre mais largamente os tesouros das diversas formas de cultura a todos e a cada um e assim prepara-se aos poucos em tipo de civilização mais universal que tanto mais promove e exprime a unidade de

²³⁴ CAPRA, *O pornto de Mutação*, p. 76

²³⁵ BOFF, Leonardo, *Princípio de compaixão e cuidado*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 7-19.

²³⁶ SUESS, Paulo. Evangelização e inculturação: conceitos, questionamentos e perspectivas. In: DOS ANJOS, Márcio Fabri, *Inculturação desafios de hoje*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994, p 14.

²³⁷ Ibidem, p.23

²³⁸ *Santo Domingo*, n. 13, 243.

gênero humano quanto melhor respeita as particularidades das diversas culturas²³⁹.

Portanto a riqueza da espiritualidade oriental com sua integralidade e compaixão, a ecoespiritualidade na unidade entre homem e meio ambiente, os valores do paradigma ecológico, o respeito à vida, a evolução da macrotransição, o resgate da identidade humana presente nas variadas culturas como ser do cuidado, são um tesouro do patrimônio cultural humano que contribuem na construção do Reino de Deus e de um mundo mais justo e mais fraterno.

A modernidade tem uma dimensão universal homogeneizadora a qual traçou grandes conquistas e ao mesmo tempo é uma ameaça profunda para a identidade de muitos grupos e povos. A globalização trouxe a ideia da “aldeia global” que não anuncia a substituição das culturas no plural por uma única civilização com diversas e pequenas variantes locais ou regionais. Na constante tensão desses processos, globalização e identidades locais, o aparecimento de novos valores, elementos culturais e comportamentos influenciam as culturas locais e provocam mudanças históricas, sem fazer dessa modernidade a base da sua identidade cultural²⁴⁰.

A *Lumen Gentium* faz uma analogia sobre a encarnação e a presença cristã no mundo no contexto sócio-cultural e histórico. A inculturação é uma aproximação radical e crítica entre evangelho e culturas. Essa aproximação é um pressuposto para a comunicação da boa notícia do amor de Deus nas diferentes culturas. Na inculturação a meta e o método se entrelaçam, o universal da salvação com o particular da presença. O universal no contexto:

[...] tanto mais promove e exprime a unidade do gênero humano quanto melhor respeita as particularidades das diversas culturas²⁴¹.

A meta da inculturação é a libertação e o caminho da libertação é a inculturação²⁴². O Concílio ainda admite uma “hierarquia de verdades” e uma “diversidade legítima” de práticas²⁴³. Aqui vale o princípio do diálogo ecumênico:

²³⁹ *Gaudium et Spes*, n.54.

²⁴⁰ SUESS, Paulo. Evangelização e inculturação: conceitos, questionamentos e perspectivas. In: DOS ANJOS, Márcio Fabri, *Inculturação desafios de hoje*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994, p 27.

²⁴¹ *Gaudium et Spes*, n. 54.

²⁴² *Santo Domingo*, n. 243.

²⁴³ *Gaudium et Spes*, n. 92.

unidade no necessário, nos significados, liberdade nas coisas que não atingem a substância de fé, como os *signos* e caridade em tudo²⁴⁴.

“Inculturar, sem identificar” em analogia com “assumir sem aniquilar”. Nesse processo significa que a solidariedade sócio-cultural não deve ser confundida com identificação do Evangelho ou do evangelizador com os *Outros* e suas culturas. Essa postura dos evangelizadores e do Evangelho de não se identificar com nenhuma cultura e inculturar-se em todas, garante o respeito à alteridade e preserva a identidade da mensagem e das culturas. Visa a aproximação respeitosa em face à alteridade, crítica frente ao pecado e solidariedade no sofrimento²⁴⁵.

A assunção cultural tem como meta a redenção integral²⁴⁶ *incarnatus est propter nostram salutem*. A libertação gera relações sociais, estruturalmente simétricas, que viabilizam o diálogo como conjetura do anúncio da boa nova e da celebração dos mistérios da salvação. A inculturação tem como resultado a antecipação dessas relações mais igualitárias, mais simétricas, na esfera regional, no corpo a corpo, no encontro entre evangelho, o pobre e o outro. A Igreja afirma na evangelização inculturada que não é indiferente diante da diferença, da alteridade, do outro, mas o diferente é consagrado pela encarnação do Verbo e pela animação do Espírito.

Os Padres da Igreja proclamam constantemente e a *Ad Gentes* recorda: “que não foi sanado o que não foi assumido por Cristo”²⁴⁷. Puebla afirma que no contexto Latinoamericano essa relação de encarnação e assunção é a palavra chave, é condição prévia para a redenção.

O Cristianismo e sua espiritualidade, na missão de discipulado missionário e evangelizador, deve se relacionar com os grupos que defendem a emergência do holismo, da nova racionalidade econômica e científica, enfim da espiritualidade holística como colaborador no fortalecimento de sua identidade e crente no seu futuro específico. Só os grupos sociais com identidade bem definida são parceiros sólidos no diálogo evangélico.

Hoje na América Latina é necessário abrir espaço para que o Outro, o pobre possa evangelizar-se e ser evangelizado a partir das suas culturas, denunciando profeticamente tudo o que oprime e destrói a sua identidade e corrompe a reciprocidade

²⁴⁴ *Unitatis Redintegratio*, n.4-11

²⁴⁵ SUESS, Paulo. Evangelização e inculturação: conceitos, questionamentos e perspectivas. In: DOS ANJOS, Márcio Fabri, *Inculturação desafios de hoje*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994, p 34.

²⁴⁶ Puebla, n. 400.

²⁴⁷ *Ad Gentes*, p. 3.

dos bens e das palavras. No interior da experiência histórica e encarnada da libertação e evangelização inculturada acolhe a diferença étnico-cultural de todos como experiência pascal de Deus na diversidade do Espírito²⁴⁸.

A crise do modelo civilizacional no contexto da globalização constitui os sinais dos tempos. Objetivos como de desenvolvimento do milênio: a) erradicar a extrema pobreza; b) atingir o ensino básico universal; c) promover a igualdade entre os sexos e a autonomia das mulheres; d) reduzir a mortalidade infantil; e) melhorar a saúde materna; f) combater a AIDS, a malária e outras doenças. g) garantir a sustentabilidade ambiental; h) estabelecer uma parceria mundial para o desenvolvimento²⁴⁹. São sinais de mudança, um chamado para o cristão decifrar os novos valores que lhe são revelados pela história, incorporando-os à sua vida. Isso gerará um estilo e uma modalidade de vida, próprios do processo histórico, levando-o a ser testemunha do Cristo morto e ressuscitado de modo especial no *seu hoje*. Esta é uma característica inerente à fé cristã que se desenvolve e encarna em pessoas, circunstâncias e épocas diversas. Trata-se de um evangelho capaz de assumir toda a cultura e todo o processo histórico, originando novas formas de expressar a fé e o processo pascal da vida cristã.

Na encarnação da espiritualidade e no diálogo com o holismo não pode acontecer a evaporação das dimensões da fé cristã. O holismo, o todo nas partes e as partes no todo, onde o todo é mais do que simples soma de suas partes oferece uma nova compreensão para as ciências e convida a uma espiritualidade integradora. O novo paradigma provoca uma atitude religiosa diante da natureza, onde estão re-ligados “Deus”, homem e a diversidade de manifestações da vida. Conduz a uma renovada postura espiritual que envolve a contemplação da natureza, o respeito, o cuidado como fundamento ético, a plenitude das ações do coração, a busca da vida harmônica dentro do ecossistema da vida e acolhida humilde e amorosa do mistério da existência no universo e as ações que defendem e preservam todas as formas de vida. Estas são certamente ações profundamente humanas e éticas, entretanto a espiritualidade cristã é comunhão e plenitude da humanidade no encontro com Deus e não apenas uma atitude ética religiosa diante do mistério.

²⁴⁸ SUESS, Paulo. Evangelização e inculturação: conceitos, questionamentos e perspectivas. In: DOS ANJOS, Márcio Fabri, *Inculturação desafios de hoje*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994, p 47.

²⁴⁹ ONU/PNDU - Objetivos de Desenvolvimento do Milênio, 2010. Disponível em: <<http://www.pndu.org.br/odm>> Acesso em: 19 de junho de 2010.

A identidade cristã é histórica e encarnada e expressa valores evangélicos que ecoam na mesma direção que o paradigma emergente, mas a grande meta da comunhão de amor e vida com o Deus-Trino, fundamento do universo e fim de todas as coisas. Como a Trindade é pura relação de amor que se expressa na relação comunitária, e espiritualidade coloca o outro, o próximo, os irmãos e a natureza no centro da roda, e dentro da mesma, queremos viver a experiência de ser uma grande comunidade humana. Através de Jesus, nós o conhecemos e pelo seguimento participamos desta vida que nos rodeia e envolve. A busca da integralidade para o cristão acontece nessa perspectiva.

No confronto com o holismo e a macrotransição e com ele o surgimento de diferenças e similaridades, nasce o desafio de criar uma nova espiritualidade, ou melhor, essa espiritualidade já vem surgindo no nosso meio nas últimas décadas. Uma espiritualidade capaz de assumir e expressar o tempo de mudanças e transformações. É um convite para retornar ao mesmo evangelho e seus valores, situando-se no novo contexto e redescobrimo outros valores. Isso levará a pessoa de fé a renovar a sua espiritualidade na medida em que formula uma nova síntese evangélica a suas relações com Deus e com os outros²⁵⁰.

3.2. Holismo Trinitário

No primeiro capítulo estabelecemos os princípios do paradigma ecológico-holístico, mas cabe recordar que os “paradigmas científicos”, fundados a partir do século XVI, baseados em Galileu, Descartes, Newton e Bacon, no século XX começaram a ceder lugar para novos modelos e padrões de conhecimento. Do determinismo e mecanicismo para a “relatividade” de Einstein e pelo indeterminismo da nova física. A explicação linear de causa em direção a efeito deu lugar a compreensão da complexidade da realidade e dos acontecimentos, agora a leitura da realidade é multirreferencial e multicausal. O relógio foi a imagem do universo nesse passado não tão distante e agora a imagem do universo é um verdadeira “obra de arte aberta”, a grande “obra do Artista”²⁵¹. A ecologia apresenta o melhor exemplo de holismo²⁵².

²⁵⁰ GALILEA, Segundo. *O caminho da espiritualidade: visão atual da renovação cristã*, p. 38-40.

²⁵¹ BETTO, Frei. *A Obra do Artista: uma visão holística do universo*, p.18-45.

²⁵² SUSIN Luiz Carlos. *A criação de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 17.

O holismo, globalidade onde tudo tem a ver com tudo, numa complexidade de relações recíprocas, é uma relação de reciprocidade plural, do tipo *pericorese*. Expressão grega referente aquelas brincadeiras populares onde uma criança fica no meio imóvel e as outras crianças se movem ao seu redor, cantando e batendo palmas, até que outra criança da roda a substitui no centro, enquanto a que ali estava antes volta a dançar com os outros ao seu redor. Essa palavra, embora pareça abstrata, é uma perola preciosa da teologia trinitária. Como refletimos, na espiritualidade trinitária, a imagem de *pericorese* nos reporta a São João Damasceno, essa expressão cunhada pelos teólogos ortodoxos começou a ser difundida especialmente no século VII por ele. Mais tarde também os teólogos latinos, no chamado de “circumincessão”, nela os teólogos encontram uma das metáforas mais sublimes da Trindade²⁵³.

Um pergunta interessante é: qual é a forma que o novo paradigma usa para nomear Deus? Leonardo Boff responde em seu pensamento que essa forma deve emergir naturalmente de dentro da experiência global holística que vivemos e temos do universo e de nós mesmos dentro dele. O mais importa não é o nome de Deus. Sua realidade não é uma contribuição de fora como o conceito já elaborado pelo patrimônio espiritual humano ou revelado por alguma tradição religiosa. Tomando em conta tudo isso, que é manifestação da consciência religiosa da própria Terra, importa a busca da singularidade do momento histórico que aponta experiência de radicalidade, de encantamento, de sacralidade, e de mistério que acompanho a experiência ecológica²⁵⁴. Nas palavras de Einstein:

[...] o mistério da vida me causa a mais forte emoção. Este sentimento que suscita a beleza e a verdade, cria a arte e a ciência. Se alguém não conhece este sentimento ou não pode mais experimentar espanto e surpresa, já é um morto-vivo e seus olhos se cegaram. Aureolada de amor, é a realidade secreta do mistério que constitui também a religião [...] Deste modo e somente deste modo, sou profundamente religioso.

O importante não é falar de Deus. É sim falar do mistério do mundo. Deus é o nome que damos a este mistério que nos envolve por todos os lados e também nos desborda por todos os campos. Não quer dizer um enigma que desaparece quando decifrado. Nem significa o limite da nossa razão quando se vê incapaz de penetrar as profundezas da realidade e se entrega chamando o que não consegue compreender ou

²⁵³ Idem. *Deus: Pai, Filho e Espírito Santo*, p. 142.

²⁵⁴ BOFF, Leonardo. *Ecologia: grito da terra, grito dos pobres*. São Paulo: Ática, 2000, p. 217.

descrever de mistério. O mistério não significa uma oposição à racionalidade, mas quer dizer nas palavras de Leonardo Boff:

[...] aquilo que pode ser conhecido mas que sempre fica ainda desconhecido em todo o conhecimento e que por isso desafia o conhecimento a conhecer mais. Por isso cada paradigma fará a sua experiência do mistério e invocará a categoria Deus para nominá-la²⁵⁵.

A ecologia nos abre à experiência do estremeamento diante da magnífica e esplendorosa manifestação da vida. Sua reflexão rompe com aqueles clássicos que tendiam a mostrar Deus como um Ser tão absoluto, auto-suficiente, perfeito e transcendente que prescinde do mundo. Um Deus sem o mundo produz um mundo sem Deus. E foi o que aconteceu nas camadas científicas e iluministas da sociedade moderna.

A consciência de Deus está no universo e no homem, pois Deus emerge do processo global do mundo em evolução e expansão. O sentimento de Deus presente em nós, na forma como insurge em nós, pertence em primeiro lugar ao universo, emergiu na nossa galáxia, configurou-se no nosso sistema solar, concretizou-se no planeta Terra e foi conscientizado no ser humano. Por estar originalmente no universo pode então irromper na consciência humana porque essa é, fundamentalmente, consciência do planeta e do cosmos. O holismo e a ecologia contemplam a grandiosidade da vida, a “teoria de Gaia”, de James Lovelock, inspirada no mito grego da divindade “Terra – Gaia”. Ele postula que o planeta forma um grande organismo vivo. Como o planeta, formamos um “gigantesco ser vivo”, que se alimenta nos minerais, brota nos vegetais, respira nos animais, e se espiritualiza nos seres humanos, sempre de forma unitária, onde se manifestam em todos os níveis, o espírito, o respiro, o florescimento e a nutrição²⁵⁶. Gaia, em uma expressão mais universal, a Mãe Terra, na tradição ocidental é dela que provém a maternidade como a “mater-ialidade”.

Assim encontramos em São Francisco essa imagem materna do Planeta, no Cântico do Sol, no qual ele louva a Deus e canta a generosidade da “Mãe e Irmã Terra”. O mesmo nas culturas Andinas, *Pachama*, a Grande Mãe Terra, no centro dos seus ritos, da sua cosmovisão e religiosidade. Essa é uma das imagens mais poderosas do

²⁵⁵ Ibidem, p. 218.

²⁵⁶ SUSIN, Luiz Carlos. *A criação de Deus*, p. 18.

psiquismo humano, a terra como mãe, que gera, sustenta, amamenta e acolhe inclusive na morte. Simbólico ainda hoje capaz de suscitar a sensibilidade das pessoas e mobilizar sua consciência ética da responsabilidade e do cuidado para com nossa casa comum, a terra, com todos os filhos e filhas e todas as suas formas de vida²⁵⁷. Principalmente nesses tempos de destruição da natureza e desrespeito frente à sacralidade e à singularidade da vida no planeta.

Na assimilação do paradigma ecológico pela teologia dogmática, Leonardo Boff propõe o panenteísmo, para ele uma consequência da formulação levada adiante pela cosmologia contemporânea. A cosmologia ecológica enfatiza a imanência de Deus. Ele está misturado com todos os processos, sem se perder dentro deles. Deus não é apresentado apenas como o Criador, mas como o Espírito do mundo. O advento consciente de Deus está ligado à realidade quântica, ao processo evolucionário cósmico, ao caráter processual e escatológico da natureza, a sacralização de todas as coisas e o panenteísmo. Deus está presente no cosmos e o cosmos em Deus. A mútua interpenetração é expressa na teologia antiga pela *pericórese* e a teologia moderna acunhou outra expressão *pan-em-teísmo*²⁵⁸. Significa Deus em tudo e tudo em Deus²⁵⁹.

O panenteísmo é diferente do panteísmo que afirma que tudo é Deus. Ao contrário, tudo não é Deus. Mas Deus está em tudo e tudo está em Deus (panenteísmo), devido a criação pela qual Deus deixa sua expressão, sua marca registrada e garante sua permanente presença na criatura. A criatura sempre depende de Deus e o leva dentro de si. Deus e o mundo são evidentemente diferentes. Um não é o outro, contudo não estão separados um do outro e fechados cada qual em si. Estão abertos um para o outro. Estão implicados mutuamente. Se são diferentes é para poderem comunicar-se e estar unidos pela comunhão e mútua presença. Como observa Kerber²⁶⁰, ao ressaltar o trabalho de Boff, em seu estudo sobre a ecologia e a teologia na América Latina, o pan-en-teísmo parte distinguindo, embora sempre relacionando, Deus e as criaturas. Um não é o outro, cada um possui sua autonomia relativa, isto é, sempre relacionada. A íntima relação entre Deus e a criatura sublinha a transparência de Deus no mundo. A espiritualidade da transparência de Teilhard de Chardin:

²⁵⁷ Idem, p. 18

²⁵⁸ Ecologia e teologia: panenteísmo. Em grego: *pan* = tudo, *en* = em; *theós* = tudo. (Cf. BOFF, Leonardo. *Ecologia, Mundialização, espiritualidade*, p. 59-61. Cf. KERBER, Guillermo. *O ecológico e a teologia latino-americana: articulações e desafios*. Porto Alegre: Sulina, 2006, p. 142-148).

²⁵⁹ Essa palavra foi utilizada pela primeira vez por Christian Frederick Krause (1781-1832) ao perceber-se fascinado pelo fulgor divino do universo (Cf. BOFF, Leonardo. *Ecologia: grito da terra, grito dos pobres*. P. 235-236).

²⁶⁰ KERBER, Guillermo. *O ecológico e a teologia Latino-americana: articulações e desafio*, p. 142-145.

Por causa dessa mútua presença (Deus no criado e do criado em Deus) supera-se a simples transcendência e a pura imanência. Surge uma categoria intermediária, a transparência, que é exatamente a presença da transcendência dentro da imanência. Quando isso ocorre, a realidade se torna transparente. Deus e o mundo são portanto, mutuamente transparentes²⁶¹.

O grande mistério do cristianismo não é o aparecimento de Deus, mas a transparência de Deus no universo, afirma Teilhard de Chardin. E ainda completa: “ó, sim Senhor, não apenas o raio que aflora, mas o raio que penetra. Não a tua Epifania, Jesus, mas a tua Dia-fania”. E assim utilizando a terminologia Teilhardinana, incluirá a perspectiva ecológica desta forma:

Na verdade *Oikologia*, Deus a derradeira e realizadora esfera de todos os entes e do inteiro universo criado, “no qual vivemos, nos movemos e existimos” (cf. At. 17,28): a Teosfera. Podemos levar mais longe ainda o discurso sobre Deus? Parece-me que sim. Há os que falam Deus-Trindade. O que de se entende sobre essa forma de nomear Deus²⁶²?

A teologia da criação afunda suas raízes na reflexão de Orígenes e de Santo Agostinho, se enriquece através da experiência vivida por São Francisco e pela Escola Franciscana teologicamente sistematizada. Vale lembrar nomes como: Boaventura, Duns Scoto e Guilherme de Ockham. A seguir recebe a influencia da moderna teologia das realidades terrestres (do mundo, da política, e da libertação), da teologia da Igreja ortodoxa até constituir a atual formulação de ecoteologia.

A inclusão da ecologia numa teologia da criação partindo dessa nova cosmovisão sublinha: “a criação como jogo de expressão divina, dança de seu amor, espelho no qual Ele mesmo se vê e como Ele projeta companheiros em sua vida e comunhão”. A Trindade:

A Trindade é um jogo de relações: um Deus ecológico. [...] a ecologia constitui um jogo complexo de relações. Tudo inclui, nada negligencia, tudo valoriza, tudo concatena. A partir disso, regata-se a intuição mais original do cristianismo – sua concepção de Deus. Ele afirma a unicidade da divindade como toda a tradição religiosa da humanidade, mas ao mesmo tempo sustenta a diversidade das pessoas divinas, sem com isso querer multiplicar Deus. [...]

²⁶¹CHARDIN, Pierre Teilhard de. *Le milieu divin*, Seuil: Paris, 1957, p 162. Citado em: BOFF, Leonardo. *Ecologia: grito da terra, grito dos pobres*, p. 236-237.

²⁶²BOFF, Leonardo. *Ecologia: grito da terra, grito dos pobres*, p. 237.

tal jogo de relações eternas que os três se “uni-ficam”. São um só Deus-comunhão, Deus-relação, Deus-amor²⁶³.

O panenteísmo é um caminho até a Trindade: “jogo de relações pericoréticas”. O Universo é um desdobramento da diversidade e da união presentes na Trindade. O mundo que conhecemos é complexo, diverso, entrelaçado, uno, interconectado, uma rede fantástica de interrelações, um espelho da Trindade. Deus irrompe em cada ecossistema em cada ser. Sobretudo se sacramenta na vida de cada pessoa humana, no ser humano encontra a inteligência, a vontade e a sensibilidade como concretizações da nossa única e integral humanidade. Constituímos uma só vida e comunhão realizadas distintamente, sendo unos e múltiplos em analogia com o mistério do “Deus tri-uno”²⁶⁴.

A relação do Deus uno e trino para com a criação do seu amor não é compreendida pela teologia como relação unilateral de domínio. Pelo contrário, em vistas à riqueza desse amor eterno, como relação de comunhão polilocal e assim também recíproca, afirma Moltmann na sua doutrina ecológica da criação²⁶⁵. A concepção da “criação no Espírito de Deus” não coloca a criação somente perante a Deus, mas simultaneamente também a coloca dentro de Deus. É claro, sem endeusá-la. Deus perpassa sua criação com as forças criadoras e vivificadoras do Espírito. Ao chegar no momento do seu descanso sabático, ele permite que as criaturas tenham influência sobre ele. Sob o ponto de vista do Espírito na criação, a relação de Deus e o mundo também deve ser vista como uma relação *pericorética*.

Na tentativa de aproximação com a física quântica Capra trata esse tema da interpenetração e faz a seguinte relação:

A física moderna mostrou que não podemos mais falar de partículas elementares, como átomos, núcleos e hádrons. Na nova visão, o universo é concebido como uma teia de relações de eventos sempre interrelacionados; todos os fenômenos naturais estão interligados, de sorte que nenhuma pode ser explicada por si sem os outros. É reflexo da *pericórese* divina dentro da criação²⁶⁶.

²⁶³ Idem. *Ecologia, Mundialização e Espiritualidade*, p. 63-64.

²⁶⁴ Idem. *Ecologia, Mundialização e Espiritualidade*, p. 64.

²⁶⁵ MOLTSMANN, Jürgen. *Doutrina ecológica da criação: Deus na criação*. Petrópolis: Vozes, 1992, p. 367-369.

²⁶⁶ CAPRA, Fritjof. *O tã da física: um paralelo entre a física moderna e o misticismo oriental*. São Paulo: Cultrix, p. 213-225.

Ao pensar na Santíssima Trindade devemos pensar na comunhão do Pai e do Filho e do Espírito Santo. A união das Pessoas e a manifestação, dessa forma, do único Deus trino é comunhão²⁶⁷. A imagem pericorética significa a ação e envolvimento das Pessoas divinas, de uma Pessoa em relação às outras duas. Assim cada Pessoa divina penetra a outra e se deixa penetrar por ela. A expressão do amor e da vida que constituem a natureza divina está nessa interpenetração. Deus é amor, essencialmente amor, é próprio do amor se entregar, se dar a conhecer, se comunicar, é natural para a vida que ela se espalhe e queira multiplicar-se. Um em direção ao outro, por toda a eternidade, os divinos Três manifestam uma eclosão de amor e vida.

Deus se supera em amor pericorético quando as três Pessoas criam uma quarta pessoa e a colocam no meio das atenções e do movimento dos três: a quarta pessoa no centro da Trindade, que é a prova do “não-narcisismo” e da forma pericorética de ser de Deus, ela é a criação, é o universo das criaturas. É a condição humana, nossa história. Ele nos convidou a entrar no centro da roda²⁶⁸. Eis o significado da coroação de Maria, a Trindade coroa aquela que representa a quarta pessoa²⁶⁹.

A Santíssima Trindade é mistério de inclusão. Essa inclusão impede que compreendamos uma Pessoa sem as outras duas. O Pai deve ser entendido junto ao Filho e ao Espírito, e assim sucessivamente. Diante da pergunta: então haverá três deuses, o Pai, o Filho e o Espírito Santo? Aqui está a resposta: haveria se um não estivesse ao lado do outro, sem relação com Ele. Se não houvesse relação e inclusão das três divinas Pessoas. Não há como falar primeiro dos Três e depois da sua interrelação. Eles, sem princípio, convivem e eternamente se entrelaçam. Por isso são um só Deus, o Deus-Trindade²⁷⁰.

A metáfora da *pericorese* nos ajuda a repensar posturas, é uma inspiração para a verdadeira democracia social e política onde triunfam os interesses de quem mais precisa ser servido. Na era da globalização convida a ética que coloca no centro os interesses dos mais desfavorecidos, no reconhecimento dos valores dos outros. Isso para a bioética, a economia, a política e relações familiares e todas as relações estabelecidas na comunidade da casa comum, o planeta Terra. A Trindade é ecologia e nos chama a servir e cuidar das criaturas²⁷¹. Não porque exercemos um mandato sobre elas, ou temos

²⁶⁷ BOFF, Leonardo. *A Santíssima Trindade é a melhor comunidade*, p. 39-40.

²⁶⁸ SUSIN, Luiz Carlos. *Deus: Pai, Filho e Espírito Santo*, p. 144-145.

²⁶⁹ BOFF, Leonardo. *A Santíssima Trindade é a melhor comunidade*, p. 75.

²⁷⁰ BOFF, Leonardo. *A Santíssima Trindade é a melhor comunidade*, p. 41.

²⁷¹ SUSIN, Luiz Carlos. *Deus: Pai, Filho e Espírito Santo*, p. 145.

potencialidades superiores que nos possibilitam manipulá-las e possuí-las. Muito menos porque sem elas não podemos viver na Terra, mas porque pela essência da espiritualidade cristã, e pelos impulsos da eminente macrotransição e da emergência ecológico-holística, somos chamados a amar o universo e as suas criaturas, pois elas são a glória gratuita de Deus aos nossos olhos.

3.3. Ecologia e espiritualidade escatológica da criação

Os ecologistas mais radicais têm apresentado um discurso “apocalíptico” no sentido de apontar a derradeira situação na qual a humanidade se encontra. Como as demais ciências a ecologia olha para o futuro e se preocupa com o que vê. Estamos esgotando os recursos naturais da terra. O aquecimento global, a poluição dos rios e mares, o derretimento das calotas polares, a fome e a miséria atingindo a maior parte da população mundial são algumas das preocupações das grandes lideranças mundiais. Esse quadro de “fim dos tempos”, apesar de mobilizar a sociedade, os intelectuais e os grupos inseridos na transformação social, ainda não provocou uma mudança substancial na postura da humanidade.

A consciência tem evoluído, mas as transformações necessárias no campo da economia, política, tecno-ciência e justiça ainda estão um pouco distantes. Existem ambientalistas fundamentalistas que vislumbram o “armagedom”, a autodestruição da humanidade, resultado da sua forma de vida e pensamento, e um futuro incerto e decadente. Por isso para alguns a esperança está pouco a pouco sendo sepultada. Outros intuem um momento de mudança e a possibilidade de recriar nossa forma de ser humanidade. Existem dois caminhos e ainda podemos escolher por qual andaremos, como Ervin Laszlo que coloca a macrotransição como um desafio para a evolução da humanidade. Um momento de evolução da consciência²⁷².

Nesse contexto alarmante a teologia manifesta a sua esperança e confiança em Jesus, Senhor da história e fundamento de toda a nossa esperança. A espiritualidade cristã é escatológica, pois espera a manifestação plena de Deus, a vinda de seu Reino e a renovação da criação e de toda a humanidade. Moltmann destaca a centralidade da escatologia na fé cristã, “o escatológico não é algo situado ao lado do cristianismo, mas

²⁷² LASZLO, Ervin. *Macrotransição: o desafio para terceiro milênio*, p. 38-42.

é simplesmente o centro da fé cristã, o tom com o qual nela tudo se harmoniza, a cor da aurora de novo dia esperado, cor na qual tudo aqui embaixo está envolvido”²⁷³. A criação escatológica é a promessa, o horizonte, o seu sentido último para onde converge e paisagem da criação. “Novos céus e nova terra” (cf. Ap 21), a nova criação, uma nova Jerusalém, humanidade nova. A plenitude e última glória é o significado atribuído pela palavra “novo”. Muito deferente de um mero desdobramento da história, já está presente dentro da história e inspira, ilumina e atrai a história. É o Reino de Deus que se aproxima e ao mesmo tempo está no meio de nós (cf. Lc 17, 21), é a Páscoa de Cristo que já causa a ressurreição dos mortos, através dela já estamos sepultados e ressuscitados em Cristo (cf. Col 2, 11-15). A morte não é o fim, o último horizonte da vida do universo. A morte é uma função da vida. cujo o horizonte último é e vida em abundância. A fé cristã tem na Páscoa de Cristo o esteio para essa afirmação. Segundo Susin:

“o horizonte, aqui, mais do espacial, é temporal”. É o futuro absoluto, desde onde recebemos sinais para o tempo presente. Sem esse horizonte de futuro absoluto, a criação seria uma gratuidade absurda e sem direção, Mas espaço e tempo, na leitura da fé cristã, são horizontes que se fundem no acontecimento pascal de Cristo²⁷⁴.

A escatologia cristã deve reafirmar a importância da esperança como determinante da inserção dos filhos e filhas de Deus na vida presente que se soma a historicidade conflitiva da existência de Cristo, em sua cruz, morte e ressurreição. A escatologia cristã fala de Cristo e de seu futuro, portanto, é essencialmente uma cristologia em perspectiva escatológica. Toda a escatologia precisa estar baseada na existência de Cristo, que comunica-lhe a necessária vitalidade histórica, libertando-a de qualquer tentativa de interpretação conservadora do *status quo*, inibidora, portanto, de um atitude crítica diante da vida.

Na encarnação do Cristo de Deus a esperança se epifaniza, torna-se um sacramento do que haverá de acontecer. Em Jesus podemos ver e viver fragmentos, sinais que antecipam a grande esperança. O centro da mensagem evangélica é o Cristo

²⁷³ O redescobrimto da escatologia no cristianismo. (Cf. TAMAYO, Juan-José. Escatologia Cristã. In: SAMANES, Cassiano Floristán; TAMAYO-ACOSTA, Juan-José. *Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 1999, p. 243-241)

²⁷⁴ SUSIN, Luiz Carlos. *A criação de Deus: Deus e criação*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 34.

ressuscitado. Em Cristo as promessas de Deus se tornam a mais radical das realidades. Em Jesus se cumpre prolepticamente²⁷⁵ o futuro Divino.

Alguns teólogos protestantes mais conservadores tem apresentado a escatologia de maneira obscura, similar a um misterioso “quebra-cabeças”, que mais oculta de que traz à tona, mais esconde do que revela a vontade de Deus para o homem contemporâneo, que se encontra angustiado diante do mundo encurralado pela ameaça da destruição de seu ecossistema, pelas guerras e pela injustiça. Em algumas realidades cristãs, esse discurso da *eschata* conduz ao irreversível juízo de Deus sobre os pecadores e ímpios, conseqüentemente a comunidade deve se isolar do mundo e viver uma passiva espera²⁷⁶.

Uma postura passiva, igual a um expectador sentado na platéia assistindo a peça sobre a sua vida que ele deixa passar sem participar do espetáculo, não é manifestação de uma espiritualidade cristã. Um cristão que manifesta uma esperança passiva jamais se sentirá convocado por Deus a ser instrumento da sua paz, pelas mudanças nos campos sociais, econômico, político e ecológico, visando a maior dignificação da vida, pela preservação do meio ambiente na amplitude da sua biodiversidade. Uma elaboração teológica capaz de alienar a condição histórica do ser humano, direcionando-se a um futuro trans-histórico não merece o título de escatologia. Mais parece uma ideologia, sob a qual deverá estar sempre o jugo de não fazer nada contra uma possível e trágica aniquilação da comunidade planetária.

A nova racionalidade ecológica é atuante, engajada na construção de um caminho para transformação, da mesma forma a espiritualidade cristã deve atuar através do horizonte escatológico na realidade concreta, construindo desde já “os novos céus e a nova terra”, com os olhos voltados para a Páscoa de Cristo.

A *Nova Criação*, escatológica e inspiradora de todo o processo da criação, é o ponto decisivo que abre para a compreensão da teologia bíblica da criação. Segundo Susin, estamos diante de uma verdadeira revolução:

[...] diante de uma inversão: o que se quer dizer com criação escatológica, que é a escatologia – o horizonte último de todo o processo da criação – que orienta e decide a criação histórica e a criação inicial; e mais ainda, é a causa principal da criação inicial e do seu acontecimento histórico. Essa inversão – a causa principal e decisiva encontra-se no futuro, na frente, e já produz efeitos no presente e no passado – convida-nos, desdobrando-se até a

²⁷⁵ Prolepticamente significa: um ato com potencialidades a serem ainda manifestas.

²⁷⁶ BASTOS, Levy da Costa. “O futuro na Promessa” Perspectivas da escatologia de Jürgen Moltmann, *Estudos de Religião*, p. 250-251.

finalização no futuro, mas o contrário: é o Último, a glória e a bem-aventurança finais, a causa e explicação do início²⁷⁷.

Aquilo que provém do horizonte último, desde o futuro, rompe, chama, inspira e gera novos valores, novas energias, faz a história andar para frente. A origem encontra o seu segredo no fim último. Ao falar sobre as causas a escolástica coloca: o que é o último na realização é o primeiro na intenção. Para toda a criação esse ensinamento tem valor especial, por conseguinte a intenção se manifesta de forma plena no fim, entretanto se faz atuante desde o início. A consequência dessa intuição é a inversão da linha de causa e efeito na história. O passado deixa de governar o desenrolar do futuro, que se tornaria um desenrolar de características duras e fatalistas, algo que não pode ser desfeito, um destino e uma fatalidade com desenvolvimento automático.

As ciências buscam no passado a explicação do presente e a previsão do futuro, todavia é decisivo compreender que também os acontecimentos passados estão integrados num desígnio de futuro maior que é apto a resgatar o passado.

A esperança baseada na experiência da libertação não está direcionada para a “restauração” da criação original, mas para a sua plenificação definitiva. A redenção do poder do pecado conduz a esperança da plenitude da criação em glória. O fim é muito mais do que era o princípio, se o fim é a plenificação, a criação aparece como inacabada, foi apenas iniciada. Apenas o *Shabbat* da criação é mais do que “muito bom”, ele é “santo”, por essa razão aponta para a glória futura da criação. O *Shabbat* significa como que a promessa da futura plenitude da criação implantada na criação inicial²⁷⁸.

O “Deus que vem” é o advento de alguém que chega, a novidade e a possibilidade que vem do futuro e que realmente podem fazer história. Uma superabundante e inesgotável intervenção criadora sempre nova e incansável. No Novo Testamento é a vinda plena de Deus, Ele vem no Filho com seu Espírito e abre a criação à Nova criação²⁷⁹.

O evento futuro como futuro escatológico, ou seja, causa *atratora* de todo o processo da criação, último na realização, mas primeiro na intenção, leva a conclusão de que existe uma intencionalidade, uma finalidade, um desígnio no processo do universo.

²⁷⁷ SUSIN, Luiz Carlos. *A criação de Deus: Deus e criação* p. 34.

²⁷⁸ MOLTMANN, Jürgen. *Vinda de Deus: a escatologia cristã*. São Leopoldo: Unisinos, 2003, p. 284.

²⁷⁹ *Ibidem*, p. 35.

A ciência observa o universo, o movimento das galáxias, o desenvolvimento das estrelas, a formação dos sistemas planetários e o processo evolutivo da vida na terra e consegue intuir um sentido no processo evolutivo. Observando as estrelas e os nossos corpos a realidade última atestada pelas ciências da vida é a morte. Ela é a última fronteira. Os sinais de acabamento do universo e ressurreição dos mortos são pequenos, mas suficientemente potentes para a espiritualidade e para a transfiguração do universo.

O cristão tem uma postura de negação diante da tese, amplamente difundida em ambientes onde domina o “dispensacionalismo fundamentalista”, de que esta vida não tem sentido ou outro propósito senão preparar aquela que virá, a outra, aquela para o além, nossa posição deve ser de negação. A vida que vivemos tem sentido em si mesma. É antecipação do futuro, sem querer significar que o presente já não seja ou tenha em si as marcas antecipatórias deste mesmo futuro. Em Jesus Cristo ressuscitado o futuro já começou²⁸⁰.

O novo paradigma é um convite ao protagonismo histórico. O homem não deve olhar o futuro passivamente acontecer, mas deve participar ativamente na sociedade. A tarefa da Igreja não é apenas se informar sobre o passado para mudar o futuro. A comunidade de fé tem a missão de “pregar o Evangelho” de tal forma que o futuro se apodere do indivíduo e lhe impulse a agir de modo concreto para mudar o seu próprio futuro. Em si mesmo, o presente não é tão importante. O importante é que o futuro se apodere da pessoa no presente.

A criação espera ansiosamente pela manifestação dos filhos de Deus. O mundo material criado para o homem participa do seu destino. A filosofia grega queria libertar o espírito da matéria, o cristianismo liberta a própria matéria:

Penso com efeito, que os sofrimentos do tempo presente não tem proporção com a glória que deverá revelar-se em nós. Pois a criação em expectativa anseia pela revelação dos filhos de Deus [...] na esperança de ela também ser libertada da escravidão da corrupção para entrar na liberdade da glória dos filhos de Deus (Cf. Rm 8, 19-22).

Não é preciso esperar, pois o clamor do povo de Deus e o clamor da natureza são as vozes que nos chamam a começar a construção, aqui e agora, dos “novos céus e a nova terra”. A construção do Reino de Deus e a civilização do amor são consequência

²⁸⁰ MOLTSMANN, Jürgen, *Vinda de Deus: a escatologia cristã*, p. 66.

da nossa espiritualidade cristã do seguimento de Jesus. Espiritualidade histórica, encarnada, trinitária, missionária, inculturada, pascal e por isso escatológica.

O Concílio Vaticano II não hesita em dirigir suas palavras a todos os homens:

O mundo portanto que tem diante do olhos é o dos homens, e toda a família humana com a totalidade das coisas entre as quais vive; este mundo, teatro da história do gênero humano é marcado por suas atividades: derrotas e vitórias, esse mundo criado e conservado pelo amor do Criador, segundo a fé dos cristãos; esse mundo na verdade foi reduzido à servidão do pecado, mas o Cristo crucificado e ressuscitado quebrou o poder do Maligno e o libertou, para se transformar de acordo com o plano de Deus e chegar à consumação. [...] É, portanto, o homem considerado em sua unidade e totalidade, corpo e alma, coração e consciência, inteligência e vontade, que será o eixo da toda a explanação [...] a Igreja, guiada pelo Espírito pretende somente uma coisa: continuar a obra do próprio Cristo que veio ao mundo para dar testemunho da verdade, para salvar e não para condenar, para servir e não para ser servido²⁸¹.

As novas concepções escatológicas orientam o pensamento que conclui que a Terra não é matéria morta nem material utilizável, e que a Terra também não é a mãe Gaia que gera e mata, mas que esta terra com o seu ambiente de vida é a promessa real. A *nova terra* pode ser experimentada de modo sensível na nossa terra, isso é tão certo como a vida terrena e mortal é uma promessa vivenciável da vida eterna e imortal. Em *Vinda de Deus*, Moltmann ainda sublinha que o próprio redentor divino está abscondidamente presente na terra, e assim se torna portador do seu e do nosso futuro. Nesse casa não há comunhão com Cristo sem comunhão com a Terra. O amor de Cristo e a esperança que depositamos no Senhor abrangem o amor à Terra e a esperança por ela. Aqui sintetizamos a melhor concepção correspondente a uma escatologia cristologicamente fundamentada e ecologicamente responsabilizada e atuante²⁸².

A *shechiná* cósmica de Deus consiste na presença residente de Deus que torna o Céu e a Terra novos e perfaz o aspecto propriamente novo na nova Jerusalém. Deus habitará com eles, é a habitação da glória de Deus, não mediada e imediata. A presença de Deus impregna tudo, essa é a razão que torna possível ver a sua face sem morrer. O trono se transfigurar do Céu para a Terra, para aquela cidade santa que une o Céu e a Terra, ou seja, traz o Céu para a Terra. O que no templo estava presente de modo limitado e mediado pelos sacerdotes estará presente, de modo ilimitado e não necessitará de qualquer tipo de mediação. A habitação escatológica de Deus tem duas qualidades: santidade e glória.

²⁸¹ *Gaudium et Spes*, n. 2-3.

²⁸² MOLTSMANN, Jürgen, *Vinda de Deus: a escatologia cristã*, p. 301.

Na descida do Céu sobre a Terra, das últimas visões do Apocalipse, a Terra se transforma em cidade que contém o paraíso. Nesse lugar a *shechiná* de Deus encontra o seu repouso definitivo e todas as criaturas encontram nesse repouso a sua felicidade eterna. É por isso que o “espírito e a noiva” bradam na inquietude da história e nos sofrimentos desde tempo (cf. Ap 22, 17)²⁸³.

O grande astrofísico Stephen Hawking fala do futuro da ciência e da vida humana numa analogia às visões futuristas do cinema. “O Nosso futuro: Jornada nas Estrelas? Pondera como a vida biológica e eletrônica continuarão evoluindo em complexidade a um ritmo sempre crescente”²⁸⁴. Em Jesus, Deus se fez fragmento da Criação, desta forma Frei Betto sublinha:

Em Jesus, Deus [...] inseriu-se no processo evolutivo da matéria, No corpo de Cristo havia DNA com uma história genética quase tão antiga quanto a Terra. Também os átomos de oxigênio, cálcio, magnésio e ferro do corpo de Jesus foram fundidos no calor das estrelas. Assim como todas as partículas que integram os átomos, as moléculas e as células do trigo e da uva que, na mesa eucarística, são pão e vinho transubstanciados em corpo e sangue do Senhor. Nele, não só os seres humanos, mas todo o Universo, é chamado à ressurreição – “da carne”, reza o Credo – em seu Corpo glorioso. Após a morte, a vida é terna²⁸⁵.

A chave, o centro e o fim de toda a história humana se encontram no seu Senhor e Mestre. Jesus Cristo, ontem, hoje e por toda a eternidade. (cf. Hb, 13,8).

²⁸³ MOLTSMANN, Jürgen, *Vinda de Deus: a escatologia cristã*, p. 340-341.

²⁸⁴ HAWKING, Stephen. *O universo em uma casca de noz*. São Paulo: Mandarin, 2001, p. 155-171.

²⁸⁵ BETTO, Frei. *A obra do artista: uma visão holística do universo*. p. 245.

CONCLUSÃO

Não há como negar o sinal dos tempos. A globalização transformou as fronteiras da comunicação, a ciência e a tecnologia transformaram nossa forma de viver. O intelecto humano criou maravilhas e modificou a face da terra. Seu espírito inventivo foi capaz de solucionar problemas e estabelecer novos caminhos, curar doenças, criar meios de transporte mais rápidos, modificar o meio ambiente em próprio benefício e até viajar para fora do planeta Terra. Chegamos por último na fila evolutiva e mudamos o rumo do planeta.

Nós, homens e mulheres, somos o único ser que sabe, que conhece, que pensa, ou seja, manifesta consciência dentro do Universo. Procuramos repostas para as perguntas mais profundas. De onde viemos? Para onde vamos? Quem nos criou? A existência tem sentido? Assim a humanidade percebeu a riqueza da natureza e concentrou suas capacidades na manipulação da mesma, com um desejo de controle e poder para extrair as suas riquezas ocultas. E cada um de nós usufruiu desse poder.

Na compreensão da realidade construímos sistemas, teorias e acumulamos conhecimentos sobre a matéria, os átomos, as partículas e descobrimos que também somos “poeira de estrelas”. Diante da natureza nos impressionamos cada vez mais com a biodiversidade, com as formas de vida tão diferentes. Organizamos, sistematizamos e classificamos a vida.

O ser humano se viu como senhor da criação. Desenvolveu paradigmas e cosmovisões, uma atrás da outra, sempre na tentativa de melhor responder às perguntas essenciais e as novas perguntas que nunca deixam de surgir. Na história observamos uma série de crises e reconstruções, um paradigma dando lugar a outro, um modelo sendo substituído por outro mais completo e mais adequado à situação.

Agora estamos mais uma vez em uma encruzilhada e apesar da realidade apontar para consequências catastróficas, ainda temos dois caminhos diante de nós. A nossa casa comum, o planeta, está ameaçado. A emergência do paradigma ecológico e a visão holística são expressões da esperança, da renovação espiritual e evolução da consciência

humana. A macrotransição deve ser entendida como um novo momento para a humanidade. Não só as ciências da natureza, mas as demais ciências estão elaborando novas formas de compreender a realidade, construindo possibilidades de reintegração entre: o objeto e o sujeito, a consciência e o mundo, a alma e o corpo, o indivíduo e comunidade, o ser humano e a natureza, a ética e a estética, resgatando os grandes ideais de igualdade e liberdade. Irrompe a compreensão mais complexa, sistêmica, orgânica, e misteriosa da existência, mais fraterna e principalmente mais humana

A economia, no atual sistema capitalista, está deixando transparecer que a sua racionalidade não traz garantias para o futuro do planeta. As grandes empresas têm apostado na busca de uma visão de sustentabilidade, e da responsabilidade ambiental e social. Mesmo que suas motivações possam ser discutidas, ainda assim apresentam marcas da mudança. Cada vez mais surgem alternativas sustentáveis, ecologicamente responsáveis, crescem os projetos sociais e ações de inclusão das comunidades menos favorecidas ou em situação de risco. Afloram a sensibilidade e a compaixão das pessoas. Entretanto, ainda há um grande abismo entre a realidade e a mudança necessária para articular um novo paradigma mais sustentável e assegurar a manutenção da vida na Terra.

O cristianismo, através da Igreja, segue sua missão atualizando a boa notícia da vida de Deus para os seres humanos em comunhão uns com os outros. Inserido no concreto da existência, o evangelho convida os seres humanos a serem cada vez mais humanos. Ele convida as pessoas de todas as raças, nações e culturas a viverem o maior dos mandamentos: amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo. Escutando os clamores da terra e de seus filhos e perscrutando os anseios do coração, a espiritualidade cristã apresenta o seu caminho, sua proposta para a realização e felicidade humana. Seu caminho é pura comunhão e vida na Trindade. É holístico, pois não separa, mas reúne. Não diminui, mas promove e valoriza, colocando a amor no centro. Aprende com a *pericorese* Trinitária que o mais importante é trazer o outro para o meio e amar.

A espiritualidade cristã gera uma postura de encantamento diante das maravilhas do universo. A pessoa que faz a experiência mística e espiritual não quer ser dona, não quer controlar, mas quer se sentir parte do todo. Sozinha não é nada, pois é parte e está inserida em um ecossistema, no planeta Terra, no sistema solar dentro da Via Láctea. No universo, a interdependência e interrelação são inerentes, o ser só se reconhece e se entende na relação, porque é essencialmente relação.

Na busca do dialogar com as ciências e com os novos paradigmas, a espiritualidade cristã quer proclamar as bem-aventuranças na linguagem que o homem de hoje pode compreender. A inculturação do evangelho convida para a descoberta das “sementes do Verbo” presentes nessa na nova racionalidade.

Sem cair em um panteísmo onde tudo é Deus e Deus se perde no todo, nosso Deus é Pessoa em íntima relação e comunhão, sem cair na tentação de querer sufocar o paradigma emergente ou a espiritualidade holística que brota na manifestação da diversidade cultural e religiosa, ou ainda perder a sua indispensável historicidade e encarnação com atitudes espirituais desvinculadas da realidade que fluem como gazes que se evaporam dentro da magnitude do infinito universo, a espiritualidade cristã se coloca como proposta de “novos Céus e nova Terra”.

É impossível não participar desse processo de transformação, justamente porque a “vida nova” de Cristo só tem sentido na história, encarnada em meio às crises e desafios do mundo contemporâneo. É no encontro com a realidade que a luz do evangelho brilha e ilumina dando novos contornos à existência e ao futuro.

A pessoa de fé precisa ser um sinal de esperança frente às desventuras do mundo. A pessoa de fé acredita na vitória da vida, vive em dinamismo pascal, testemunha a vida que lhe foi comunicada pelo Filho de Deus feito homem.

A espiritualidade do século XXI é comprometida com a luta dos pobres e marginalizados, aqueles que estão excluídos de usufruir as riquezas da natureza. Na escuta na Palavra de Deus, a voz de Jesus chama à vocação de construir hoje o Reino de Deus. Não se entrega diante da adversidade, mas procura auxílio no Espírito Santo para perseverar na constante construção da civilização do amor, tudo em vista daquilo que há de vir. O Reino de Deus já está entre nós e caminhamos firmes rumo à sua plenitude. Então seremos uma só família em Deus e veremos seu rosto face a face.

O cristão do futuro, ou será um místico, ou talvez não seja nada. Essa é a leitura feita pelos teólogos. A descoberta da nossa sublime vocação se dá em Jesus. Em Jesus aprendemos que a divindade se fez humanidade e a humanidade foi divinizada. Hoje no encontro, pessoal e comunitário, unidos nas lutas sociais e ecológicas, vivenciamos a realidade pascal de Cristo. Com Jesus morreremos para ressuscitar na plenitude.

Como Francisco de Assis, o arquétipo da reconciliação harmônica entre espiritualidade e ecologia, a humanidade é chamada a contemplar as criaturas, a respeitar a vida e nunca se acomodar frente às incertezas e ameaças. Unindo nossas forças às pessoas de todas as raças e crenças para juntos caminhar rumo à transfiguração

do mundo. Desta forma é possível deixar que nosso coração seja sempre inundado pela Espírito da vida. Aquele que nos chama a descobrir a nossa sublime vocação e o fundo do nosso coração faz estremecer quando sopra com a suavidade do amor.

Segundo Heidegger o ser humano deve ser definido como: “o pastor do ser”. Desta forma é um ser caracterizado pelo cuidado, ou melhor, pela capacidade de cuidar, de estabelecer relações e ser responsável diante da criação. O lugar do ser humano no todo é dar testemunho dessa epifania do Ser. Uma atitude decisiva na terra, o cuidado filial, maternal, e ao mesmo tempo terapêutico, curativo, preventivo e preservador, marca as relações com amor e equilíbrio. Para o cristão, o caminho é o Jesus histórico na força vital do Espírito.

Assim, no impulso da espiritualidade cristã através das palavras de Santo Irineu: “*A glória de Deus é o homem vivo e a vida do homem é a visão de Deus*”, todos aqueles que se identificam com os valores evangélicos são convidados a promover e proteger a vida, a envolver-se nos movimentos políticos, nas organizações não-governamentais, nas instituições e entidades, nos diversos projetos que estão comprometidos com a possibilidade de mudança e principalmente com a renovação da sua percepção e consciência. Segundo o Fórum Social Mundial, “um outro mundo é possível”, desta forma a evolução da consciência e da espiritualidade compromete-se com a evolução da humanidade rumo à macrotransição, na emergência do paradigma ecológico-holístico, até a plenitude da humanidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDALLA, Maurício. *O Princípio da cooperação: em busca de uma nova racionalidade*. São Paulo: Paulus, 2002.

BASTOS, Levy da Costa. “O futuro na Promessa” Perspectivas da escatologia de Jürgen Moltmann. *Estudos de Religião*, São Paulo, v. 23, n. 36, 249-257, jan./jun. 2009.

BEAUCHAMP, Paul. Espírito Santo. In: LACOSTE, Jean Yves. *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Loyola; Paulinas, 2004.

BETTO, Frei. *A obra do artista: uma visão holística do universo*. São Paulo: 2002.

BETTO, Frei. Espiritualidade Holística. In: SUSIN, Luiz Carlos, *Mysterium Creationis: um olhar interdisciplinar sobre o universo*. São Paulo: Paulinas, 1999, p. 301-319.

BÍBLIA. Português. A Bíblia de Jerusalém. Nova edição rev. São Paulo: Paulinas, 2002.

BRIGHENTI, Agenor. *A Igreja Perplexa: a novas perguntas, novas respostas*. São Paulo: Paulinas, 2004.

BOFF, Leonardo. *Espiritualidade: um caminho de transformação*. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.

_____. *Civilização planetária: desafios à sociedade e ao cristianismo*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

_____. *Princípio da compaixão e cuidado*. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. *Ética e eco-espiritualidade*. Campinas: Verus, 2003.

_____. *Ética da vida*. Rio de Janeiro: Sextante, 2005.

_____. *Ecologia: Grito da Terra e Grito dos Pobres*. São Paulo: Ática 2000.

_____. *Ecologia, mundialização e espiritualidade*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

_____. *A Santíssima Trindade é a melhor comunidade*. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. *Século XXI, Século da Espiritualidade?* 2001. Disponível em: <<http://www.leonardoboff.com/site/lboff.htm>>; Acesso em: 06 de maio de 2009.

CAPRA, Fritjof. *As conexões ocultas. Ciência para uma vida sustentável*. São Paulo: Cultrix, 2002.

_____. *O ponto de mutação*. São Paulo: Cultrix, 2006.

_____. *O tã da física: um paralelo entre a física moderna e o misticismo oriental*. São Paulo: Cultrix, 2000.

CARREIRO, Vanderli Lima. Amor. In: BORTOLLETO, Fernando Filho. *Dicionário Brasileiro de Teologia*. São Paulo: ASTE, 2008, p. 32-33).

CASALDÁLIGA, Pedro; VIGIL, José Maria. *Espiritualidad de La Liberación*. Guevara: Sal Terrae, 1992.

CASTRO, Valdir José de. *Espiritualidade Cristã: mística da realização humana*. São Paulo: Paulus, 1998.

CATÃO, Francisco. *Espiritualidade Cristã*. São Paulo: Paulinas, 2009.

CAVALCANTE, Ronaldo. *Espiritualidade cristã na história: das origens até santo Agostinho*. São Paulo: Paulinas, 2007.

CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 1993.

CREMA, Roberto. *Introdução a visão holística: breve relato de viagem do velho para o novo paradigma*. São Paulo: Summus, 1989.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO, III, 1979, *Puebla*. Santiago: Conf. Episcopal. 1979.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO, IV, 1992, *Santo Domingo*. São Paulo: Celam. 1992.

CONSTITUIÇÃO Dogmática *Lumen Gentium*. In: VIER, Frederico (coord. geral). *Compêndio do Concílio Vaticano II*. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

CONSTITUIÇÃO Pastoral *Gaudium et Spes*. In: VIER, Frederico (coord. geral). *Compêndio do Concílio Vaticano II*. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

DENZINGER, Heinrich; HÜNERMANN, Peter. *Compêndio dos Símbolos, Definições e Declarações de Fé e Moral*. São Paulo: Paulinas; Loyola. 2007.

Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo/ dirigido por Casiano Samanes e Juan-José Tamayo-Acosta. São Paulo: Paulus, 1999.

DECRETO *Unitatis Redintegratio*. In: VIER, Frederico (coord. geral). *Compêndio do Concílio Vaticano II*. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

DECRETO *As Gentes*. In: VIER, Frederico (coord. geral). *Compêndio do Concílio Vaticano II*. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

DOS ANJOS, Márcio Fabri, Evangelização e inculturação: introduzindo as questões. In: DOS ANJOS, Márcio Fabri, *Inculturação: desafios de hoje*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

ESPEJA, Jesús. *Espiritualidade cristã*. Petrópolis: Vozes, 1995.

EXORTAÇÃO Apostólica *Evangelii Nuntiandi*. São Paulo: Paulinas, 2001.

GALILEA, Segundo. *O caminho da espiritualidade: visão da atual renovação cristã*. São Paulo: Paulinas, 1983.

GIMARÃES, Carlos Antonio Fragaso. *O Novo Paradigma Ecológico-Holístico*, 2006. Disponível em: <<http://br.geocities.com/carlos.guimaraes/holistica.html>> Acesso em: 10 de abril de 2009.

GUTIÉRREZ, Gustavo. *Beber no próprio poço: Itinerário espiritual de um povo*. Petrópolis: Vozes, 1987.

GRECH, Prosper. Experiência espiritual bíblica: novo testamento. In: GOFFI, Tullo; SECONDIN, Bruno. *Problemas e Perspectivas de Espiritualidade*. São Paulo: Loyola, 1992.

HAWKING, Stephen. *O universo em uma casca de noz*. São Paulo: Mandarin, 2001.

KERBER, Guillermo. *O ecológico e a teologia Latino-americana: articulações e desafios*. Porto Alegre: Sulina, 2006

KUN, Thomas. *A Estrutura das Revoluções Científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

LAGUGNA, Catherine. *God for us: the Trinity and Christian life*. San Francisco: HarperCollins, 1993

LASZLO, Ervin. *Macrotransição: o desafio para terceiro milênio*. São Paulo: Axis Mundi: Antakarana/Willis Harman House, 2001.

MALDAMÉ, Jean-Michel. *Cristo para o Universo: Fé cristã e cosmologia moderna*. São Paulo: Paulinas, 2004.

MOLTMANN, Jürgen. *Vinda de Deus: a escatologia cristã*. São Leopoldo: Unisinos, 2003

_____. Deus na criação: doutrina ecológica da criação. Petrópolis: Vozes, 1992.

NOLAN, Albert. Jesus Hoje: uma espiritualidade de liberdade radical. São Paulo: Paulinas, 2008.

ONU/PNDU - Objetivos de Desenvolvimento do Milênio, 2010. Disponível em: <<http://www.pndu.org.br/odm>> Acesso em: 19 de junho de 2010.

PELLIZZOLI, M. L. *A emergência do paradigma ecológico: reflexões ético-filosóficas para o século XXI*. Petrópolis: Vozes, 1999.

SALVADOR, Federico Ruiz. *Compêndio de teologia espiritual*. São Paulo: Loyola, 1996.

SUESS, Paulo. Evangelização e inculturação: conceitos, questionamentos e perspectivas. In: DOS ANJOS, Márcio Fabri, *Inculturação: desafios de hoje*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994, p 34.

SUNG, Jung Mo. *Cristianismo de libertação: espiritualidade e luta social*. São Paulo: Paulus, 2008.

SUSIN, Luiz Carlos. *A criação de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2003.

SUSIN, Luiz Carlos. *Deus: Pai, Filho e Espírito Santo*. São Paulo: Paulinas, 2003.

SUSIN, Luiz Carlos. Irmão sol, irmã lua: por uma espiritualidade holística. *Falô!*, Viamão / RS, v. 1, p. 05-05, 01 mar. 2002.

TAMAYO-ACOSTA, Juan José. *Cadernos de Teologia Pública: Espiritualidade e respeito à diversidade*. Instituto Humanistas.

ZILLES, Urbano. Projeto de uma Ética Mundial. *Teocomunicação*, Porto Alegre: Edipucrs v. 37, n.156, jun. 2007, p. 223-229.